



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

LARISSA PEREIRA ALMEIDA

**GÊNERO CARTA-CORRENTE DIGITAL:
ESTUDO DOS ASPECTOS FORMAIS E FUNCIONAIS**

FORTALEZA-CEARÁ

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

LARISSA PEREIRA ALMEIDA

**GÊNERO CARTA-CORRENTE DIGITAL:
ESTUDO DOS ASPECTOS FORMAIS E FUNCIONAIS**

Dissertação de Mestrado que será apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Dra. Bernardete Biasi-Rodrigues
Co-orientador: Dr. Júlio César Rosa de Araújo

**Fortaleza- Ceará
2007**

Esta Dissertação de Mestrado foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades (CH) da referida Universidade.

Autorizo, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

LARISSA PEREIRA ALMEIDA

BANCA EXAMINADORA

DR. JÚLIO CÉSAR ROSA DE ARAÚJO [UFC]
PRESIDENTE/CO-ORIENTADOR

DRA. BERNADETE BIASI-RODRIGUES [UFC]
ORIENTADORA

DRA. IÚTA LERCHE VIEIRA [UECE]
PRIMEIRA EXAMINADORA

DRA. MARGARETE FERNANDES SOUSA [UFC]
SEGUNDA EXAMINADORA

DRA. MÔNICA MAGALHÃES CAVALCANTE [UFC]
SUPLENTE

Dedicatória

Mamãe, Bernardete e Júlio:
esta vitória é para vocês.
Obrigada, Deus!

Agradecimentos

“- CV, como coloco seu nome nos agradecimentos?

- Ah, e vai colocar? Pensei que só entraria o nome de quem realmente ajudou com alguma coisa.”

Pensei um pouco sobre isso e cheguei à conclusão de que meu amigo CV tem razão. A vontade de colocar o nome de algumas pessoas neste pequeno espaço é tentadora. Afinal, essa é a parte do projeto que mais parece com o auto. É onde um pedacinho do ser humano aparece e, mesmo que por alguns breves instantes, a Larissa escreve no lugar da ALMEIDA. Então, por mais que eu não cite todos os nomes que gostaria, tenho certeza que caberia muita gente aqui. E meu obrigado especial é para o criador. Antes de todos, antes de tudo. Obrigada, Deus.

Dona Jandira, obrigada por seu exemplo, e pela valiosa dádiva de lhe chamar de “mãe”. Pai, irmãos, tias, tios, primas, primos e agregados. Não tenho a menor dúvida de que sem vocês, não conseguiria.

Professora **Mônica**, obrigada pela atenção e ajuda. Suas orientações foram importantíssimas e sua dedicação serve, para todos, como exemplo a ser seguido. Professor **Nelson**, obrigada por acompanhar meu trabalho em todo o processo de formação. Como membro de algumas bancas examinadoras pelas quais passei, agradeço (e muito) suas contribuições! Professora **Maria Elias**, o que seria do mundo acadêmico sem a metodologia científica? Acho que sobraria pouca coisa. E viva a pesquisa! Professor **Leonel**, obrigada por me fazer conhecer um outro Chomsky. Ah, e por me apresentar a Teoria X-barra, e tal. Professora **Márcia**, obrigada pelas sua ajuda e pelas explicações sobre Funcionalismo. ☺

Um obrigada especial para **Laura** e **Antônia** (e bolsistas, por tabela). Obrigada pela atenção, carinho, e principalmente, por exercerem tão bem as tarefas atribuídas. Obrigada, também, aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFC.

Aos fofos e fofas colegas de turma, obrigada pelo apoio e paciência nas aulas.

Amigos, vocês são a prova certa de que existe vida além da academia. Ainda que poucos, sei que são verdadeiros. Muito mais que verdadeiros: insubstituíveis! Mesmo que não tenham ajudado diretamente na produção dessa dissertação, vocês me ajudaram a manter o equilíbrio necessário para terminar. Obrigada, Rafa, CV, Jac, Renato, Luciana, Mônica, Gezenira, Priscilla, Aurenívia, Ana Patrícia, Renata, Denise, Gi, Kézia, Marcus, Martin e mais alguns que o espaço não permite...

Professora **Bernardete** e professor **Júlio**, muito mais que orientadores, vocês foram como porto seguro para mim. Nossa relação superou a educação formal entre orientadores e orientanda e alcançou um nível especial de amizade, carinho, respeito e admiração. Obrigada mesmo, de coração, por todo o esforço e dedicação, pelas horas de consolo e diversão e por todas as contradições possíveis que envolvem o processo de produção de uma Dissertação de mestrado.

Obrigada a **FUNCAP –Ce** pelo suporte financeiro para realização desta pesquisa.

Resumo*

Enviadas por e-mail a diversos destinatários, as cartas-corrente surgem cada vez mais freqüentes nos correios eletrônicos. Este trabalho de pesquisa analisa as cartas-corrente digitais por meio de uma orientação sócio-retórica de gêneros e possui fundamentação teórica composta pelos postulados de Bakhtin (1981, 1997), passando por concepções atuais de Swales (1990, 1992) e Bhatia (1993, 2004). A pesquisa nos permitiu alcançar os objetivos específicos de identificação das cartas-corrente e diferenciação dos outros gêneros que circulam por e-mail, analisar seus propósitos comunicativos específicos e identificar as regularidades formais e funcionais encontradas nos exemplares. Observamos que nas cartas-corrente digitais, assim como em outros gêneros, os aspectos formais e funcionais estão intimamente ligados e que as tornam diferentes entre si é o uso dos recursos lingüísticos e de apresentação da ordem de idéias, que estão ligados ao tema apresentado e ao conhecimento institucional do ambiente de replicação. A análise nos permitiu identificar as regularidades da carta-corrente digital e alguns aspectos que são específicas do próprio gênero não apenas por se tratar de uma mensagem que circula por e-mail, mas por levar em consideração as peculiaridades desse meio, as estratégias de escrita e a abordagem de assuntos que configuram como específicos.

(196 palavras)

*PALAVRAS-CHAVE: CARTAS-CORRENTE DIGITAIS, GÊNERO, PROPÓSITOS COMUNICATIVOS ESPECÍFICOS, ASPECTOS FORMAIS E FUNCIONAIS

Abstract*

This research analyzes the digital chain letters through the sociorethoric perspective of gender, that consider speech gender as an interaction process between people and places where it is in. The approach of textual gender discourse is based on propositions of Bakhtin (1981, 1997), Swales (1990, 1992) and Bhatia (1993, 2004). The *corpus* is composed of 36 digital chain letters copies. The methodology procedure is based on Bhatia (1993) and allowed us to identify digital chain letters by others genders that are in the *web*. The main purpose is to analyze the formal and functional aspects of digital chain letters and the specific objectives are: to analyze digital chain letters specifics purposes; to identify the standardized form characteristics; to analyze the standardized functional characteristics in the samples. The characteristics analyzed showed the essence of digital medium inside the texts. Evidenced, either, a standardized constitution of linguistics and functional aspects, that are connected to their specific purposes and have digital evidence inside constitution and text.

(163 Words)

*KEY-WORDS: DIGITAL CHAIN LETTERS, GENRE, SPECIFICS PURPOSES, FORM AND FUNCTIONAL VALUES

Ó minh' alma, dá o salto mortal
[e desaparece na bruma sem pesar!
Sem pesar ter existido e não ter saboreado o inexistível.
Quem sabe um dia o alcançarás, alma conclusa?

....

Ó, minha alma, ó de ninguém, ó alma liberta.
A parceria terminou, estamos quites!

Autor desconhecido

Sumário

FIGURAS

Fig. 1- Caixa de entrada de correio eletrônico	49
Fig. 2- Mensagem de e-mail recebida (aberta).....	50
Fig. 3- Formato de e-mail para enviar mensagem.....	51
Fig. 4- Categorias funcionais identificadas por Coimbra (2002) nas cartas-corrente digitais	57
Fig. 5- Análise de Coimbra (2002) sobre o exemplar de seu <i>corpus</i>	77
Fig. 6- modelo de carta-corrente digital recebida em correio eletrônico.	90
Fig. 7- Mensagem da carta-corrente aberta, evidenciando o grande número de destinatários que receberam a mesma carta anteriormente	91

TABELAS:

Tabela 1: ocorrência de marcas textuais	74
Tabela 2: Ocorrência de elementos da organização textual	75
Tabela 3: Termos modalizadores antes do pedido de replicação	123
Tabela 4 : Quadro comparativo do uso de 3ª pessoa	126
Tabela 5: encerramento com assinatura	130

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 1	19
REVISÃO DA LITERATURA SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS E CARTAS-CORRENTE	19
1.1 <i>Concepção bakhtiniana de gênero</i>	20
1.2 <i>A concepção sócio-retórica de gênero: Swales e Bhatia</i>	28
1.3 <i>O papel do propósito comunicativo na análise de gênero</i>	35
1.4 <i>O gênero no meio digital</i>	38
1.4.2 <i>A carta-corrente como gênero textual</i>	52
CAPÍTULO 2	59
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
2.1 <i>O gênero em seu contexto situacional</i>	60
2.2 <i>Literatura existente</i>	61
2.3 <i>Refinamento/delimitação da análise no contexto-situacional</i>	62
2.4 <i>A escolha do corpus</i>	63
2.5 <i>Conhecimento institucional</i>	72
2.6 <i>Níveis de análise lingüística</i>	73
2.7 <i>Informações especializadas para análises de gêneros</i>	78
CAPÍTULO 3	82
ANÁLISE DOS ASPECTOS ESTRUTURAIS DA CARTA-CORRENTE DIGITAL	82
3.1 <i>A Carta-corrente digital e o contexto situacional/ institucional</i>	84
3.1.2 <i>Carta-corrente digital e contexto de replicação</i>	85
3.2 <i>Os propósitos comunicativos das cartas-corrente digitais</i>	93
3.2.1 <i>Identificação das cartas-corrente de acordo com os propósitos específicos</i>	95
a) <i>Saúde</i>	98
b) <i>Prêmio material</i>	99
c) <i>Alerta contra vírus</i>	100
CAPÍTULO 4	102
ANÁLISE DOS ASPECTOS FUNCIONAIS E FORMAIS DA CARTA-CORRENTE DIGITAL	102
3.3 <i>Estrutura da carta-corrente digital e suas características funcionais</i>	103
a) <i>Apresentação dos interlocutores</i>	105
b) <i>Motivação para a leitura completa da mensagem</i>	108
c) <i>exposição do tema</i>	109
e) <i>Mecanismos de funcionamento</i>	113
f) <i>Conseqüências da replicação</i>	114
g) <i>Cota de reenvio</i>	115
h) <i>Informações especializadas</i>	117
i) <i>Solicitação de reenvio</i>	119
j) <i>assinatura</i>	121
4.1 <i>Características formais</i>	102
a) <i>Presença de termos modalizadores antes do pedido de replicação</i>	123
b) <i>Uso da terceira pessoa ao se referir ao leitor</i>	124
c) <i>Presença de adjetivos no texto</i>	127
d) <i>Encerramento com assinatura</i>	129
e) <i>Termos técnicos/específicos</i>	130
f) <i>Verbos indicadores de instrução de reenvio</i>	134
g) <i>Verbos indicadores de solicitação de reenvio</i>	135
h) <i>Uso de caixa alta</i>	137
4.2 <i>Estabelecendo relações entre os dados</i>	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	152
ANEXOS	157

Considerações Iniciais

*Os problemas que ocupam a atenção dos homens mudam, não de uma forma arbitrária mas, geralmente, de acordo com as demandas em mudança da sociedade (...) Este deslocamento do interesse público parece ser devido à soma de várias tendências sociais.
(MERTON e LAZARFIELD, 1964, p105)*

Se pudéssemos descrever como o homem se relaciona em sociedade no século XXI, colocaríamos em questão muitos elementos que dizem respeito não somente aos espaços geográficos mas a outras formas de convívio. E todas elas desembocam para o que o homem vem procurando desde o começo do seu tempo como ser racional: o desenvolvimento de tecnologia direcionado para o bem-estar.

Desde a invenção da eletricidade, a humanidade nunca se viu tão dependente de tecnologia como na atualidade. A cada dia, novos aparelhos eletrônicos “entram” na grande malha tecnológica, despertando a criação de outros similares ou superiores aos que já estão no mercado. Assim, a sociedade vai se adaptando e sendo adaptada a um movimento tecnológico que engloba diversos fatores, inclusive o mundo digital dos computadores e celulares.

A interação homem/sociedade-máquina despertou a atenção de teóricos de todas as áreas. Na Linguística, muitos estudos estão voltados para os gêneros digitais, uma vez que pesquisadores da área vêem diante de si uma oportunidade valiosa de estudar os fenômenos da linguagem em um campo novo, o virtual. Essa oportunidade diz respeito aos estudos sobre como a linguagem é usada no meio digital¹.

¹ Exemplos desses estudos podem ser vistos em trabalhos reunidos em Paiva (2001); Marcuschi e Xavier (2004); Araújo e Biasi-Rodrigues (2005); Coscarelli e Ribeiro (2005) e em Araújo (2007) para fazermos referências aos mais atuais.

Instigados pela curiosidade natural sobre esse meio de interação, optamos por pesquisar como o gênero carta-corrente² se realiza no meio digital. O gênero, que fora tão comum no meio tradicional, apresenta traços de migração para o meio digital, adaptando-se às possibilidades tecnológicas e criando novas formas de comunicar. Assim, o que antes se propagava exclusivamente por meio de papel, surge também no meio virtual, alcançando meios de perpetuar sua existência de forma independente do suporte. Uma vez observado esse fenômeno, perguntamo-nos como essa mudança de ambiência discursiva afeta a carta-corrente e, por isso, optamos por analisar esse gênero que circula no meio digital, identificando e descrevendo seus aspectos formais e funcionais. Consideramos que a importância desta pesquisa está no fato de que, até o presente momento, poucos trabalhos³ investigaram as cartas-corrente que se propagam pelo meio digital, sendo que nenhum deles se aprofundou nas cartas-corrente que se propagam exclusivamente pelo meio e tampouco analisam seus aspectos formais e funcionais de forma aprofundada.

Entendemos que a carta-corrente digital se coloca em um patamar especial ao que geralmente é destinado às mensagens impessoais que circulam na grande rede: embora desprezadas pela maioria dos seus receptores e vistas como lixo eletrônico, as correntes que se propagam por e-mail⁴ podem conservar características da escrita, importantíssimas para entender o fenômeno de replicação nos dias atuais. Por esta razão, o presente trabalho possui como objetivo geral a identificação e análise dos aspectos formais e sócio-comunicativos das cartas-corrente digitais que circulam por e-mail.

Para alcançar o nosso objetivo de análise da carta-corrente digital, partimos dos postulados teóricos e das concepções de gênero de Bakhtin (1997). Tal escolha se justifica na medida em que o seu direcionamento parte do sentido de que qualquer texto

² Embora também seja conhecida como “texto anônimo”, optamos por denominar o objeto de nossa pesquisa por carta-corrente por considerarmos que o termo é o mais apropriado, tanto pelo termo “carta”, que faz referência ao gênero originário, quanto pelo termo “corrente”, que ressalta a característica principal dos textos, o de ser encaminhado em cadeia, como elos de uma corrente.

³ Alguns trabalhos que se debruçaram sobre o fenômeno em tela são Araújo, P, 2003; Meurer, 2002; Arsdale, 1998,2002. Mais adiante esses trabalhos serão retomados e discutidos.

⁴ O termo e-mail pode significar tanto a mensagem eletrônica como a caixa de correio digital. Usaremos neste trabalho, o termo e-mail como significando caixa de correio eletrônico e, também, especificaremos a mensagem como “mensagem de e-mail”. Discussões sobre o estatuto genérico do e-mail podem ser encontradas em Paiva (2004).

(oral ou escrito) se realiza em forma de gênero, embora nem sempre saibamos identificá-lo ou reconhecê-lo de forma imediata. Não sabemos precisar o gênero específico da carta-corrente digital, se esta faz parte do gênero carta-corrente ou se já se configura em um gênero novo. Muito antes de qualquer afirmação, nosso trabalho objetiva discutir as evidências da constituição da carta-corrente digital enquanto gênero e não a comprovação dos textos enquanto pertencentes a uma definição nova, ainda que haja indícios que sugiram essa mudança.

As cartas-corrente digitais formam o nosso *corpus* e, para a análise dos seus aspectos sócio-comunicativos, seguiremos a abordagem de Marcuschi (2000; 2004) sobre as relações entre os gêneros do discurso e reconhecimento do gênero a partir de relações sociais. Em grande parte do seu trabalho, Marcuschi aborda o meio digital como causador de “impacto”⁵ no meio tradicional e ressalta que o atual contexto do “discurso eletrônico” é ideal para analisar os efeitos de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nas tecnologias “emergentes”. O autor também prioriza a observação do gênero na relação com a comunidade, a história, a cultura, além dos propósitos comunicativos e a observação do meio digital e de aspectos da inter-relação homem-máquina, que nos é útil para compreender os aspectos pragmáticos que compõem o gênero.

Baseado no conhecimento inicial do espaço onde o gênero se realiza (no nosso caso, no meio digital), e observando a sua relação com o meio, iniciamos a coleta do nosso *corpus*. Para compô-lo, foi preciso coletar cartas-corrente de diferentes formas: algumas delas foram recebidas por e-mail e, outras, coletadas de um site que armazena e expõe na Internet⁶. Poderíamos ter coletado apenas as que chegariam por e-mail, mas isso nos daria um trabalho muito grande e poderia retardar o início dos trabalhos. Embora as coletadas no site sejam suficientes para descrever os aspectos que queremos evidenciar, incluímos algumas cartas recebidas por e-mail para que pudessemos analisá-las em seu contexto de replicação.

⁵ Embora utilizemos a obra de Marcuschi como apoio teórico para este trabalho, consideramos o termo “impacto” equivocado, pois, baseados em Schaff (1985), Rheingold (1996) e em Levy (1998, 1999), acreditamos que as novidades digitais e tecnológicas não causam impacto, mas sim mudanças.

⁶ Coletamos as cartas-corrente digitais do site www.quatrocantos.com

A natureza da coleta das cartas não apresenta um prejuízo ao trabalho acadêmico, pois o texto dos exemplares pode ser lido na íntegra nos sites. Para suprir a necessidade de observação do comportamento das mensagens em meio digital, utilizamos acervo próprio.

Para delimitar o que seriam cartas-corrente, chegamos a conclusão de que podem ser definidas como textos que expõem questões visando benefício individual ou coletivo e que têm como característica fundamental o pedido de replicação, de modo que a mensagem se perpetue indefinidamente. Antes, as cartas-corrente eram encontradas na versão em papel e colocadas embaixo da porta ou recebidas por correio. Hoje, as caixas de correio eletrônico são o seu novo lugar de constituição e circulação, sofrendo influências do meio e se adaptando ao novo suporte. No entanto ainda é possível encontrar em algumas localidades físicas a propagação das cartas tradicionais.

Atualmente, os estudos sobre a formação dos gêneros se tornaram imprescindíveis por diversos motivos, entre eles a possibilidade de acompanhar o “nascimento” de um fenômeno novo que se desenvolve em escala mundial. Embora não tenham sido influenciado diretamente pelo teórico russo, Swales (1990, 1992, 1997) e Bhatia (1993, 1997, 2004) desenvolvem discussões teóricas sobre gêneros, ampliando o debate e propondo alternativas para a análise de gêneros.

Ao procurar estabelecer uma relação entre o gênero carta-corrente digital com um gênero mais antigo, partimos do gênero carta pessoal, que consideramos baseados em Paiva (2004), Bazerman (2005) e Zanotto (2005) como um dos gêneros originários de muitos outros (como carta comercial, por exemplo). Sobre as cartas-corrente que se propagam por e-mail, a bibliografia existente parecia seguir a mesma linha de classificação por informação veiculada (COIMBRA, 2002; ARAÚJO, P. 2003a; MEURER, 2002, ARSDALE, 2002) e quase nada sobre seus propósitos específicos e organização formal e funcional (relacionadas ao seu ambiente de circulação, composição e replicação), essenciais para estudo do gênero.

A partir de estudos preliminares de Orlikowski e Yates (1994) sobre a linguagem na Internet e sobre como os gêneros se comportam no meio digital (levando em conta uma análise sociointeracional), Crowston e Williams (1997) desenvolveram

uma pesquisa tendo como finalidade a classificação dos gêneros presentes no meio digital, uma vez que muitas das páginas virtuais pesquisadas recriam no ambiente virtual o que já é comum nos meios tradicionais de comunicação (como jornais impressos). Embora a presença dessas páginas com semelhanças fosse recorrente, também foram encontradas muitas páginas adaptadas às vantagens de interatividade da nova mídia. Essa abordagem nos auxilia a classificar as cartas-corrente e a estabelecer os pontos-chave de semelhança do gênero analisado com o que consideramos ser o gênero mais próximo do original.

Embora as pesquisas apresentem os elementos da superestrutura mais recorrente, não houve aprofundamento na análise dos propósitos comunicativos e constitutivos deste gênero. Arsdale (2002) pesquisou o histórico das cartas-corrente e as disponibilizou na Internet. Embora seu foco não seja a carta-corrente digital, o pesquisador traça um percurso evolutivo do gênero do meio tradicional até a chegada da Internet.

O maior aprofundamento na análise da estrutura das cartas está no estudo de Coimbra (2002). Partindo da noção de superestrutura desenvolvida por Van Dijk (1992), Coimbra classificou os elementos da superestrutura recorrentes em cartas-corrente, mas não aprofundou a questão da carta enquanto gênero textual, deixando em aberto se as mensagens em forma de corrente que se propagam por e-mail constituem ou não um “novo” gênero. Ela também não contemplou as relações funcionais a que o gênero atende, deixando a questão em aberto.

As lacunas nos estudos sobre a carta-corrente digital ainda são muitas. Não foram identificados em pesquisas anteriores, por exemplo, os traços de alteração e de permanência do gênero, nem uma possível evolução das cartas já dentro da Internet, possivelmente num processo de mudança muito mais rápido dentro do meio digital que nas versões impressas. As pesquisas já existentes abriram o tortuoso caminho da classificação das cartas e o de expor alguns aspectos que as constituem, mas não fazem uma investigação mais profunda de seu estatuto genérico. É com o objetivo de preencher esta lacuna, referente às cartas-corrente que se propagam exclusivamente no meio digital (e que, em outro meio, não alcançam o objetivo primordial de replicação) que propomos este trabalho.

Entre as contribuições para o estudo das cartas-corrente, analisamos o gênero dentro do seu ambiente, o meio digital. Por sua própria estrutura, que exige a replicação fiel do texto, as cartas-corrente têm como característica lingüística a lenta mutabilidade⁷ de organização textual e de termos específicos. Além disso, observamos a coexistência de diversas “gerações” de cartas, circulando esporadicamente, mas nunca desaparecendo por completo. A carta-corrente digital é, para nós, um agrupamento de gêneros que tem sua pré-existência na carta-corrente impressa. Esses gêneros são atravessados por um propósito comunicativo geral, mas se tornaram distintos por seus propósitos comunicativos específicos, os quais materializam-se em recursos lingüísticos que lhes são próprios.

Diante do *corpus* coletado e dos trabalhos já produzidos na área, estabelecemos como objetivo geral a análise dos aspectos formais e funcionais da carta-corrente digital. Para contemplar o objetivo geral, encontramos quatro objetivos específicos que ajudarão a tornar a análise mais completa.

O **primeiro objetivo específico** é a identificação das cartas-corrente digitais dos outros textos que, ao circularem na Internet, possuem propósitos comunicativos semelhantes. Nossa hipótese é de que a carta-corrente digital possui elementos que são capazes de diferenciá-la. Ela não pode, por exemplo, ser classificada como *spam* por possuir características específicas e condições de formação diferentes. Para alcançá-lo, partimos da orientação metodológica de Bhatia (1993), que propõe o conhecimento e observação do meio onde o gênero circula e que se encontrem mecanismos de identificação dos mesmos.

O **segundo objetivo específico** foi o de analisar os propósitos comunicativos específicos das cartas. Nossa hipótese, que partiu da observação de diferentes exemplares, é que as cartas apresentam um propósito geral que as une (replicação da mensagem), mas que se agrupam em propósitos comunicativos específicos. Partimos, para tanto, da discussão teórica relativa ao abstruso conceito de propósitos

⁷ Quando falamos em “lenta mutabilidade”, nos referimos a uma junção de diversos fenômenos intrincados que resultam em um texto com poucas alterações formais. Entre os fenômenos, destacamos a facilidade de replicação através de um clique (arquivo encaminhado, *forward*), a extrema agilidade exigida pelo meio e, principalmente, a “urgência” em repassar a mensagem, que levaria certo tempo para que o usuário modificasse o conteúdo da mensagem e explicasse com suas próprias palavras.

comunicativos, especialmente com base em Askehave e Swales (2001) e, também na orientação teórico-metodológica de Bhatia (1993; 1997).

Nosso **terceiro objetivo específico** é a identificação das regularidades funcionais encontradas nas cartas-corrente digitais. Nossa hipótese é que as cartas possuem regularidades de apresentação que as tornam identificáveis pelos usuários de e-mail. Como não existe um “manual” para compor a carta-corrente digital, acreditamos que os usuários recorram a certas estratégias implícitas nas mensagens, produzindo relativa regularidade de identificação. Essa regularidade, de aspectos funcionais, está intimamente ligada ao nosso próximo objetivo específico.

O **quarto objetivo específico** da nossa pesquisa é a identificação e análise de aspectos formais que são regulares nas cartas-corrente digitais. Baseamos-nos em Bakhtin (1997) quando este afirma que o enunciado reflete as condições específicas das esferas de atividade humana, e que os recursos lexicais e gramaticais refletem na construção e percepção dos gêneros. Nossa hipótese é que as cartas-corrente possuem certa regularidade no uso de alternativas lexicais para composição da mensagem. Essa regularidade evidencia, muito mais do que “estilos” de escrita, uma identidade que se imprime na composição das cartas-corrente e que revela a essência do meio digital de maneira sutil, porém não imperceptível.

Os pressupostos teóricos abordados, os objetivos levantados e a análise dos dados podem ser apreciados ao longo dos capítulos que compõem esta dissertação. No capítulo 1, apresentamos a revisão da literatura, concernente aos estudos sobre gêneros textuais e cartas-corrente. São apresentadas as concepções sócio-retóricas de gênero, que têm como expoentes os teóricos Bakhtin, Bhatia e Swales e, também, uma discussão sobre propósitos comunicativos. A natureza da carta-corrente foi investigada, assim como o meio em que ela se reproduz e transita, o digital.

No capítulo 2 descrevemos os procedimentos metodológicos, os instrumentos de análise e a forma que encontramos para organizá-los de acordo com as orientações teórico-metodológicas sugeridas por Bhatia (1993).

No capítulo 3 encontra-se a análise das cartas-corrente digitais em seus aspectos estruturais, levando em consideração seu contexto situacional/institucional e seus

propósitos geral e específicos. Foi feita, também, uma demarcação da carta-corrente digital que a separa (ou distancia) dos outros gêneros que circulam por e-mail.

No capítulo 4 abordamos os aspectos formais e funcionais das cartas-corrente. Optamos por manter os dois aspectos juntos por considerar tanto aspectos formais como informais como dois lados de uma mesma moeda, inseparáveis para compreensão do sentido de um gênero. O capítulo foi dividido em dois pontos, sendo um para cada objetivo específico. Ao final do capítulo, apresentamos uma pequena relação entre os dados.

Nas considerações finais apresentamos a correlação existente entre carta-corrente e o seu meio, o digital, além de estabelecer a ligação existente entre forma e função. Apresentamos, também, as implicações da pesquisa e as sugestões de continuidade do trabalho.

O anexo deste trabalho é formado por algumas cartas-corrente digitais, escolhidas aleatoriamente apenas para demonstração do corpus. Anexamos, também, exemplares de cartas-corrente tradicionais, em sua versão impressa, com o mesmo objetivo de ilustração das diferenças.

Capítulo 1

Revisão da literatura sobre gêneros textuais e cartas-corrente

“Novo “pharmakon”, a inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um veneno para os que dela não participam (e ninguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes”
(LEVY, 1999, p.30)

Neste capítulo trataremos das concepções de gênero tendo como base sua ligação com os elementos sociais, o propósito comunicativo e as escolhas lexicais. Optamos por apresentar teóricos que entendem que as regularidades da forma do gênero são importantes para sua instituição e reconhecimento, mas que consideram que esses aspectos são superficiais e insuficientes para a caracterização e compreensão dos mesmos. Em realidade, as regularidades formais parecem refletir um contexto mais amplo que envolve aspectos sociais e culturais na sua formação e que, em hipótese nenhuma devem ser desprezados, pois estão intrinsecamente ligados à linguagem.

Partimos, então, da concepção de gênero de Bakhtin (1997), passando pela abordagem sócio-retórica contemporânea de Swales (1990, 1992) e de Bhatia (1993). Essas abordagens dão suporte à análise do gênero carta-corrente que, ao serem transmutadas pela Internet, encontram no meio digital uma forma de propagação específica, alterando-lhe a genericidade.

Para analisar a organização dos aspectos lingüístico e funcionais da carta-corrente digital, iniciamos o percurso teórico partindo da noção bakhtiniana de gênero. Em seguida, abordamos a noção de propósito comunicativo proposta por Askehave & Swales (2001) e, sobre os aspectos tecnológicos e abordagem do gênero, usamos Paiva (2004), Crowston & Williams (1997) e Marcuschi (2004). Para a análise metodológica de aspectos lingüísticos formais e funcionais do gênero, adotaremos Bhatia (1993). Para

abordagem da carta-corrente enquanto gênero, adotamos Coimbra (2002) e Arsdale (2002).

1.1 Concepção bakhtiniana de gênero

A origem dos estudos sobre gêneros remonta aos estudos de Aristóteles sobre retórica e os tipos de texto, cujo foco estava na sistematização dos gêneros retóricos e da produção poética. A arte retórica de Aristóteles (s/d) é a primeira sistematização de conhecimentos e idéias sobre a comunicação. Aristóteles sistematiza a retórica para tratar do verossímil a partir de três instâncias: do orador, dos juízes e do estilo. Separou os textos existentes em três tipos: o deliberativo (que procura persuadir ou dissuadir), o judiciário (que acusa ou defende) e o epidítico (que elogia e censura).

A teoria dos gêneros literários e retóricos de Aristóteles orientou, durante séculos, os estudos sobre gênero, evidenciando suas propriedades formais. Embora não dissociasse a forma dos gêneros das atividades sociais que ocorriam, a concepção de gênero ainda era tomada por propriedades fixas e padrões inflexíveis.

Com um salto de algumas centenas de anos, lança-se outro olhar sobre os gêneros. Bakhtin, filósofo russo, aborda a questão de gêneros e tem como ponto de partida a concepção do sujeito como ser social. Bakhtin (1997) enfatiza a interação social e valoriza o sujeito na definição de língua, pois, segundo ele, “todas as esferas de atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (p.279).

Nos estudos bakhtinianos o sujeito ocupa uma posição privilegiada, mas não é visto como ser individual, e sim, como ser social que vive num constante interfluxo de informações e de referências a textos e acontecimentos que constroem o social. A comunicação entre os sujeitos é vista como um processo contínuo de apropriação de práticas sociais que circulam na forma de textos orais ou escritos. É neste ponto que a teoria de gêneros de Bakhtin está relacionada à concepção de sujeito social. De acordo com Faraco (2003), que produziu uma obra analisando o Círculo de Bakhtin e seus pressupostos teóricos, os signos, na concepção do Círculo:

[...] emergem e significam no interior de relações sociais, estão *entre* seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinado por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significado. (p.48)

A teoria de Bakhtin não contempla o gênero em si como conjunto de eventos que *apenas* partilham propriedades formais, mas sim como formas que mantêm **relativa** estabilidade (imprescindível para o seu reconhecimento). A teoria, que continua defendida por autores contemporâneos como Araújo e Costa (2007), ressalta que existe uma estreita relação entre os tipos de enunciado (gêneros) e suas funções na interação sócio-verbal, enfocando as relações sociais.

Para Bakhtin, os gêneros do discurso apresentam as seguintes dimensões essenciais e indissociáveis: 1. os temas (formados ideologicamente) que se tornam comunicáveis através do gênero, 2. as estruturas comunicativas (forma composicional) que são partilhadas pelos textos pertencentes aos gêneros e as configurações específicas das unidades de linguagem e 3. as marcas lingüísticas ou de estilo (configurações específicas das unidades de linguagem).

A definição de **gênero** é apresentada por Bakhtin como tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua – partindo da verificação de que todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua⁸. As esferas de atividade (ou esferas comunicativas)⁹ podem ser definidas como espaços não necessariamente geográficos de interação humana, social e que possui uma dinâmica peculiar e complexa. A noção de esfera está subordinada ao entendimento da língua como lugar de interação social, no qual os indivíduos materializam, lingüisticamente, suas necessidades comunicativas e enunciativas. Diz respeito, diretamente, ao “lugar” de interatividade humana onde discursos são produzidos e reproduzidos, dando lugar não a um gênero específico, mas ao interfluxo de vários deles sempre levando consigo a marca de onde surgem e de onde aparecem no espaço.

⁸ É bom ressaltar que Bakhtin (1997, p.279) também contempla o aspecto individual na produção do enunciado. Segundo ele, “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual”.

⁹ Conforme ressaltado por Araújo (2004), Bakhtin não padroniza o termo, utilizando expressões como *esferas de atividade humana, esfera de comunicação e esfera de utilização da língua*.

A interação verbal submete-se às determinações da esfera da comunicação em que se realiza e vai “configurar” os modos de formatação dos recursos lingüísticos e os conteúdos utilizados pelos interlocutores.

Araújo (2005 [2003]¹⁰) faz uma reflexão sobre o assunto e conclui que esfera de comunicação pode ser definida como espaço próprio para práticas de comunicação humanas e que, por uma questão de necessidade, podem fazer surgir os gêneros do discurso que organizam a comunicação entre sujeitos. “(...) trazem as marcas da esfera, conferindo-lhes em sua organização composicional, temática e estilística uma relativa estabilidade” (p.11).

A noção de esferas comunicativas parte das relações entre parceiros da enunciação pois são estruturadas e determinadas socialmente. Em cada esfera, os parceiros da enunciação podem ocupar determinados lugares sociais, estabelecer certas relações hierárquicas e inter-pessoais, selecionar e abordar certos temas e adotar certas finalidades ou intenções comunicativas, a partir de apreciações valorativas sobre o tema e sobre a parceria. Para exemplificar as esferas bakhtinianas, tomemos como exemplo um grupo de adolescentes que se reúne aos sábados para dançar *rap*. O grupo pode ser formado de vizinhos ou não, pois o que os une é o gosto musical, e possui formas específicas de comunicação, que podem ser restritivas ou não. Os gêneros usados nessa esfera vão, segundo Bakhtin, satisfazer os propósitos comunicativos do grupo.

A esfera comunicativa não possui um limite de “pureza comunicativa”, isto é, o que é “criado” dentro desse grupo (como gírias ou expressões) nem é completamente original nem inteiramente infalível de ser modificado e levado a outras esferas comunicativas. O que é criado no grupo e para o grupo não é completamente original pois cada membro do grupo participa de diversas esferas comunicativas simultaneamente. A dinamicidade dos enunciados e dos falantes parte, segundo a noção bakhtiniana, justamente da concepção do sujeito como ser social. A vida e a língua se interpenetram e sofrem refrações e contribuições o tempo todo. Por isso percebe-se a impossibilidade de se falar em um discurso completamente original, adâmico.

¹⁰ Primeira edição datada de 2003.

O enunciado está sempre ligado ao tipo de atividade em que os participantes estão envolvidos. A partir do momento em que há interação social e uma relativa estabilidade de enunciados, é possível identificar os gêneros pertencentes a determinadas esferas de comunicação. Assim, com base nessas considerações bakhtinianas, é possível dizer que os enunciados, sejam orais ou escritos, têm conteúdo temático, organização composicional e estilo próprio correlacionados às condições específicas e às finalidades de cada esfera de atividade.

Para ilustrar a importância das esferas comunicativas para o presente trabalho, é necessário falarmos sobre a carta-corrente digital. Em sua forma tradicional, a carta-corrente impressa fazia parte do imaginário coletivo. Enviadas por um “anônimo” por debaixo das portas ou pelos correios, as cartas gozavam da pequena possibilidade de comprovação das informações ali veiculadas. Uma vez recebidas e lidas as cartas, restava ao “destinatário” replicá-las (recebendo um prêmio por sua fidelidade) ou ignorá-las (mesmo com o alto grau de ameaças registradas, como a morte ou acidentes na família). A esfera, neste caso um grupo heterogêneo de pessoas, gira em torno da leitura da mensagem, da compreensão e da disponibilidade de reescrita e replicação.

Com as cartas-corrente digitais¹¹, poderíamos dizer que a esfera de envio, recepção e replicação mudou, grande parte devido ao novo meio de replicação. Já não se tem cartas em sua forma física e palpável, mas cartas digitais que se replicam pelas caixas de correio eletrônico. Para que haja reprodução da mensagem, é preciso ter letramento digital, aqui entendido como um conjunto de noções sobre como navegar na Internet, de como escrever um e-mail e enviá-lo ou até mesmo de como encaminhar uma mensagem a outros destinatários. O novo tipo de letramento reclamado pela mudança de esfera pode ser importante na alteração genérica dessa prática discursiva, ou seja, as esferas de comunicação são diferenciadas e requerem observância de peculiaridades próprias.

¹¹ Consideramos cartas-corrente digitais como portadoras de características específicas, absorvidas do meio e com funcionalidades do meio. Em nosso entendimento, não se trata simplesmente de um que texto foi transplantado no meio digital sem que se fosse considerado o contexto pragmático. Considerar a sua natureza de produção e circulação e peculiaridades nos aspectos formais e funcionais é pré-requisito para análise do evento comunicativo enquanto gênero.

As noções de “navegação” de um usuário apontam para a necessidade da formação de uma cultura digital ou do conhecimento prévio do meio digital. Autores como Marcuschi (2004) chamam a atenção para o termo “letramento digital”, expressão que está se tornando comum para designar o aspecto de escrita dentro da realidade virtual. Abordaremos o assunto adiante, no item **1.4 O gênero no meio digital**.

Baseado nas esferas comunicativas, Bakhtin (1997) propôs uma distinção entre os gêneros existentes de acordo com a complexidade da comunicação que os envolve. Agrupou, então, os gêneros em primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros primários aparecem em circunstância de uma comunicação verbal espontânea, como a conversa cotidiana. Os gêneros secundários aparecem em circunstâncias mais complexas de comunicação e geralmente estão ligados a circunstâncias de uma comunicação cultural, científica, sociopolítica, ideológica, entre outras.

Durante o processo de sua formação, os gêneros secundários são passíveis de absorção e transmutação dos gêneros primários (simples). Estes, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro deles e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. Segundo Bakhtin (1997, p.286), “quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruimos e renovamos o próprio gênero”.

Embora Bakhtin sugira que os gêneros primários estejam presentes em uma comunicação verbal espontânea (oral) e os secundários sustentem uma comunicação mais complexa e escrita, isso não significa dizer que essas formas de atualização dos gêneros está cristalizada. É possível encontrar gêneros primários em versão escrita, como a carta pessoal, e gêneros secundários que se apresentam oralmente, como uma aula ministrada em um curso de pós-graduação em Lingüística, por exemplo.

Quando Bakhtin fala em processo formativo de alguns gêneros, aborda o fenômeno da **transmutação genérica**. A transmutação de um gênero ocorre a partir da incorporação da forma (mas não apenas isso) e, em alguns casos, do significado, pois quando um gênero passa de uma determinada realidade para outra, ele não é

simplesmente transplantado nessa nova esfera comunicativa: ele passa por um processo de adaptação de acordo com os propósitos comunicativos da mesma. Pode-se dizer que, em algumas situações, a transmutação de esferas altera o estatuto genérico dos textos. É neste sentido que Araújo (2006, p.109-110) alerta para o fato de que

existem casos em que a transmutação de uma esfera para outra sofrida por algum gênero não garante uma alteração genérica, portanto a transmutação não pode ser considerada uma garantia teórica de mudança de gêneros, ainda que isto aconteça em muitos casos, como os *chats*, por exemplo. (ARAÚJO, 2006, p.109-110)

À medida que as esferas comunicativas se tornam complexas, os gêneros tendem a reformatar-se para dar conta das novas necessidades que se instauram nelas. Não só o significado muda, mas também a relação do gênero com o exterior. Ele não é simplesmente transplantado para uma outra realidade, é adaptado e ocupa funções similares ao de seu “antecedente”, se é que podemos entender dessa forma. Esse processo de mudança do gênero é que foi considerado **transmutação** por Bakhtin (1997).

O exemplo citado pelo autor para ilustrar o fenômeno da transmutação é a carta pessoal. Tida como gênero primário, a carta pessoal pode fazer parte de um gênero mais complexo, como o romance e, também, absorver a realidade criada nele. Quando inserida no romance, a carta ou o diálogo (gêneros primários) só se integram à realidade existente através do enredo considerado como um todo, concebido como fenômeno da **vida literária** retratada ali, e não a vida cotidiana “real”.

Embora a conclusão mais simples seja a de que um gênero, ao ser transmutado, substitua o que lhe deu origem, essa linha de pensamento não é tão óbvia quanto parece, pois um gênero transmutado não elimina outro. Como veremos no decorrer deste trabalho, a questão da transmutação pode ser um pouco mais complexa. É provável que os gêneros transmutados demorem a ocupar o que poderia ser considerado o espaço de outro (o gênero “original”), mas certamente as esferas, as condições de existência e o propósito comunicativo serão diferenciados. Caso contrário, não haveria necessidade de um gênero ser simplesmente transmutado, caso fossem respeitadas as mesmas

condições de existência¹². Segundo Bakhtin (2002, pp. 273-274), um novo ambiente (ou uma nova esfera) requer gêneros que satisfaçam as suas necessidades comunicativas.

Mas nem por isso,

ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros existentes. Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível (BAKHTIN, [1929] 2002, pp. 273-4)

Embora conceba que gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, a noção bakhtiniana não se detém nos aspectos padronizados e normativos da língua. Ele acena para a possibilidade de mudança/variação do gênero, já que prioriza as relações sociais no reconhecimento desses gêneros. É importante que se tenha em mente a “mabealidade relativa” na construção do gênero pois há, ainda, a “tentação” dos analistas em reconhecer os gêneros apenas por suas características distintivas regulares (padronizadas e fixas). Vale lembrar que a forma tem o seu lugar, sim, e não deve ser preterida em proveito das relações sociais que se estabelecem e que ajudam a construir o sentido.

Para exemplificar a mudança de esfera e o reconhecimento dos gêneros, citamos o objeto de pesquisa de nosso projeto: as cartas-corrente digitais. As cartas-corrente em papel são, hoje, exemplares raros e quase não se encontram em circulação nos grandes centros urbanos.

Com a possibilidade de fazer com que a mensagem da carta se propague por outras maneiras/formas que não seja o papel, atualmente encontramos textos veiculados no ambiente virtual que podem ser identificados como carta-corrente digital. A esfera comunicativa mudou (da interação via mídia impressa para o meio digital), o suporte mudou (do papel para as telas de cristal líquido dos computadores), mas mesmo assim não é possível afirmar que a carta-corrente digital substitui a carta-corrente tradicional, pois, conforme dito anteriormente, o surgimento de modificações no gênero não significa afirmar que o outro está obsoleto. É justamente nesse ponto que o respaldo

¹² Araújo (2005 [2003]) é um bom exemplo do assunto transmutação. O autor abordou os *chats* na *web* e teve como objetivo caracterizá-lo como gênero discursivo aplicando os critérios de comunidade discursiva propostos por Swales (1990). Araújo observou a mudança de esferas e evidenciou aspectos de transmutação da conversa cotidiana para o meio digital.

teórico de Bakhtin (1997) se enquadra: é impossível pensar em modificações no gênero sem considerar os aspectos sociais, fundamentais na construção de sentido e de propósitos comunicativos.

Se pensarmos um pouco mais na origem da carta-corrente tradicional, nos aproximaremos da carta pessoal. Bazerman (2005) observou, em suas pesquisas, que a carta pessoal demonstrava evidências de ser um gênero original, com fortes ligações com outros gêneros como cartas de crédito e livros do novo testamento da Bíblia. Segundo o autor, a carta é uma comunicação direta entre dois ou mais indivíduos, dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas e isso a faz um meio bastante flexível, no qual funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver.

Bazerman, embora esclareça que há poucas pesquisas sobre o assunto, sugere que as cartas pessoais podem ter exercido grande influência na formação de diversos gêneros, citando como exemplo a presença de um documento real datado de 1845 que dá licença a um súdito para explorar e colonizar terras novas. Além de ser chamada de Carta de Patente, este documento real tem endereço, saudação, mensagem e assinatura (ou testemunho).

A formação dos gêneros oriundos da carta passa por outros documentos oficiais, como a carta de recomendação e a carta de câmbio, conforme Bazerman (2005). Uma das hipóteses para que isto ocorra está baseada na confiança empregada e na ausência de uma forma mais apropriada para exercer o tal papel. As pessoas apelaram para formas até então conhecidas, modificando alguns pequenos aspectos e adaptando-as conforme as necessidades comunicativas da esfera. Segundo Bazerman, “cartas pessoais e comunicações parecidas com cartas entre indivíduos podem servir como símbolos de confiabilidade durante a transição para o valor abstrato” (p. 92).

A abordagem social nos estudos sobre gêneros inaugurada por Bakhtin foi inegavelmente importante para o conhecimento da própria natureza do gênero e de como ele se comporta em cada espaço comunicativo. A noção bakhtiniana de gênero orientou e continua a orientar estudos que ressaltam a formação genérica e sua complexidade, tendo em vista o lugar onde eles se realizam. Mesmo tendo sido

“inaugurada” em 1929, tal perspectiva de estudo continua sendo produtiva em estudos mais atuais, como veremos a seguir.

1.2 A concepção sócio-retórica de gênero: Swales e Bhatia

A perspectiva sócio-retórica ou sócio-construtivista de gêneros vem conquistando espaço nas pesquisas produzidas sobre a análise de gêneros e de comunidades discursivas (cf. BEZERRA, 2001; GAEDE, 2003). Tendo Swales como expoente de maior referência, a concepção traz uma abordagem que se apóia em uma análise lingüística e de construção de texto, que ressalta as práticas sociais como determinantes de escolha lingüísticas que configuram o texto.

De acordo com Heimas e Biasi-Rodrigues (2005), a própria abordagem de Swales (1990, 1992) para estudo e análise de gêneros textuais parte do entendimento que o texto deve ser visto em seu contexto e não pode ser completamente entendido e interpretado por meio de uma análise de elementos lingüísticos. Para Swales, há uma complexa interdependência entre o texto (e a sua estrutura, conteúdo e traços distintivos) e o contexto (que inclui a comunidade discursiva e seus valores e crenças). Nessa perspectiva, os gêneros teriam um valor sociocultural na medida em que atendem às necessidades sociais e espirituais dos grupos sociais.

A concepção de gênero de Bhatia (1993) envolve, além da definição geral do assunto, o desenvolvimento de propostas teórico-metodológicas para análise. Sua concepção parte dos estudos anteriores feitos por Swales (1990), de quem fora discípulo e de quem absorveu as bases para a composição de sua proposta teórico-metodológica. Portanto, para chegarmos às propostas de Bhatia, começaremos pela concepção de gênero de Swales.

Swales (1990) apresenta sua concepção partindo da abordagem do gênero em diversos campos do conhecimento: antes associado ao contexto da literatura, o gênero passou a referir-se também a uma categoria particular de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito. Embora a “abertura” do conceito tenha acontecido, ele permanecia fluido e relacionado à aplicação de fórmulas para construção de alguns textos, como um mecanismo.

Partindo do enfoque de diferentes disciplinas sobre gênero, Swales constrói uma definição que relaciona os participantes da comunidade discursiva, os eventos comunicativos e as convenções sócio-culturais. Os elementos convergem para alcançar o propósito comunicativo, principal enfoque da sua abordagem que, conforme veremos no próximo tópico (1.3 Propósito Comunicativo), exerce uma influência bem maior na construção do gênero do que os outros aspectos. Para o autor,

um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões (*rationale*) para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e de estilo (SWALES, 1990, p.58).

Esses **propósitos comunicativos** são reconhecidos pelos membros experientes da respectiva comunidade discursiva constituindo o fundamento que molda o gênero e a estrutura esquemática do discurso. De acordo com a sua teoria de gêneros, o propósito é realizado por um número de *moves* ou unidades retóricas. Acerca disso, Bhatia (1993, p.30) afirma que os *moves* são responsáveis por conferir ao gênero sua “estrutura cognitiva típica”¹³.

Para Swales, porém, o *move* é uma unidade discursiva e retórica que realiza uma função dentro do discurso, seja ele escrito ou falado. As subunidades dessas unidades maiores (*moves*) são os *steps*. Ainda que esses *moves* possam ser percebidos por traços gramaticais, a unidade retórica não necessariamente se identifica com a sentença claramente delimitada. A conclusão mais óbvia que se pode ter é que os propósitos comunicativos são “realizados” por essas unidades retóricas¹⁴.

Embora tenha feito, posteriormente, uma retrospectiva analítica sobre o conceito em sua obra, Swales se destaca pelo modelo de análise de gênero, conhecido pela sigla CARS (*Create A Research Space*). O autor parte do princípio de que é possível reconhecer a organização retórica do gênero a partir da distribuição das informações no texto (divisões formais e funcionais a partir de ações discursivas). Cabe

¹³ Abordaremos a noção de *moves* por Bhatia em 1.2.2

¹⁴ Para mais detalhes, cf. Hemais & Biasi-Rodrigues (2005).

ao analista identificar informações recorrentes e sua forma de distribuição no gênero em estudo. Inicialmente usado para analisar gêneros acadêmicos, o modelo CARS também possibilitou a adaptação da metodologia para análise de outros gêneros, como o jornalístico (SOUSA, 2003).

Bhatia (1993, 1997) agrega à sua proposta teórico-metodológica muitos pontos da metodologia de Swales, embora o tenha criticado bastante em alguns aspectos. Bhatia dá uma atenção polarizada à descrição teórica de análise do discurso e à aplicação metodológica e, para ele, um gênero é reconhecido e caracterizado pelo jogo de propósitos comunicativos convencionados, identificados e mutuamente entendidos pelos membros de uma comunidade profissional ou acadêmica na qual ocorre, dando origem a conjuntos específicos de propósitos comunicativos para grupos sociais e disciplinares especializados. Esses grupos sociais (que em alguns casos podem ser chamados de grupos especializados) estabelecem formas estruturais “relativamente estáveis e, até certo ponto, impõem restrições quanto ao emprego de recursos léxicogramaticais” (BHATIA, 1993, p.13).

Segundo o próprio autor, essa abordagem de gêneros merece uma elaboração adicional. Bhatia elencou quatro pontos, que é o que considera como elementos que merecem elaboração adicional e uma maior atenção. Os pontos são: 1) a mudança no propósito pode indicar a formação de um subgênero; 2) o conhecimento do gênero é fruto da convivência adquirida pelos membros da comunidade discursiva; 3) o escritor especialista tem liberdade de uso de recurso dos gêneros, mas deve respeitar os “limites” do gênero; 4) o conhecimento adquirido do membro especialista da comunidade permite que ele consiga melhores efeitos comunicativos que o membro não-especialista.

Embora ressalte que o gênero é reconhecido e caracterizado pelo jogo de propósitos comunicativos e que este é um critério seguro para a identificação de gêneros, o autor completa que o gênero é primariamente caracterizado pelo propósito comunicativo que ele visa atender, ainda que outros fatores como audiência pretendida, meio ou canal influenciem na construção desse gênero. Esses propósitos comunicativos compartilhados modelam o gênero e dão a ele uma estrutura interna. Para o autor,

grandes mudanças nesses propósitos são responsáveis pela formação de subgêneros, nem sempre perceptíveis quanto à sua diferenciação.

Outro ponto citado por Bhatia (1993) nas suas considerações é que o gênero é tido como evento comunicativo altamente estruturado e convencionalizado, dominado pelos membros especialistas da comunidade discursiva acadêmica ou profissional e que o conhecimento seria fruto da convivência, do uso de termos específicos e da própria inserção dos membros. Embora o termo “estruturado” nos pareça uma forma rígida, entendemos que se trata de um conhecimento da forma interna de como esse gênero acontece de forma recorrente.

O terceiro ponto a ser considerado na concepção bhatiana de gêneros diz respeito ao fato de o escritor especialista, ao mesmo tempo em que tem muita liberdade de uso de recursos, deve respeitar determinadas práticas de gêneros específicos. Este ponto evidencia que existem certos limites para a composição do gênero e que a ultrapassagem dessas fronteiras leva a gêneros diferentes e/ou a caminhos diferentes e muitas vezes mais complicados (inadequados) para comunicar.

O quarto ponto destacado pelo autor refere-se a restrições que são exploradas pelos membros especialistas da comunidade discursiva para alcançar intentos específicos dentro da estrutura de propósitos sociais reconhecidos. Destaca o conhecimento maior que o membro especialista da comunidade tem e dos melhores efeitos conseguidos por ele do que por um não-especialista. Esse ponto é facilmente detectável quando temos contato com textos publicitários, por exemplo. Quem precisa escrever artigos acadêmicos com frequência consegue fazê-los de forma mais fácil (ou menos difícil!) do que uma pessoa que nunca os fez anteriormente (cf. BHATIA, 1993; KATHPALIA, 1997).

Bhatia (1993, p.16) reconhece que deve muito de suas definições de gênero a Swales. Esclarece que Swales oferece uma boa fusão de fatores lingüísticos e sociais, mas que não considera o real valor dos fatores psicológicos, “diminuindo a importância dos aspectos táticos da construção dos gêneros, o que representa um papel significativo no conceito de gênero como um processo social dinâmico e não como um processo estático”.

A multi-disciplinaridade está presente na análise de gêneros de Bhatia (1997), que afirma que o analista pode recorrer a diferentes áreas para subsidiar seu trabalho. Conforme observado, o autor considera três funções de orientação científica em análise de gêneros: a) lingüística, b) sociológica, c) psicológica. A sua contribuição à teoria de Swales se encontra justamente na perspectiva psicológica, valorizando os aspectos cognitivos na construção dos gêneros. Para cada uma das funções, Bhatia contempla uma discussão teórica e propõe passos metodológicos e, embora a tendência seja separar cada corrente em seu ramo de análise específico, o autor propõe justamente o contrário. Para ele, as três tendências devem ser contempladas com o objetivo de se integrarem para uma análise mais completa do gênero escolhido.

Ao falar da **análise lingüística**, o autor reconhece a preocupação de teóricos que enfatizam as características lingüísticas de textos, sendo estas lexicais, gramaticais, discursivas ou retóricas. Por ser uma realidade mais próxima da formação acadêmica de Bhatia, ele destaca que os estudos sobre registro e variação são importantes, porém não vê como esses estudos podem revelar o propósito social dos gêneros. A análise estritamente lingüística faz uma descrição formal do gênero, mas aborda muito pouco sobre a natureza sócio-cognitiva dos gêneros. O autor coloca alguns questionamentos que devem direcionar a análise e, principalmente, fazer com que o analista pense sobre os aspectos lingüísticos. Entre os questionamentos, o autor indaga como os traços lingüísticos elaboram as realidades sociais em uma determinada área de estudo ou profissão.

A **orientação sociológica**, por sua vez, é necessária para entender como um determinado gênero se comporta dentro do meio social e é essencial para a constituição do sentido. Os estudos sociológicos ajudam a definir melhor o gênero, a acrescentar informações importantes sobre o porquê do emprego de determinadas formas da linguagem em alguns contextos (profissional, acadêmico, etc.).

A **orientação psicológica** (ou psicolingüística), por fim, preenche um vazio nas teorias de gênero postuladas até então. Para o autor, a análise diz respeito às escolhas individuais para realizar suas intenções. Estas escolhas estão muito mais ligadas às formas estratégicas do que simplesmente de mudança de estilo e correspondem também aos propósitos do falante. As escolhas táticas (chamadas aqui

também de estratégias) são utilizadas/exploradas pelo escritor e geralmente utilizadas para escrever algo mais “efetivo”, quando mantém em mente um leitor em potencial.

Voltando um pouco aos *moves* de Swales (1990), que abordamos anteriormente, observamos que Bhatia (1997) absorveu esse conceito e afirmou que eles são responsáveis por conferir ao gênero sua estrutura cognitiva típica através de sua organização de informação revelada. Segundo ele, o modo global de se organizar a informação em um gênero particular é uma tarefa realizada com grande eficiência pelos escritores especialistas de uma determinada comunidade. A referência central desse enfoque de organização é o modelo de Swales, mas Bhatia insere o fator cognitivo à análise dos textos.

Cada gênero possui um propósito comunicativo do qual visa cumprir, da mesma forma, cada *move* também supre uma intenção comunicativa típica, que é sempre subserviente ao propósito comunicativo do gênero como um todo. A fim de realizar uma intenção comunicativa particular, ao nível de um *move*, um escritor pode usar diferentes estratégias retóricas. (BHATIA, 1997, p.30)

Bhatia considera que as estratégias individuais do redator têm o objetivo de serem mais eficientes ao transmitir mensagens/informações (e leva em consideração a audiência e/ou o veículo utilizado) e ao usar restrições impostas por fatores externos (uma espécie de código informal, estabelecido sem que seja necessário falar abertamente sobre ele). Essas estratégias são denominadas de **não-discriminativas** no sentido de que não mudam o propósito comunicativo em sua essência e, assim, ainda podem ser caracterizados dentro do gênero. O autor exemplifica o conceito de estratégias não-discriminativas usando como exemplo uma matéria jornalística. Da sua apuração até a redação final e exposição ao espectador, o jornalista (ou responsável) usa estratégias legítimas para melhor informar o que pretende, usando desde a linguagem específica para a audiência e para o veículo escolhido como também estratégias individuais para comunicar o evento da sua forma, sem fugir do “código informal” que paira nas redações.

Podemos afirmar, baseados em Bhatia, que as estratégias **não-discriminativas** não mudam o propósito comunicativo essencial do gênero, elas são utilizadas como ferramenta de eficiência quando escolhidas por um “redator” particular. Já as estratégias **discriminativas** tendem a mudar a natureza do gênero de forma significativa,

adicionando novas considerações aos propósitos comunicativos existentes e estas variações servem como critério de identificação de subgêneros.

Para exemplificar as estratégias discriminativas, usamos como exemplo o gênero jornalístico reportagem. Uma reportagem policial e uma reportagem sobre decoração podem ser classificadas como subgêneros da reportagem. A matéria policial é factual e tende a ser curta pelo grau de importância da informação, que deve ser passada de forma direta e objetiva (sem excessos). Já uma reportagem sobre decoração, ainda que siga tendências da moda de uma determinada estação, tem um prazo “de validade”. Ela tende a ter um tamanho maior e apresenta uma linguagem mais indireta e permeada de adjetivos (o que não costuma ser recomendado na composição dos textos jornalísticos). Os “excessos” da reportagem sobre decoração são permitidos para criar o que a comunidade especialista chama de “ambiente” da matéria.

Embora seja difícil preparar critérios claros e objetivos para separar gêneros de subgêneros (e Bhatia tem ciência disso), o autor afirma que a compreensão depende inevitavelmente de sua estruturação cognitiva e, também, das regularidades de organização. A explicação de Bhatia se torna ainda confusa quando este defende a existência de uma constelação de gêneros, que seriam gêneros interligados pelos seus propósitos comunicativos, ainda que apresentem modificações na sua estrutura formal. De acordo com o autor, qualquer mudança maior “nos propósito(s) comunicativo(s) suscita diferentes gêneros; enquanto as modificações menores distinguem subgêneros” (BHATIA, 1993, p.13).

O assunto parece ficar um pouco mais complexo quando, ao focalizarmos nosso objeto de análise, nos deparamos com textos que podem ser agrupados (e reconhecidos) como cartas-corrente, mas que possuem aspectos formais como o tamanho do texto e objetivos específicos diferenciados. No entanto, ainda que apresentem essa variação, não é suficiente para que possamos identificá-la como outro gênero completamente novo, mas as pistas lingüísticas que encontramos e os seus propósitos comunicativos apontam para a composição de um gênero diferenciado, que ocupa funções e possui formas específicas para suprir as necessidades exigidas pelo meio onde está, no caso, o meio digital. No desenrolar dos próximos capítulos voltaremos ao assunto.

É preciso, então, aprofundar o conhecimento e entendimento sobre propósito comunicativo para, então, entender o espaço que ele ocupa na análise psicológica/cognitiva. As três orientações bhatianas (lingüística, sociológica e psicológica) são o tripé da análise de gêneros do autor e, partindo dessa abordagem, ele propõe uma metodologia para a análise de gêneros dividida em sete passos que devem ser seguidos e que podem ser adaptados de acordo com o objeto de estudo do investigador. Os passos sugeridos encontram-se descritos no capítulo 2, **Metodologia**.

Para a análise de gênero de modo geral e também de aplicação específica para o presente trabalho, é essencial que se reconheça a importância da orientação sócio-discursiva na sua formação. Para Bakhtin, o gênero é um conjunto de eventos que mantêm relativa estabilidade e existe uma estreita relação entre os gêneros e suas funções na interação sócio-verbal, enfocando as relações sociais. Swales, ainda que não tenha como base direta as indicações de Bakhtin, abordou o gênero como social e portador de unidades retóricas que realizam uma função dentro do discurso e de uma comunidade discursiva. Bhatia baseia-se na abordagem de gênero de Swales, mas agrega pontos importantes como o jogo de propósitos comunicativos e seu domínio/compartilhamento pelos membros especialistas da comunidade discursiva.

A abordagem de gênero dos três autores (Bakhtin, Bhatia e Swales) citados na base teórica requer o conhecimento de gênero discursivo como algo social e funcional, voltado para as especificações comunicativas de uma dada esfera e detentora de formas e com propósitos específicos, conforme abordaremos no item seguinte.

1.3 O papel do propósito comunicativo na análise de gênero

A área de Análise de Gêneros contribuiu com a discussão sobre o real valor do propósito comunicativo na definição dos gêneros. A perspectiva foi amplamente debatida por Swales (1990, 1992) e absorvida e, de certa forma, reformulada por Bhatia (1993). Bhatia considera que, em sua natureza e construção, o gênero é caracterizado essencialmente pelos propósitos comunicativos que pretende realizar, ainda que seja influenciado também por fatores como forma, conteúdo, audiência, meio ou canal. Conforme exposto no item anterior, a relação entre o gênero e o propósito comunicativo é tão forte que se pode conceber o gênero como “um exemplo da realização bem-

sucedida de um determinado propósito comunicativo, utilizando o conhecimento convencionalizado de recursos lingüísticos e discursivos” (BHATIA, 1993, p.16). Assim, de acordo com o autor, mudanças radicais nos propósitos comunicativos implicariam na formação de gêneros diferentes.

Mas o que seria exatamente o propósito comunicativo? Bezerra (2006) levanta esse questionamento e afirma que, mesmo examinando toda a literatura existente sobre o assunto, não encontrou nada a respeito de forma direta e objetiva. O autor faz uma revisão por autores que tratam do assunto como Swales, Askehave e Bhatia e orienta suas conclusões para a definição de que os propósitos comunicativos têm a ver exatamente com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, admitindo-se que o propósito de um gênero não é único e predeterminado. No conjunto de propósitos comunicativos realizados por um gênero, haverá propósitos específicos ou “intenções particulares” de certos atores sociais, sejam eles os produtores do gênero ou os controladores de sua produção e circulação,

Assim, segundo Bezerra, o propósito comunicativo:

não será algo simplesmente imanente no texto como tal, visto que se trata sempre de um processo de construção social desse propósito ou propósitos, nem será uma realidade meramente psicológica, definível como “intenção do autor”, pois seria imperativo questionar essa onipotência do autor sobre o texto e sua recepção na sociedade (BEZERRA, 2006, p.70).

O propósito comunicativo (que ajuda a definir estilo e escolhas semânticas) se tornou um critério privilegiado e capaz de classificar um gênero se focado nas ações retóricas. No entanto, muitas vezes é dada pouca atenção às similaridades quanto à estrutura, estilo e conteúdo, que também ajudam a identificar o gênero. Ele pode ser considerado como o elemento principal na classificação de um gênero em sua análise, mas, ainda que cumpra a função de base para a análise, a principal dificuldade do uso do propósito está (ou estava, como veremos a seguir) justamente na concepção e na proposição de procedimentos que permitam manter um conceito de valor.

Com o objetivo de aprofundar a temática, Askehave & Swales (2001) apresentam um artigo que trata do paradoxo da super-valorização do propósito comunicativo como forma para categorização de gêneros. Ao mesmo tempo em que o propósito comunicativo parece ser a forma mais sensata para análise, a noção de

propósito ainda gera algumas incertezas quanto à classificação de gêneros e, também, quanto ao uso.

De acordo com a concepção de Swales (1990), um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos com um conjunto de propósitos comunicativos. Esses **propósitos** são reconhecidos pelos membros experientes da respectiva comunidade discursiva constituindo o fundamento que molda o gênero e a estrutura esquemática do discurso.

Askehave & Swales (2001) apresentam alternativas para o uso do propósito comunicativo na definição de gênero, tendo em vista o problema de usá-lo sempre como critério privilegiado. Entre as sugestões propostas está a de que o propósito comunicativo inicial (e mais explícito) deve ser considerado apenas como aparente e que é necessária uma investigação que leva em conta os aspectos formais e pragmáticos para que se chegue ao propósito comunicativo mais próximo do “real”. Os autores citam exemplos que ilustram que nem sempre o propósito aparente é, de fato, o propósito do texto. Propõem, também, uma solução para demonstrar que o propósito comunicativo pode ser demasiadamente evasivo e altamente impalpável para uma identificação e categorização iniciais ou prévias de discursos como pertencentes a certos gêneros.

Como último tópico, os autores sugerem a adoção de um procedimento para análise de gênero levando em consideração o texto e o contexto do gênero para análise. Os procedimentos, conforme os autores explicam, também oferecem promessas de investigação que são sensíveis à natureza dinâmica e evolutiva dos gêneros.

Sem dúvida, uma das mais importantes considerações sobre o tema está no que os autores chamam de “revisão do status de gênero” ou “repropósito”¹⁵, que sugere que o propósito inicial seja dado como aparente e que deve ser feita uma análise mais consistente, levando em conta fatores externos e de entendimento da comunidade, o que pode fazer com que o gênero seja classificado de uma forma diferente da inicial (ou re-classificado). A discussão sobre a importância do propósito comunicativo é

¹⁵ Repropósito surge como uma alternativa de re-considerar a categoria. Embora reconheçam o neologismo, os autores Askehave & Swales (2001) não demonstram preocupação em adotá-lo. Ao retomar essa noção, Swales (2004, p. 73-74) diz que o *repropósito* é “parte do *kit* de ferramentas para a Análise de Gêneros”.

apresentada no referido artigo de forma a tentar equilibrar a análise dos gêneros, ou seja, o propósito não é o único ponto de apoio para análise, mas também não pode ser ignorado em detrimento da forma. Essa ampliação da concepção de propósito alarga as fronteiras da análise do gênero e faz com que o pesquisador-analista se aprofunde na investigação, não se deixando levar pela forma aparente e simples de classificação. Araújo (2004) realizou o mesmo procedimento para analisar/mapear os propósitos comunicativos da constelação dos gêneros *chats*. Araújo usou entrevistas com os usuários para saber se eles “confirmavam” o que o analista pensava ser os propósitos dos chats. Em nosso trabalho, partimos desse ponto para melhor compreender sobre o propósito das mensagens, que explicitaremos melhor no capítulo 2. Metodologia.

A aplicação de uma metodologia que relacione o estilo do texto produzido (e aí se associam a forma/estrutura e o conteúdo) ao seu **contexto de uso** acaba por direcionar a pesquisa a um entendimento mais completo do gênero abordado. Nesse ponto é possível identificar as possíveis intenções do autor em produzir determinado texto, enquadrando-o em um gênero específico. Sem dúvida, a abordagem do “ponto de vista” do autor (ou do produtor) do texto através de pistas internas acabam por evidenciar o propósito comunicativo e, assim, oferecer mais segurança na classificação do gênero. O que muitas vezes parece ser um propósito inicial acaba sendo, de certa forma, substituído por um “repropósito” depois da análise mais cuidadosa.

No próximo item abordaremos o meio digital como “lugar” de criação/circulação e reprodução das cartas-correntes digitais, o que nos ajudará a entender o seu papel social e a sua formação.

1.4 O gênero no meio digital

Apesar de recente, de pouco mais de 30 anos, a tecnologia digital apresenta mudanças e avanços a cada dia. Essa tecnologia tem influenciado as relações interpessoais e, como não poderia deixar de ser, as formas de comunicação. O enfoque na tecnologia digital é, também, uma tendência nas pesquisas que abordam o tema, as quais deixam a perspectiva puramente tecnicista e se encaminham para uma pesquisa mais sócio-histórica.

O meio digital depende quase que totalmente da escrita, seja para as programações da *web*, seja para a comunicação. Nielsen (1997)¹⁶ elaborou algumas pesquisas na Internet a respeito da usabilidade e escrita para a *web* e classificou os leitores como *scanners*, que procuram, de forma específica, a informação através de palavras-chave. De acordo com seus estudos, 79% dos leitores testados passam os olhos pela página procurando informação e apenas 16% realmente lêem palavra por palavra o que está escrito. O estudo de Nielsen dá pistas para uma escrita mais eficaz no meio digital, priorizando textos mais curtos e objetivos, com palavras-chave em cores diferenciadas e uso de uma idéia por parágrafo.

Marcuschi (2004), ao abordar a relação meio digital e gêneros, afirma que o impacto da Internet é menor como revolução tecnológica do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente. A abordagem do tema é importante porque ajuda a entender o “lugar” onde a carta-corrente digital (nosso objeto de pesquisa) se atualiza/circula, se desenvolve e, em alguns casos específicos, são criadas e pensadas.

Os gêneros passam por um complexo caminho de transmutação em que diversas variáveis estão em jogo: as relações sociais, o suporte, o propósito comunicativo. Vimos, também, que um gênero não é simplesmente criado para atender a um novo processo comunicativo. Gêneros já existentes são usados como base e adaptados para “satisfazer” a carência de um gênero específico. Em alguns casos, isso é suficiente, em outros, não. Por isso o gênero pode continuar mudando e, nesse percurso, agregar funções específicas para satisfazer o meio/propósito comunicativo, transformando-se em gênero emergente.

Tendo em vista os gêneros existentes, citamos Marcuschi, que afirma que a “Internet modifica de maneira bastante complexa alguns deles que trafegam em seu interior desenvolvendo alguns novos e mesclando vários outros” (2004, p. 19). Essa abordagem de gêneros é defendida por Crowston e Williams (1997), baseados em Orlikowsky e Yates (1994). Os autores (Crowston e Williams) definem gênero como

¹⁶ <http://www.useit.com/alertbox/9710a.html> , acesso em 05 de março de 2007

“um tipo distinto de ação comunicativa caracterizada pelo reconhecimento social, propósito comunicativo e por alguns aspectos comuns da forma”¹⁷.

Baseados nessa perspectiva, utilizamos a mesma classificação de Crowston e Williams (1997) para a uma classificação dos gêneros digitais. Os autores apresentaram a seguinte classificação: 1) gêneros reproduzidos; 2) gêneros adaptados; 3) gêneros emergentes. Segundo os autores, os **gêneros reproduzidos** são aqueles em que, em uma nova situação os indivíduos vão recorrer a seus repertórios de gêneros para comunicar, tomando como experiência o conhecimento dos mesmos em outra ocasião. Assim, vão tentar reproduzir (ainda que em uma outra situação) um gênero já existente. É o caso de um artigo científico ou de um livro, que são “transplantados” de forma inalterada para a Internet. Inicialmente (ou de forma imediata), essa reprodução pode ser aceita ou passar por um processo de “negociação”, que seria uma espécie de transição. Quando o gênero não consegue mais dar conta das funções e precisa de muitas alterações para se “adaptar” à esfera, passa para outra categoria, a de gêneros adaptados. Os gêneros reproduzidos não levam em consideração a mudança de esfera e tampouco as possibilidades que o novo local de “circulação” pode oferecer. Caso o artigo que citamos acima apresentasse a possibilidade de *links* nos comentários e notas, estaria se adaptando ao meio, conforme podemos ver no próximo parágrafo, os gêneros adaptados.

Os **gêneros adaptados** são gêneros que foram moldados por uma esfera de comunicação de acordo com algum propósito comunicativo. Os grupos possuem liberdade para modificar (de acordo com as circunstâncias) um gênero e acabam fazendo isso preferindo mudar apenas alguns aspectos que podemos considerar formais. Como exemplo, podemos tomar o artigo científico que foi escrito para uma revista científica que possui exemplares em papel mas que coloca os textos disponíveis, também, na *web*. O seu texto contém a essência do conteúdo e mantém a forma, mas pode ter recebido *links* explicativos (ou referências) nas notas do texto. O que no texto em papel surgia como nota de rodapé, no texto adaptado para o meio digital as referências podem ser acessadas por *links* sem que seja preciso percorrer ao final da páginas para ter acesso às informações: elas aparecem instantaneamente a um clicar de

¹⁷ <http://crowston.syr.edu/papers/genres-journal.html>, acesso em fevereiro de 2006.

mouse. O gênero passa por um processo de hipertextualização ao permitir que as possibilidades da *web* enriqueçam as opções do texto, ainda que este mantenha a mesma forma e que tenha sido formado (e pensado) para veicular no meio impresso. A sua presença no meio digital parte de uma adaptação, aceitável, de acordo com esse exemplo, nos *links*.

Vale lembrar que o gênero depende da aceitação social e que é praticamente impossível definir em que ponto um novo gênero emerge de outro, antigo. A terceira classificação de gêneros existentes na *web* seria, então, a de **gêneros emergentes**. De acordo com a classificação, um gênero emergente seria aquele pensado e desenvolvido especificamente para o novo meio e que vai satisfazer as especificidades da *web*, contando com a possibilidade de interação imediata, sendo de natureza hipertextual e com as possibilidades de integração - ao mesmo tempo- de som, imagem em movimento e interface diferenciada.

Essa classificação sobre os gêneros lança um primeiro olhar sobre a possibilidade de adaptação de gêneros de acordo com os propósitos comunicativos e das especificidades do meio.

Supomos que, para a nossa pesquisa, o que representa os gêneros reproduzidos são as primeiras cartas colocadas na rede, pois levando em consideração a novidade do meio digital e seu pouco conhecimento, ainda não se pensaria em adaptar as mensagens de acordo com um ambiente ainda desconhecido. Já as que circulam no meio digital e que precisam dele para replicação e construção de sentido (que chamamos de carta-corrente digital), classificamos como gênero em transição, que possui fortes evidências de um gênero novo. Ainda que identifiquemos como gênero adaptado, por demonstrarem preservar a mesma estrutura de forma e os mesmos propósitos tanto no meio digital como no meio tradicional impresso, as cartas-corrente digitais apresentam especificidades do meio na sua composição textual-lingüística e propósitos específicos. Com base em nossa relação empírica com esse objeto e com a discussão teórica que apresentamos aqui, acreditamos firmemente que uma espécie de adaptação aconteceu com uma geração de cartas-corrente que veio posterior a essa primeira manifestação.

A segunda geração englobaria as correntes que agregam algumas possibilidades de adaptação do gênero como anexar imagens e som. Há, também, a geração de cartas-corrente digitais que coexiste com essas, que só podem ser replicadas se considerados os recursos do meio digital para executar a tarefa de reenviar e que não foram consideradas para esta pesquisa, conforme veremos no capítulo 2, **Metodologia**. No entanto, é bom lembrar que as modificações apresentadas, como imagens dinâmicas e sons assim como a própria abertura da caixa de correio eletrônica e o encaminhamento da mensagem, exigem novos conhecimentos a respeito do meio, o *letramento digital*.

Letramento digital não é apenas o conhecimento operacional dos meios eletrônicos. É, também, uma evidência das práticas sociais de leitura e escrita enquanto sistema simbólico conforme defende Kleiman (1998), que entende letramento como “as práticas e eventos relacionados ao uso, função e impacto social da escrita” (p.181). Letramento é, então, um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita assim como a sua relação com e sobre a sociedade, que sofre influência e a modifica. O letramento evoca aspectos sócio-históricos da aquisição do sistema escrito pela sociedade, pois envolve o conhecimento cognitivo na interpretação e entendimento de dados que estão além das letras, impressas nas entrelinhas dos textos. Segundo Xavier (2005), o aumento na utilização de ferramentas tecnológicas na vida social tem exigido raciocínios específicos e que isso suscitou o surgimento de uma nova forma de letramento, que se têm chamado de letramento digital e que:

considera a necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais. (XAVIER, 2005, p.1)

Baseados nesse novo conhecimento que é requerido para compreensão e participação do meio digital, acreditamos que é necessário o letramento digital para o uso do e-mail. Esse conhecimento não implicaria apenas no uso dos *links* enquanto “domínio”, mas na compreensão das inúmeras possibilidades que o mundo virtual oferece e que o usuário é capaz de modificar, absorver e reproduzir essas mudanças socialmente.

Não só pelo fato de estar no meio digital, mas também pelo fato de ter resquícios do meio em sua composição (e aí que se exige o letramento digital para compreensão), acreditamos que as cartas-corrente digitais sinalizam para um gênero com especificidades, já que envolvem uma nova esfera de comunicação que engloba não apenas o *software* (e-mail), mas a capacidade de uso e de domínio desse *software* para reprodução/recepção de mensagens. Ainda que o objetivo desse trabalho não seja especificamente a demonstração da carta-corrente digital como gênero novo (ainda que encontremos fortes indícios disso, sobre os quais falaremos com mais profundidade no capítulo 3.), não se pode fechar os olhos para a grande quantidade de dados que compõem as mensagens, tanto em sua forma quanto levando em consideração suas práticas discursivas e ambiente de replicação.

1.4.1 A carta e o e-mail

De acordo com Paiva (2004), um gênero sempre nos força a pensar nos outros que o antecederam. Assim acontece com o e-mail: de onde surgiu? A resposta parece óbvia: ele surgiu de um gênero matriz que possuía características que suprissem a necessidade básica do ser humano de comunicar, de informar, de solicitar informações, e de interagir à distância.

No decorrer do tempo, desde a transmissão da primeira mensagem, os mediadores para tais acontecimentos foram mudando. É bem provável que a primeira mensagem passada adiante tenha sido feita de modo oral, haja vista a inexistência da escrita entre os primeiros seres humanos. No entanto, ainda que o homem pré-histórico não dominasse os sistemas de escrita como conhecemos hoje, não podemos ignorar que ele desejava se comunicar ou deixar algum tipo de mensagem para as outras gerações, o que fazia através de pinturas e desenhos.

Com o advento da escrita, a necessidade de transmissão das mensagens incentivou uma tecnologia de produção e veiculação mais eficiente. Antes, em pesadas barras de argila, depois em tábuas de cera, papiros e papel, as mensagens levadas pelo sistema de correio era, também, privilégio de alguns que dominavam a leitura. Assim, o

serviço do correio era em sua maioria um serviço para reis e imperadores. Aos poucos, o tráfego de mensagens escritas começou a ser usado por comerciantes e aristocratas para uso não só comercial, mas também pessoal. Com o passar do tempo o serviço de transmissão de mensagens foi se popularizando até alcançar formas mais rápidas de envio. Aproveitando a eletricidade, o alcance começou a ser cada vez maior e proporcionalmente mais acessível. A evolução da comunicação entre pessoas distantes passa a adquirir novas feições com a possibilidade de interação através da voz (serviços telefônicos).

A troca de mensagens através da voz revoluciona, de certa forma, a transmissão de mensagens a médias e longas distâncias pela possibilidade de transmissor e receptor se comunicarem de forma quase imediata e sem a aparente intermediação de outras pessoas¹⁸. A conversa telefônica que, pelo menos hipoteticamente, não deveria deixar margens para dúvida ou produzir falhas de interpretação, já que a entonação da voz ajuda na compreensão da mensagem. Não é nosso objetivo analisar as características de uma conversa telefônica, mas gostaríamos de chamar atenção para o fato de que a tendência nos meios de comunicação é o interfluxo não só da mensagem, mas de todo um contexto que envolve a mensagem e de elementos que podemos considerar de extra-textuais. Essa possibilidade é ampliada com a chegada da Internet.

A Internet tornou viável o nascimento de uma revolucionária forma de comunicar e interagir simultaneamente com pessoas distantes. Através de recursos e *softwares* que permitem esta interação, há a possibilidade não só de falar como nos moldes de uma conversa telefônica, mas também de ver o seu interlocutor em tempo real. São esses recursos que abrem um amplo campo de análise da linguagem.

A possibilidade de enviar mensagens (sem interação imediata) como uma carta também é possível pelo meio digital. A diferença vai estar, primordialmente, na forma como isso é feito: em vez de em papel com caneta, as mensagens são escritas diretamente no computador e permanecem na versão digital até que se imprimam. A emissão eletrônica de mensagens é uma forma assíncrona de comunicação entre

¹⁸ Paiva (2004) considera a intermediação aparente porque, no caso de uma ligação telefônica, há a presença de várias pessoas trabalhando. A idéia parece interessante, mas convém ressaltar que a mensagem não sofre prejuízo de conteúdo e, se sofrer, é referente à parte técnica (ruídos, silêncio).

usuários de computadores, e elas são enviadas para um endereço também, só que este se localiza no meio digital. Mais rápido, prático e economicamente vantajoso, enviar uma mensagem por correio eletrônico possui peculiaridades específicas do meio.

O uso corrente do e-mail parecia representar, para muitos, o fim do correio tradicional. Se as pessoas estavam usando com maior frequência o telefone e, agora poderiam se comunicar por e-mail e usando a voz através da Internet, qual o sentido de continuar enviando cartas? A visão apocalíptica das possibilidades da Internet também afetou as mídias, sendo propagado certa vez que os jornais impressos deixariam de existir, sendo substituídos pela versão digital. A onda da visão pessimista diante da chegada das novas tecnologias não se confirmou por inteiro e, o que pôde ser observado é que, tanto no caso dos correios quanto no caso dos jornais, houve uma adaptação à nova era que estava se instaurando.

Tanto o correio quanto os jornais impressos continuam existindo, mas absorveram características diferenciadas. O correio aos poucos foi perdendo (ainda que não tenha desaparecido por completo) o caráter de entrega de cartas pessoais, assumindo a função de entregar contas e faturas de pagamentos e compras feitas, em sua maioria, pela Internet. Já os jornais, apresentaram mudanças perceptíveis na sua diagramação e nos títulos, com o intuito de parecerem ainda mais ágeis na divulgação das informações que antes.

O aparecimento do e-mail ou da “mensagem digital” remonta ao início dos anos 70, mas apenas em meados dos anos 90 é que o gênero se popularizou e assumiu as feições atuais. Quanto ao formato textual, uma mensagem eletrônica pode ser comparada a de uma carta (possui endereço, data de envio, nome do “remetente”), ainda que no caso do e-mail estes dados sejam preenchidos automaticamente pelo programa. É bem provável que uma das razões para a tamanha popularidade do e-mail esteja no fato que este recurso agrega muitas facilidades a um custo quase zero.

Entre as facilidades de se enviar uma mensagem por e-mail está a forma imediata de recebimento. A possibilidade de escrever uma mensagem que estará imediatamente disponível para outra pessoa, sem custos com deslocamento, selos, papel etc. só contribui para a popularização do uso do e-mail. Outra característica importante

é a possibilidade de mandar a mesma mensagem para centenas de pessoas, que a terão disponível em suas caixas postais de forma imediata¹⁹.

Jonsson (1997) ressalta as peculiaridades do e-mail e, ainda que seus estudos sejam datados em 1997, observamos que certos aspectos do e-mail não alteraram quase dez anos depois de escrito o primeiro texto. De acordo com a pesquisadora, o e-mail pode ser um documento formal, uma carta pessoal ou um lembrete e que não há necessidade de estar *online* para sua produção, já que, se não há conexão na hora, a pessoa pode escrever o e-mail em outro documento como o *word* e depois copiar e colar no campo de e-mail. O e-mail pode ter o caráter assíncrono, isto é, a troca de respostas entre os usuários pode demorar dias, pois alguns usuários podem usar a caixa de correios eletrônica como apenas um “substituto” do correio tradicional. No entanto, Jonsson ressalta que a maioria dos usuários reconhece no e-mail capacidades que podem ser consideradas superiores ao correio tradicional (no que tange a troca de mensagens, não de produtos), já que o correio eletrônico é instantâneo em sua transmissão e **pode** ser instantâneo em sua resposta (e se comportar com alternância de turnos e respostas imediatas) ou se comportar de forma assíncrona.

Por e-mail as informações podem ser copiadas de forma mais fácil que no meio tradicional e podem alcançar, rapidamente e ao mesmo tempo, muitos endereços. Podem ainda apresentar características de uma carta tradicional, mas também pode apresentar propriedades da comunicação face-a-face e/ou telefone, que, se não são acrescentadas de som e imagem no e-mail, podem ter no texto algumas dicas de como se deve interpretar a mensagem. Por isso, são utilizados alguns recursos como uso de *smileys* ou *emoticons*²⁰ e algumas modificações da escrita, como uso de caixa alta ou de negrito para reforçar a mensagem.

¹⁹ Desconsiderando, obviamente, os problemas técnicos como caixa de correio eletrônico cheio ou desvio de mensagens.

²⁰ Smileys ou emoticons são as “carinhas” feitas por caracteres para demonstrar emoção. Como explica Araújo (2004, p. 99) do inglês *emotion + icons*, os emoticons são ícones de emoção. “São combinações de caracteres do teclado do computador que os participantes de chat (e não somente eles) utilizam para expressarem emoções durante a conversação. Eis alguns exemplos retirados de Araújo e Biasi-Rodrigues (2005, p.61)

:-)	indica risos;	d:-)	indica que o usuário usa chapéu;
[]	indica abraços;	:(indica que o usuário está chorando;
\~/°	indica um <i>drink</i> ;	;-)	indica uma piscadela. Alguns exemplos

Galli (2004) aborda a linguagem na Internet sob a ótica de uma comunicação global e enfatiza que a tecnologia tem marcado o século não apenas de forma palpável como na participação na biologia e transmissão de dados, mas também marcando a linguagem. A autora faz referência a Werner²¹ (*apud* GALLI, 2004, p.128) e reforça que:

o século XX seja marcado pelo fato de que a diferenciação lingüística não seja resultado do espaço, nem dos distintos campos sociais, mas da formação e do desenvolvimento de diversos tecnoletos que possam dar conta de cada grupo social, da natureza das suas características.

Galli aponta, ainda que a língua vai se diferenciando da abordagem comum à medida que vai se especializando mediante necessidade de uso e completa que, no vocabulário da linguagem técnica, como o da Internet, há expressões que apresentam significados próprios da língua de especialidades. Assim, tanto na linguagem dos *chats* da web como também no envio de mensagens via e-mail, as especificações da linguagem podem apontar uma especialização dos termos.

A preocupação com o aparecimento do e-mail vai além das suas potencialidades e avanços tecnológicos e caminha em direção aos estudos genéricos. Paiva (2004) discute o estatuto genérico do e-mail e questiona se este seria ou não um gênero novo e, baseada em autores como Bahktin (1997), Bhatia (1993) e Swales (1990), a autora define gêneros textuais como :

sistemas discursivos complexos, socialmente construídos pela linguagem, com padrões de organização facilmente identificáveis, dentro de um *continuum* de oralidade e escrita, e configuradas pelo contexto sócio-histórico que engendra as atividades comunicativas (PAIVA, 2004, p.76).

Dessa forma, Paiva estabelece que, embora o e-mail possa ter a mesma definição para o **software** que gera e que permite visualizar a mensagem (e que define os padrões de hora, da fonte utilizada, da interface de abertura, entre outros aspectos) e para **texto em si**²², há forte influência entre os dois. No caso do e-mail, ressalta, a velocidade na composição e na transmissão do texto é um fator determinante na caracterização do

²¹ GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In XAVIER, A.C e MARCUSCHI, L.A. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro, Ed. Lucerna, 2004, pp.128

²² Tanto a mensagem enviada quanto o programa que gera o formato da mensagem e a caixa de correio eletrônico podem ser chamados de e-mail.

gênero, muitas vezes com grau de informalidade maior e pouca observância às regras ortográficas nas mensagens, com detalhes que veremos a seguir.

Embora a composição de uma mensagem eletrônica possa parecer simples, ela requer um conhecimento inicial do gênero. O espaço no meio digital não é delimitado, mas é possível que cada pessoa possua um espaço específico nessa imensa rede²³. O espaço mais “pessoal” é o do e-mail. Para enviar e receber e-mails, a pessoa precisa criar uma conta pessoal. Um usuário iniciante precisa vencer alguns desafios: descobrir como se conectar à Internet, como chegar a um provedor, como preencher um formulário e fazer a escolha do “login” (nome/apelido/codnome) e da senha que identificará e permitirá acesso ao seu endereço virtual. Uma vez vencidos esses desafios, a pessoa terá, ainda, que entender como funciona uma tela de e-mail: o que é caixa de entrada, quais *links* deve clicar para conseguir escrever uma mensagem e como é o procedimento para envio da mesma.

Uma vez feita a conta de e-mail, abre-se a caixa de entrada, que há informações que o usuário precisa identificar para melhor uso e até compreensão, como a quantidade de mensagens armazenada não visualizadas. Na caixa de entrada, há um fator muito interessante que serve também para identificação das cartas-corrente digitais: o assunto de que trata a mensagem.

Abaixo, apresentamos uma caixa de entrada de correio eletrônico de um provedor gratuito. A interface da caixa de entrada depende do programa utilizado e do layout de cada provedor, mas dispõe de elementos recorrentes. Conforme veremos nas imagens a seguir, usaremos letras como legendas para melhor visualizar os itens. A caixa de entrada tem uma função de “envelope” e dá as primeiras informações sobre as mensagens recebidas.

²³ No vasto meio digital, há duas formas de se referir ao endereço virtual: uma delas é o endereço de sites e páginas (www), a outra forma é através do e-mail. Para outros detalhes, ver Ribeiro e Araújo (2007).

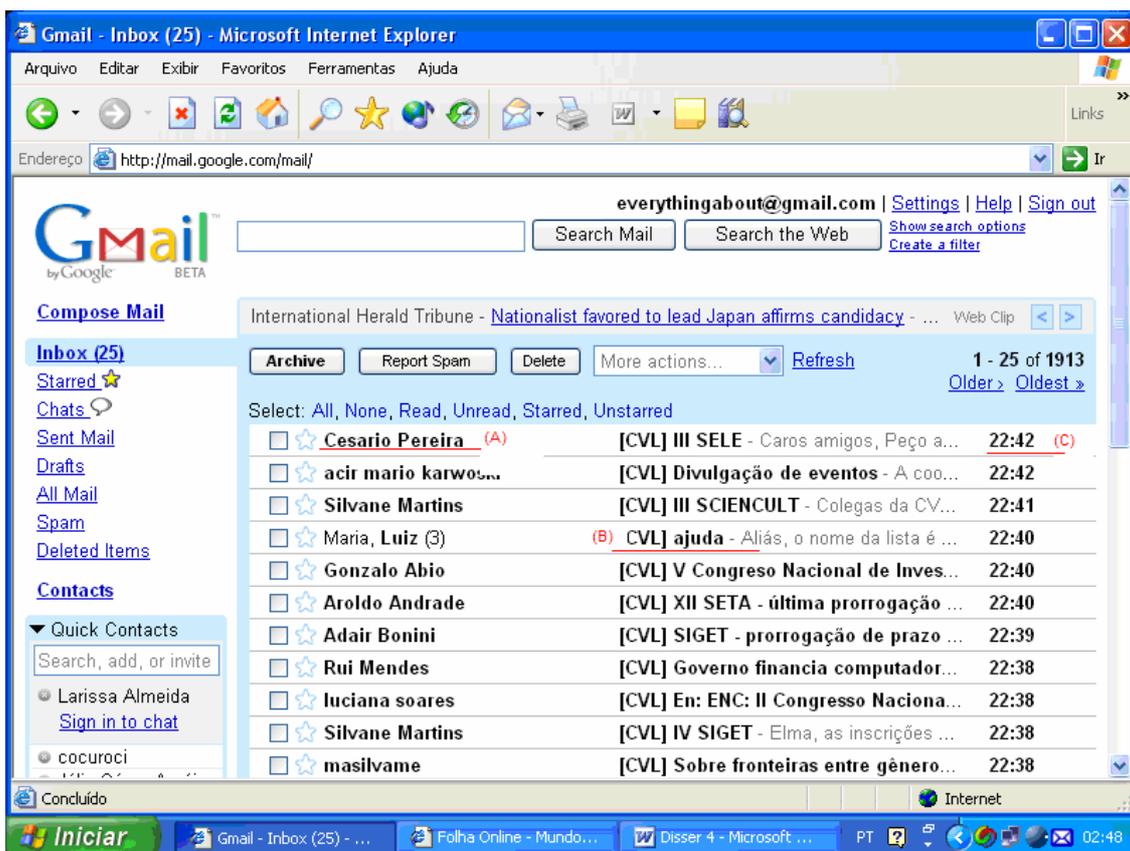


Fig. 1- Caixa de entrada de correio eletrônico

Por ela, é possível ver quem mandou a mensagem (A), o assunto (B) e a data/hora de envio (C)²⁴. As mensagens ficam armazenadas e exibem uma ordem lógica de recebimento (ou são organizadas da mais recente para a mais antiga ou da mais antiga para a mais recente). A diferença do e-mail para a carta, entre tantos aspectos, está no item “assunto”. O assunto até pode vir em branco, mas ele dá a primeira “informação” para a pessoa que está recebendo a carta, para saber do que se trata. Para ler a mensagem recebida, basta clicar em cima do assunto da mensagem (B). O assunto, na verdade, é um link que dá ares hipertextuais ao gênero carta-corrente (e a outros veiculados no e-mail). Automaticamente, a mensagem surge, com mais informações: hora da mensagem, nome da pessoa que a enviou, data e endereço eletrônico, como podemos observar na fig.2:

²⁴ A configuração do e-mail do exemplo apresenta a hora em que a mensagem foi enviada. Se a mensagem foi enviada no dia anterior, não aparece a hora, mas a data. Subentende-se que a hora é do dia corrente.

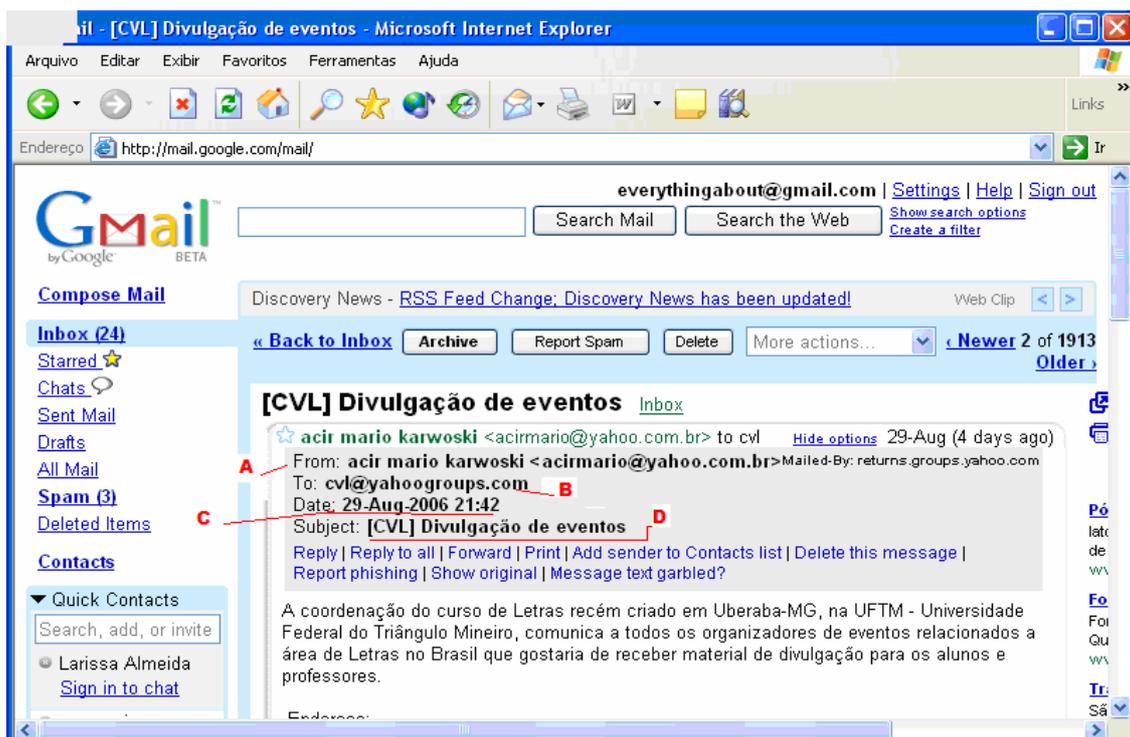


Fig. 2- Mensagem de e-mail recebida (aberta)

Na fig.2 é possível identificar o nome do “remetente”, no caso o sr. Acir Marilo Karwoski (A) e para quem ele enviou o e-mail (B). Em alguns casos no item dos destinatários pode vir dois ou mais endereços de e-mails, caso o remetente queira enviar a mesma mensagem (ao mesmo tempo), para várias pessoas, poupando tempo e esforço de abrir novamente o e-mail e copiar+colar a mensagem. Em seguida (C) é possível ver a data em que a mensagem foi enviada, com a hora, e depois (D), o assunto do e-mail.

Na caixa abaixo do cabeçalho do e-mail (E)²⁵ podemos observar a possibilidade do leitor em responder a mensagem- ou a carta-corrente- para a pessoa que o enviou, responder a todos que receberam a mesma mensagem (se houver mais de um endereço de e-mail no item B), encaminha a mesma mensagem a outros destinatários e, ainda, apagar a mensagem.

Se o leitor quiser responder imediatamente a mensagem recebida, basta clicar no comando de resposta. Há, também, a possibilidade de enviar a mensagem da mesma forma como recebeu para centenas de pessoas, sem prejuízo da informação, pois a

²⁵ De acordo com a configuração do software utilizado para configurar a conta de correio eletrônico.

mensagem pode ser repassada/encaminhada sem modificações. Caso queira criar uma nova mensagem, o usuário verá uma tela muito similar à seguinte, onde terá que preencher o endereço eletrônico da pessoa para quem ela quer enviar a mensagem. Não há necessidade de preencher os dados do remetente, uma vez que o nome e a data da mensagem que está sendo enviada serão gerados automaticamente.

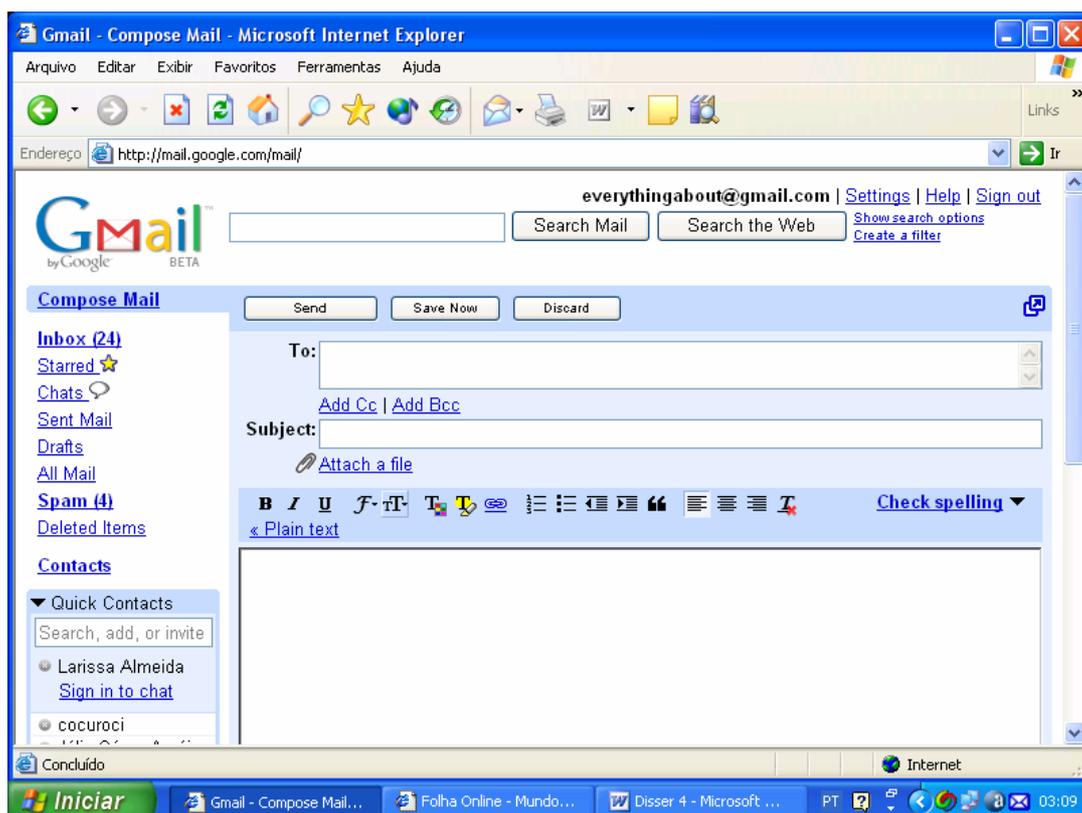


Fig. 3- Formato de e-mail para enviar mensagem

Para enviar uma carta tradicional, o remetente (que não quer assumir uma postura “anônima”) escreve seu nome e endereço. No meio digital, ele não precisa escrever o próprio nome nem o endereço, pois ao enviar o e-mail estes dados aparecem automaticamente. Conforme podemos observar acima, o espaço para escrever o nosso endereço não aparece, sendo gerado pelo próprio programa e deixando apenas o espaço do (s) destinatário(s) (to:) a ser preenchido.

Como se pode observar, as possibilidades de enviar uma mensagem para várias pessoas ao mesmo tempo, com custo quase zero é um forte atrativo para o uso do e-mail. Conforme veremos no item seguinte, as cartas-corrente que migraram de um

terreno tradicional impresso para o meio digital, encontraram um fértil campo de reprodução de mensagem no e-mail, perpetuando o gênero no meio digital.

1.4.2 A carta-corrente como gênero textual

A carta é utilizada primordialmente quando há ausência de contato imediato entre o emissor e o destinatário. Embora esse gênero tenha a situação interativa bem definida, não é tão fácil delimitar os diferentes tipos de carta. A variedade de propósitos das cartas inclui agradecimento, conselho, prestação de contas, troca de notícias familiares, entre outros. Diante da multiplicidade de operações que tornam distintos os tipos de cartas, Araújo (2006) ventila a possibilidade de estarmos diante de uma constelação de gêneros. Não obstante isso, a carta parece possuir uma composição orientada por regras (algumas vezes implícitas para quem escreve) que “orientam” como deve ser escrita, apresentando traços em comum de sua estrutura básica, como o contato inicial, o núcleo da carta e a despedida. É possível encontrar em alguns livros didáticos orientações sobre como escrever corretamente uma carta, e as regras das cartas pessoais e cartas comerciais.

As cartas-corrente demonstram semelhança com a carta pessoal se considerados os aspectos da estrutura básica (contato inicial, núcleo e despedida direcionada). Aproveitando o tópico anterior onde falamos de propósito e repropósito, consideramos que cartas-corrente, segundo o conhecimento comum, são textos que apresentam diversos propósitos (apelo emocional, material ou espiritual) e que têm o pedido de replicação como propósito geral. Podem, ainda, ser definidas como cartas em série de caráter místico esupersticioso, como era designado anteriormente ou simplesmente de autoria desconhecida, enviadas cada uma a uma pessoa que, por sua vez, deverá enviar certo número estipulado a outras pessoas, e assim por diante, formando uma corrente ou uma cadeia de cartas que, de acordo com seus dizeres, acarretará desgraça se não for enviada ou benefício, se replicada.

Embora escassos, os estudos sobre a carta-corrente como gênero compreende alguns trabalhos disponíveis, como os de Arsdale (1998, 2002), que coleta, desde 1973, cartas-corrente impressas de todo o mundo e tenta fazer um “percurso” histórico de sua existência. De acordo com o autor, as precursoras das cartas-corrente podem ser

identificadas como as “cartas do céu”. Não se tem certeza sobre a data do início de sua propagação, mas eram escritas e replicadas com o intuito de propagar as boas novas do evangelho e continham orações além de, claro, a solicitação de reenvio através de cópias pessoais. Com a tecnologia rudimentar, a única forma de garantir a reprodução das cartas era de forma manuscrita, fato que acompanhou grande parte da história das cartas-corrente.

A reprodução de forma “manuscrita” acabou por impor algumas restrições, como o domínio de regras ortográficas e uma boa leitura, de modo a “decifrar” muitas vezes o que estava escrito, o que comprova que, na medida em que os gêneros se complexificam (conforme defende BAKHTIN, 1997), novos letramentos são exigidos tanto para o uso adequado desses gêneros quanto para o simples (re)conhecimento deles. Os exemplares em papel das primeiras cartas eram mais suscetíveis a erros e imprecisões por diversas razões: ortografia ruim, pouco conhecimento de regras gramaticais, rasuras, desgaste do papel, manchas, entre outros. Por essas razões, os textos corriam os riscos de não serem reproduzidos fielmente, havendo a possibilidade de acréscimo de palavras ou até frases.

É inevitável considerar a influência do meio na propagação das cartas. Em papel, os textos poderiam ser colocados embaixo das portas ou enviados pelo correio sem que se soubesse quem era o remetente. Aos poucos, com a chegada da tecnologia, as cartas que eram manuscritas passaram a ser datilografadas e fotocopiadas. O trabalho na confecção das cartas reduziu-se drasticamente, assim como as possíveis falhas na ortografia. No entanto o surgimento das cartas fotocopiadas não excluiu as cartas-corrente manuscritas, passando a coexistirem na mesma época. A datilografia (que apareceu em seguida) foi substituída pela digitação e, em alguns exemplares, até a inclusão de desenhos foi feita. No exemplar que anexamos neste trabalho (carta 2T-Anexos), é possível perceber o claro uso dos recursos tecnológicos e da variedade de fontes utilizadas na digitação.

De exemplares de carta-corrente que podem ser impressos, a Internet ampliou o seu campo de produção/recepção, graças a circulação de cartas-corrente digitais no meio virtual. Essa adaptação é influenciada pelo uso que esse gênero faz do ambiente e-mail, *software* que abriga a prática de outro gênero com o mesmo nome. Ao ser transmutada

pela Internet, a carta-corrente absorve características do ambiente digital do e-mail, imprimindo no “novo” gênero outras características de natureza formal e funcional que precisam ser mais bem compreendidas e que vamos investigar neste trabalho. Mesmo assim, é interessante notar que as cartas-corrente digitais seguem a mesma seqüência lógica das impressas, pois são digitadas e encaminhadas, com textos similares que solicitam a replicação. Porém, seria redutor afirmar que a diferença entre essas cartas-corrente está apenas no meio, já que várias noções relativas a um modo digital de enunciar devem ser construídas pelo sujeito que deseja fazer uso da carta-corrente digital. Assim, somente pelo reconhecimento e o domínio da esfera de comunicação digital é que o usuário poderá operar com os *links* adequados seja para receber seja para produzir uma carta-corrente digital.

Outro aspecto de natureza social relevante diz respeito aos recursos que diminuem a quase zero o trabalho de confecção e reprodução de cartas-corrente digitais. Através do correio eletrônico, as cartas podem ser enviadas a milhares de leitores, simultaneamente, pois não será preciso gastar tempo ou dinheiro com fotocópias ou impressões da mensagem: ela vai ser entregue diretamente na caixa de e-mail dos destinatários selecionados.

A possibilidade de divulgar as mensagens das cartas-corrente para um outro público fez surgir um fenômeno migratório: os textos das cartas que antes eram escritos em papel, tiveram suas mensagens levadas para o meio digital. A partir desses textos, foram surgindo outros com algumas adaptações, até chegarmos às cartas-corrente que se propagam por e-mail e que foram pensadas para circularem exclusivamente em ambiente internetiano.

Ninguém sabe precisar a data de origem das cartas-corrente digitais, nem em que país elas começaram a circular. O certo é que o espaço digital, que tem a característica de ser desterritorilizado, isto é, sem limites geográficos ou territoriais, possibilita o surgimento de textos que podem sumir por um tempo, mas que podem reaparecer em seguida sem nunca desaparecer totalmente (ou com desaparecimento efetivamente comprovado).

De forma geral, muitas cartas que estão no meio digital possuem similares no meio impresso, reproduzindo-se pelo tradicional meio de fotocópias e sendo colocadas por debaixo das portas. As cartas que circulam no meio digital podem ser classificadas entre as que: 1) circulam no meio digital e podem ser impressas mantendo o mesmo efeito de replicação (o suporte não é, necessariamente, o diferencial); e 2) circulam no meio digital, mas perdem o poder de replicação se saem do meio digital (o suporte é imprescindível).

Embora partamos do princípio de que a carta-corrente é um gênero já reconhecido socialmente, ainda buscamos mais critérios para individualizá-lo em relação aos demais gêneros que circulam pela correspondência digital. Para identificar se usuários de Internet e e-mail (que podem receber cartas-corrente) têm conhecimento sobre o gênero, é preciso investigar se o usuário-receptor consegue identificar os recursos discursivos presentes na carta, assim como a presença recorrente de verbos no imperativo e uso de léxico específico, cumprindo assim um dos passos da metodologia de Bhatia, que requer o conhecimento de membros que distingam o gênero (especialistas).

Coimbra (2002) realizou pesquisas com o intuito de identificar se as diversas cartas-corrente que se propagam no meio digital podem ser consideradas um novo gênero. Sua pesquisa partiu de um reconhecimento do ambiente, mas focou-se muito mais nos aspectos lingüístico-funcionais do que no próprio meio em que ela se reproduz, o meio digital. Embora deixe a desejar nos aspectos sócio-discursivos, sua pesquisa é importante por tentar esclarecer a funcionalidade de algumas unidades de informação e por apresentar resultados de uma metodologia de análise.

A autora questiona se as cartas-corrente que se propagam por e-mail podem ser consideradas novo gênero. Ela admite que, em termos de estrutura esquemática, as cartas digitais nada apresentam de novo, pois obedecem estrutura idêntica às tradicionais. Munida de um vasto *corpus*, Coimbra não estabelece nenhuma divisão entre as cartas-corrente que se propagam apenas pelo meio digital e as que podem se propagar tanto pelo meio digital quanto pelo meio tradicional. Para nós, essa diferença é crucial, pois a replicação e a própria existência das mensagens digitais dizem respeito ao meio em que elas se reproduzem.

Para analisá-las, Coimbra baseou-se no modelos de superestruturas de Van Dijk (1975), que defende que muitos tipos textuais apresentam formas esquemáticas convencionais e que consistem em seqüências hierárquicas de categorias funcionais (como, por exemplo, introdução, desenvolvimento, conclusão). Segundo Dijk, as convenções encontram-se apenas estabelecidas para aqueles tipos de texto que ocorrem freqüentemente e que requerem uma produção e compreensão por meio do que ele define por *schemata* fixos, que podem ser altamente institucionalizados, como os artigos científicos, ou sem estruturas fixas, como os textos publicitários.

De acordo com a observação de Coimbra, os textos das cartas-corrente apresentaram uma forma esquemática que organiza o significado global do texto e que é constituída por diversas categorias funcionais. Embora algumas omitam parte das categorias funcionais identificadas (e apresentem variações quanto à ordem em que aparecem) as cartas seguem o esquema “reconhecível”.

As categorias funcionais encontradas por Coimbra contemplam título, motivação, apresentação, mensagem incluída (que pode ser alerta, mensagem recreativa, emocional, que visa lucro ou informativa), solicitação de reenvio, cota de cópias, os potenciais destinatários, prazo, testemunhos, lista de emissores e afirmação de veracidade. Para cada categoria, Coimbra encontrou elementos formadores que podem variar, compondo o seguinte quadro:

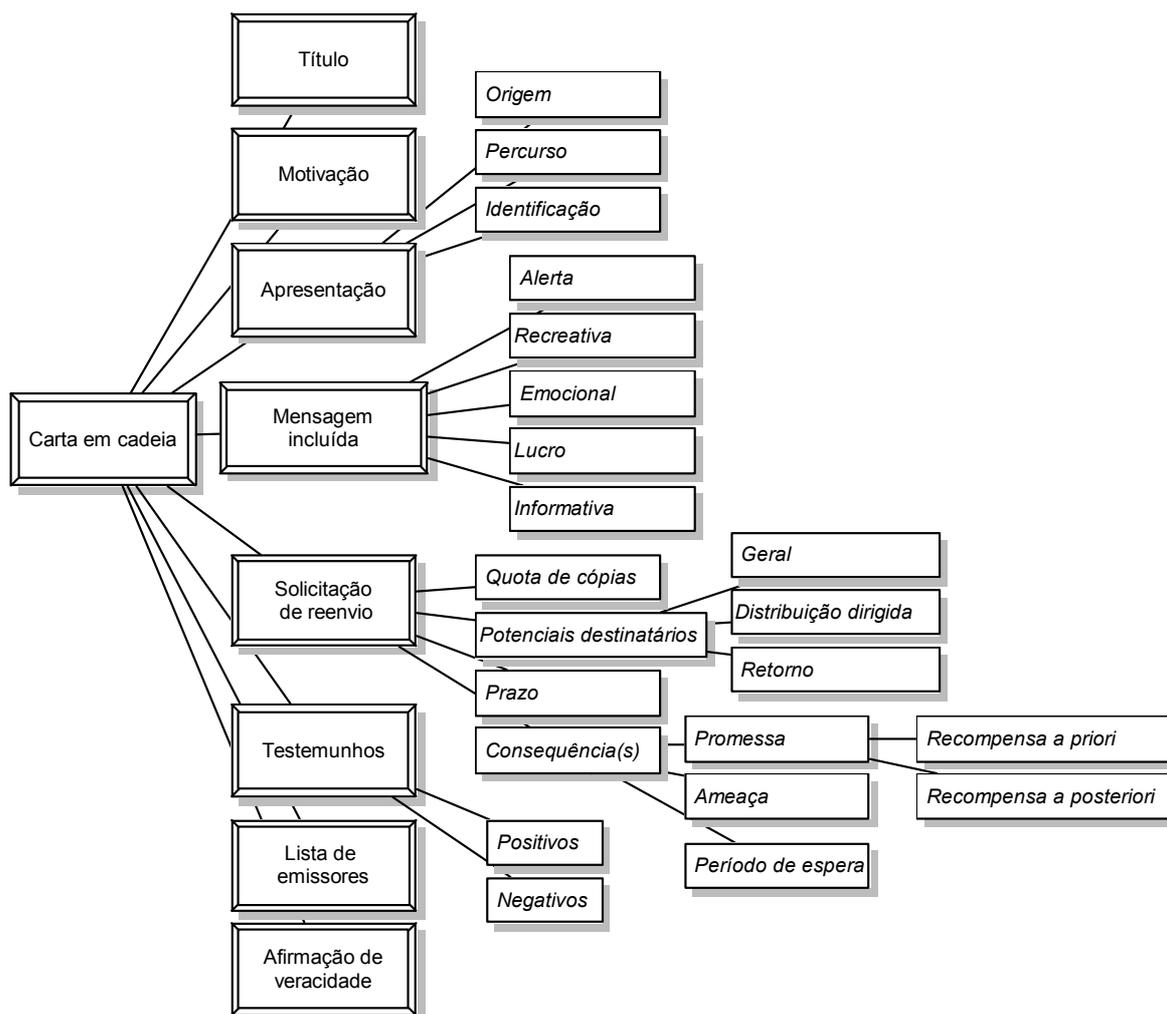


Fig. 4- Categorias funcionais identificadas por Coimbra (2002) nas cartas-corrente digitais

A pesquisa de Coimbra faz um levantamento geral dos aspectos comuns a todos os tipos de cartas-corrente encontradas. Nosso *corpus* difere do usado pela pesquisadora, pois, conforme veremos no capítulo de metodologia, ele foi composto por cartas-corrente digitais que exigem propagação exclusiva por e-mail. Ainda que se assemelhe às outras cartas-corrente, o seu texto é voltado exclusivamente para o meio digital, dependendo dele para que haja replicação. Essa característica não está evidente apenas na solicitação direta (*encaminhe este e-mail para todos os seus amigos*), mas também pela dependência de conhecimentos específicos do meio, como por exemplo o rastreamento de mensagens pela Internet. Se as mensagens forem impressas, como rastreá-las? O meio, nesse caso, determina a existência e propagação das cartas-corrente. A experiência da enunciação digital é vivida pelos usuários da carta-corrente

digital, o que traz fortes indícios de se tratar de um gênero novo com características de natureza hipertextual evidentes.

Sem dúvida, a replicação é a essência da carta-corrente. E, para cumprir essa característica, o texto das cartas costuma fazer o pedido de forma explícita e, em alguns casos, o faz de forma “emocional”, tornando o apelo uma obrigação e não uma opção do leitor. A utilização de determinadas palavras, em determinados contextos, além de comunicar, tem intenção específica de valorizar a informação, ou expressar emoções, ou influenciar o ouvinte, entre outros propósitos.

Neste capítulo foram apresentados os autores e as teorias que nortearam a pesquisa deste trabalho, sempre partindo da perspectiva sócio-retórica. Pode-se observar que a carta-corrente digital encontra-se em uma bifurcação quando se trata da definição do seu gênero, se esta seria ou não um gênero novo. Ainda não temos dados suficientes que comprovem que se trata de um gênero novo, mas de acordo com as pistas tanto formais quanto funcionais que investigaremos nos próximos capítulos, há forte implicação para que seja classificada como tal. Munidos desses objetivos, apresentamos no capítulo seguinte a metodologia utilizada para alcançarmos os objetivos propostos nas considerações iniciais desta dissertação.

Capítulo 2

Procedimentos Metodológicos

*É verdadeiro que todos os gêneros são uma variedade particular?
Como esses traços lingüísticos elaboram as realidades sociais numa
determinada área de estudo ou profissão? Porque os usuários de um
gênero usam esses traços e não outros?
(BHATIA, 1993, p18?)*

Conforme visto no capítulo anterior, orientamos nosso trabalho pela concepção sócio-retórica de gêneros, que partiu de Bakhtin (1997) e que, embora não tenha orientado diretamente teóricos como Swales (1990), serve de base para a grande maioria dos trabalhos produzidos na atualidade sobre o assunto. Swales, embora não tenha se inspirado em Bakhtin para a composição de sua abordagem teórica da obra de 1990, os pontos de semelhança são grandes, pois ambos usam a mesma abordagem do gênero como construto social.

Uma vez que escolhemos a abordagem sócio-construtivista de gêneros, naquilo que concerne à metodologia, optamos por um autor que se inscrevesse metodologicamente nessa abordagem. Dessa forma, optamos por Bhatia (1993) e, para analisar o gênero carta-corrente digital, resolvemos seguir os passos definidos por ele para análise de gêneros. Bhatia apresenta uma proposta metodológica composta por sete “passos” a serem observados pelos pesquisadores.

À luz de sua orientação metodológica, observamos o gênero em seu contexto situacional, levantamos a literatura existente sobre o assunto, definimos os critérios para seleção do *corpus*, do conhecimento institucional, realizamos uma análise lingüística e coletamos informação especializada sobre a carta-corrente digital. Elaboramos, ainda, tabelas para esquematizar as recorrências formais e funcionais das cartas. Um questionário foi formulado para ser respondido por usuários de e-mail e potenciais

usuários da carta-corrente digital. As questões apresentadas servem para analisar diferentes pontos da metodologia proposta por Bhatia, como o conhecimento do gênero pelos usuários e informações especializadas.

Na análise, de acordo com o que propõe o lingüista indiano, procuramos seguir tabelas esquemáticas para facilitar o nosso trabalho na identificação dos fatores formais e funcionais mais recorrentes e característicos. Assim, foi produzida uma tabela para análise dos aspectos formais (lingüísticos). Neste caso, foram levados em consideração os termos técnicos de informática, uso de performativos e uso de caixa alta, entre outros aspectos. Entre os elementos que constituem o sentido “global” da carta-corrente, os elementos textuais representam fatores essenciais.

A seguir, apresentaremos os sete passos da metodologia de Bhatia e, de acordo com a necessidade do capítulo que corresponde à metodologia, explicaremos nossas soluções para o cumprimento dos requisitos. Optamos por esta divisão neste capítulo a fim de tornar mais próxima do leitor a construção dos passos propostos pelo teórico indiano. Uma vez que os passos iniciais estão apresentados neste capítulo, o próximo será dedicado aos passos “finais” da análise.

2.1 O gênero em seu contexto situacional

O primeiro passo sugerido por Bhatia diz respeito à seleção de um representante típico do texto-gênero em um contexto situacional. Esse conhecimento inclui a experiência prévia do pesquisador ou o conhecimento dos usuários que utilizam sistematicamente o gênero, a observação das pistas internas do gênero e, também, o conhecimento enciclopédico do analista.

Em nosso caso, o gênero escolhido para análise foi a carta-corrente digital cujo contexto de replicação é a Internet, uma vez que os exemplares selecionados para compor o *corpus* podem ser reproduzidos somente por e-mail, sob pena de não conseguirem alcançar seus propósitos comunicativos. Através de elementos recorrentes como apresentação de um motivo, pedido de replicação por via eletrônica e apresentação de conseqüências (implícitas ou explícitas) na mensagem, reconhecemos que essas modificações apontam para um gênero específico que se pode chamar carta-

corrente digital. Conforme dito anteriormente, não podemos simplesmente ignorar as evidências de transmutação de gênero, ainda que esta não seja a preocupação central deste trabalho.

As cartas-corrente que compõem o *corpus* foram coletadas no site www.quatrocantos.com. Optamos por esse *site* porque ele recebe cartas-corrente de todo o Brasil e as disponibiliza com o intuito de desmistificar o conteúdo de suas mensagens. Além desse *site*, os dados de nossa análise também foram gerados por e-mail. Como foram coletadas dentro do meio digital, e não de algum outro suporte como livros ou arquivo, pudemos observar o gênero em seu ambiente de replicação. O conhecimento do ambiente sócio-discursivo em que o gênero existe é fundamental para a análise, também, dos aspectos funcionais, em especial dos propósitos comunicativos.

2.2 Literatura existente

Ao elaborar a Introdução e a Fundamentação Teórica do presente trabalho, o segundo passo da metodologia foi contemplado e é o único que não “acaba”. Este passo propõe uma leitura de textos relevantes para o assunto e sobre o assunto. Por isso, a fundamentação teórica apresenta autores que fornecem embasamento teórico sobre a categoria teórica gênero em geral [BAKHTIN (1997); BHATIA (1993; 1997); SWALES (1990, 1992; 2004) BAZERMAN (2005)], e, também, autores que apresentam pesquisas realizadas sobre o gênero em tela [COIMBRA (2002) e ARSDALE (1998, 2002)].

O segundo passo de Bhatia propõe que se levante literatura que contemple análises lingüísticas de gênero ou de outras variedades de gênero similares ou relacionadas a elas; recomendações de profissionais, livros-guia, manuais pertinentes à comunidade que se fala; e, também, discussões sobre a estrutura social-histórica e metas da comunidade que usa o gênero em questão.

Este passo é constante, mas foi inicialmente executado para preparação da base teórica que se encontra no capítulo 1. Iniciamos a pesquisa com a leitura de Bakhtin (1997) e de autores que pesquisaram sua obra, como Brait (2005) e Faraco (2003). Em

seguida, fizemos leitura de autores que tratam da concepção de gênero mais atual, como Bazerman (2005), Swales (1990) e Bhatia (1993). O passo seguinte foi aprofundar a leitura em trabalhos realizados que contemplavam a nossa base teórica e que abordavam análises de gênero semelhantes, como os textos de Araújo (2004, 2006; 2007), que estuda sobre os *chats* na Internet; os textos de Araújo, P (2003a), sobre *homepage*; a Dissertação de Komesu (2001), sobre a escrita nas páginas eletrônicas pessoais na Internet e um artigo de Paiva (2004), sobre e-mail como gênero textual. Em seguida, realizamos leituras sobre o gênero carta-corrente. Para isso, os autores lidos foram Arsdale (1998, 2002), Coimbra (2002), Meurer (2002) e Araújo (2006). Embora os dois últimos citem as cartas correntes digitais, não se prendem à essa classificação.

2.3 Refinamento/delimitação da análise no contexto-situacional

O terceiro passo metodológico diz respeito a um refinamento da análise no contexto-situacional, que compreende:

- 1) definir o redator/falante do texto em seus relacionamentos e suas metas;
- 2) identificar a rede de textos circunvizinhos e tradições lingüísticas que servem de pano de fundo para esse texto-gênero particular.
- 3) definir a ocupação profissional e/ou histórica, sociocultural, filosófica da comunidade em que o discurso ocorre;
- 4) identificar o assunto ou realidade extra-textual que o texto está tentando representar, mudar ou usar e a relação dessa realidade com o texto.

Este passo metodológico diz respeito ao “falante” e sua comunidade discursiva. É especialmente difícil identificar o redator falante e aplicar alguma espécie de questionário aos “escritores” de uma carta corrente. As cartas possuem um caráter

autoral anônimo, ainda que venham “assinadas²⁶”. Essa constatação se dá por um único motivo: as cartas são falsas e, por isso, as pessoas citadas como responsáveis não existem. Por circularem em um ambiente bastante heterogêneo, não é possível definir uma “comunidade” que recebe e repassa as cartas-corrente. Elas podem não ter nenhum vínculo específico por causa do repasse das mensagens; e o repasse de uma carta-corrente não é suficiente para definir uma comunidade discursiva. Devido a essa especificidade, consideramos, então, as pessoas que repassam as mensagens como “co-autoras” das mesmas e, para identificar os possíveis responsáveis pelo repasse das cartas e algumas das razões pelas quais fazem isso, formulamos três questões (6, 7 e 8) que se encontram no questionário aplicado (ver item 2.7 **informações especializadas para análise de gêneros**). Embora possamos chegar a alguma conclusão ao sinalizar que os repassadores de carta-corrente digital podem ter sido motivados por crenças, vontade de ser popular ou mesmo afeição a boatos, não será objetivo deste trabalho uma análise mais profunda do caso.

A postura do analista relativa a esse passo sugere, ainda, que se identifique a rede de textos circunvizinhos e tradições lingüísticas que servem de pano de fundo para o texto-gênero analisado. Os textos que mais se parecem com as cartas-corrente digitais são justamente aqueles que consideramos ser sua origem: as cartas correntes tradicionais, que circulavam em papel. As cartas tradicionais usavam os mesmos artifícios para propagação, como apresentação de um motivo, o pedido de replicação e as conseqüências ou não do cumprimento da replicação. Como não é nosso objetivo fazer um percurso evolutivo do gênero, anexamos duas cartas-corrente que se propagam em papel ao final do trabalho, para simples ilustração. A coleta das mesmas foi bastante difícil, pois dependíamos de doações e, como esses exemplares são raros e quase não encontramos nas grandes capitais, contamos apenas com três exemplares para simples exposição.

2.4 A composição do corpus

De acordo com o quarto passo da metodologia de Bhatia, é necessário que o analista defina o gênero com que está trabalhando de forma que ele possa ser

²⁶ Abordaremos o anonimato no capítulo 3.2 **carta-corrente digital e o contexto situacional/institucional**

distinguível de outros gêneros similares ou intimamente relacionados. A definição pode ser baseada nos propósitos comunicativos, nos contextos situacionais nos quais ele geralmente é usado e em algumas características textuais distintivas do gênero ou de alguma combinação delas.

O gênero analisado neste trabalho é a carta-corrente digital, que difere das outras formas de compor uma mensagem. Em alguns casos, há confusão na denominação do gênero pelos usuários de e-mail, que as confunde com *spams*. Mas, conforme abordaremos no item **Carta-corrente digital e o contexto situacional/institucional**, há diferenças tanto na composição formal quanto nos propósitos comunicativos de ambos os gêneros.

Para esta pesquisa foram observadas 116²⁷ cartas-corrente, que foram coletadas por e-mail entre dezembro de 2004 a junho de 2005 e que estão expostas no site quatrocantos.com. Deste total (116 cartas coletadas), 40 se adequaram à delimitação da pesquisa: mensagens que dependem inteiramente do meio digital para construção de sentido e que, se veiculadas em outro meio, perdem o sentido da existência/replicação. Das 44 cartas coletadas, excluímos quatro cujo assunto era “abaixo-assinado”, **totalizando o corpus analisado em 36 cartas-corrente digitais**. Embora necessitassem do meio digital para replicação, não necessariamente necessitavam do meio digital para construção de sentido e poderiam ser enviadas por outras formas alternativas.

Para a análise preliminar sugerida por Bhatia, foi feita uma análise piloto com 15 cartas-corrente digitais escolhidas para observação das regularidades. O material analisado e suas impressões iniciais foram apresentados no projeto desta dissertação (fase inicial) e depois, incorporados à análise final, que pode ser apreciada nos capítulos 3 e 4 desta dissertação. Nessas cartas, foram observados aspectos lingüísticos e funcionais que nos orientaram na produção de um questionário (ver item 2.7) e na elaboração da tabela para observação de recorrência dos termos funcionais (ver item 2.6 **Níveis de análise lingüística**).

²⁷ O número de 116 cartas representa as cartas coletadas no site www.quatrocantos.com e na nossa caixa de e-mail pessoal que se adequam aos critérios pré-estabelecidos de reconhecimento do gênero, como o pedido de replicação explícito, mensagem que visa benefício e conseqüências da replicação (ou não) da mensagem. Além disso, são cartas que estão no corpo de texto do e-mail e que não aparecem em arquivos anexos de programas como *Power-point*, *Word* ou *Acrobat*.

Além disso, Bhatia adverte que é preciso ter certeza de que os critérios que se têm para decidir se um texto pertence a um gênero/variedade específico estão claramente definidos. É preciso, também, decidir sobre os critérios para uma adequada seleção do *corpus*. Sugere, também, que se escolha um exemplar típico para fazer uma análise detalhada e que se recolha uma amostra para investigar alguns traços especificados através de indicadores facilmente identificados. Depois de analisar algumas cartas-corrente, escolhemos a carta abaixo como exemplar prototípico, da qual colhemos algumas informações sobre o gênero:

Ola
 meu nome e Krista Marie e acabo de ter uma filha , que se chama Natalie.
 Aos olhos do mundo, e recentemente os dotores descobriram que minha pequena Natalie tem um cancer no cerebro . Desafortunadamente meu marido e eu nao temos o dinheiro para pagar a operacao, mas meu esposo e eu conseguimos uma ajuda da AOL , e eles nos ajudarao com 5 centavos por cada pessoa que receber este e-mail .
 Por favor, reenvie este e-mail pra cada pessoa que você conhece, e ajudem a minha pequena Natalie.

(carta 71)

A mensagem possui os seguintes aspectos funcionais identificados:

Saudação inicial	Ola	
Apresentação dos interlocutores	meu nome e Krista Marie e acabo de ter uma filha , que se chama Natalie.	
Introdução do assunto/ exposição do tema	Aos olhos do mundo, e recentemente os dotores descobriram que minha pequena Natalie tem um cancer no cerebro .	conseqüências da replicação (indireto) ²⁸
	Desafortunadamente meu marido e eu nao temos o dinheiro para pagar a operacao, mas meu esposo e eu conseguimos uma ajuda da AOL ,	
Mecanismo da mensagem/ cota de reenvio (indefinida)	e eles nos ajudarao com 5 centavos por cada pessoa que receber este e-mail .	
Solicitação de reenvio	Por favor, reenvie este e-mail pra cada pessoa que você conhece, e ajudem a minha pequena Natalie.	

²⁸ Destacamos o trecho relativo às conseqüências da replicação para tornar mais fácil a visualização.

Outra carta que utilizamos como exemplar prototípico para evidenciar os aspectos formais foi a seguinte:

REPASSANDO.....
 AVISO IMPORTANTE!!! ATENÇÃO!!!

Durante as próximas semanas fiquem atentos e não abram nenhum e-mail com o arquivo anexo "Últimas de Atenas", independentemente de quem lhe enviou o mail. POR FAVOR FAÇA CIRCULAR ISTO ENTRE TODA SUA FAMILIA E AMIGOS. Não ABRIR o anexo "Últimas de Atenas".

É um vírus que abre uma tocha no seu micro e queima todo o seu disco rígido C: Este vírus vem de uma pessoa conhecida da sua lista de endereços.

Por favor, envie este e-mail a todos seus contatos.

É preferível receber 25 vezes esta mensagem que perder tudo. Se você receber um correio chamado "Últimas de Atenas.com" você nao abra!!!!

Apague imediatamente!

Este vírus suprime os arquivos inteiros de seu computador.

(carta 73)

De acordo com nossa análise preliminar, encontramos os seguintes aspectos formais, destacados abaixo.

REPASSANDO.....
 AVISO IMPORTANTE!!! ATENÇÃO!!!

Durante as próximas semanas fiquem atentos e não abram nenhum e-mail com o arquivo anexo "Últimas de Atenas", independentemente de quem lhe enviou o mail.

POR FAVOR FAÇA CIRCULAR ISTO ENTRE TODA SUA FAMILIA E AMIGOS. Não ABRIR o anexo "Últimas de Atenas".

É um vírus que abre uma tocha no seu micro e queima todo o seu disco rígido C: Este vírus vem de uma pessoa conhecida da sua lista de endereços.

Por favor, envie este e-mail a todos seus contatos.

É preferível receber 25 vezes esta mensagem que perder tudo. Se você receber um correio chamado "Últimas de Atenas.com" você nao abra!!!!

Apague imediatamente!

Este vírus suprime os arquivos inteiros de seu computador.

Legenda:

	Uso de termos específicos
	Caixa alta
	Verbos indicadores de solicitação de reenvio
	Instrução de reenvio
	Verbos indicadores de terceira pessoa ao se referir ao leitor
	Termo modalizador antes do pedido de replicação

Convém destacar que as cartas acima são exemplares prototípicos para nortear a pesquisa. Outras cartas-corrente apresentaram outros elementos que as cartas acima não apresentam, como assinatura e instruções sobre como encaminhar a mensagem, por

exemplo. Ainda que as cartas-corrente acima não apresentem todas as funções reveladas nesta pesquisa, é importante que se observe que as funções não são fixas e que alguns exemplares podem apresentar variação de aspectos e continuar sendo carta-corrente digital.

Para determinar quais exemplares de cartas-corrente digitais seriam coletados para análise, foi definido como critério inicial o seu reconhecimento pelos usuários de e-mail. Bhatia (1993) esclarece que o investigador deve estar certo de alguns critérios para uma seleção adequada do *corpus* de alguns propósitos específicos e, se for o caso, escolher uma amostra significativa para uma investigação exploratória, inclusive com dados estatísticos através de indicadores facilmente identificados. Seguindo essa recomendação, coletamos um número significativo de cartas para comparação dos elementos recorrentes e, também, para observar quais os melhores critérios de classificação para cada grupo de cartas-corrente digitais.

Nesta pesquisa, o primeiro critério foi o de que as cartas deveriam ter sido enviadas por e-mail e que apresentassem o pedido de replicação explícito em qualquer lugar do texto. O segundo critério foi o de que a carta deveria ter alguma forma de coação, que influenciasse o leitor na sua replicação. As mensagens deveriam, então, ter fator motivacional e uma possível consequência caso as mensagens não fossem replicadas. O terceiro e último critério, que diferencia o objeto da nossa pesquisa de outros de pesquisas já realizadas, é que a mensagem deveria se propagar apenas no meio digital e, uma vez fora desse meio, sua capacidade de replicação seria nula e não poderia cumprir seu propósito principal que é a replicação.

Para que fosse possível reunir o *corpus* em tempo hábil e para ter maior diversidade de cartas, optamos por coletar as cartas no site www.quatrocantos.com.br e por usar cartas que chegaram a nossa caixa de correio. A escolha do site se deu pelas seguintes razões: 1) o responsável pela página coleta as cartas que circulam por e-mail há mais de três anos, criando um acervo de considerável dimensão; 2) as cartas contam com contribuição de pessoas de todas as partes do Brasil, o que amplia a rede de coleta²⁹.

²⁹ As figuras do Anexo mostram as cartas em suas duas formas de coleta (via site e por e-mail) e falaremos a seguir sobre os seus ambientes de replicação.

Numa análise preliminar das cartas coletadas por e-mail pessoal e no referido site, identificamos dois diferentes grupos de mensagens em corrente. Um grupo é composto por cartas que circulam por e-mail, mas que podem também circular no formato tradicional, em papel, sem prejuízo do propósito comunicativo. A este grupo denominamos de “híbrido” e apenas o mantivemos disponível para alguma eventual comparação.

O outro grupo, foco da nossa análise, é composto por genuínas cartas-corrente digitais, que circulam por e-mail e que, caso sejam impressas, perdem seu sentido, pois dependem exclusivamente do meio digital para a sua replicação ou manutenção da corrente. Nesse grupo, podemos citar como exemplo as mensagens de doação de dinheiro, em que, para cada mensagem passada adiante com um determinado título, alguém recebe uma quantia em dinheiro de instituições como AOL ou UOL. Esse tipo de mensagem depende do meio digital pois, se ela fosse impressa e repassada por debaixo das portas ou manualmente, a instituição doadora não teria como comprovar o repasse e não surtiria o efeito desejado. As cartas que se encontram em nosso anexo são cartas que dependem do meio digital. Quando apresentadas na versão papel, apenas o conteúdo se torna conhecido, mas o propósito de replicação se perde.

O site www.quatrocantos.com é mantido por Gevilácio A. C. de Moura e contém, além das cartas-corrente, anúncios de casas para passar o carnaval em Recife e Olinda, venda de jóias e lanchas e material para pesca. Trata-se de uma página dentro dos moldes que chamaríamos de página pessoal, ou seja, o responsável por ela não tem o propósito de construir um trabalho acadêmico. Com o objetivo de combater o que ele próprio chama de lixo virtual, o espaço é destinado à reflexão e crítica da construção de algumas dessas cartas. O responsável pela página mantém, ainda, um espaço específico para aprender a “reconhecer” um boato digital, chamado por ele de “pulha” virtual³⁰.

Como exemplo de cartas que só podem circular no meio digital, apresentamos a carta 8 de nosso *corpus*:

“Para vocês, que são mães/pais.
Oi,

³⁰ http://www.quatrocantos.com/LENDAS/identifica_pulhas.htm. Acesso em 10.09.2006.

Eu sou um pai de 29 anos. Eu e minha esposa tivemos uma vida maravilhosa juntos. Deus abençoou-nos com uma criança também. O nome de minha filha é Rachel e ela tem 10 anos de idade.

Há não muito tempo atrás, os médicos detectaram um câncer de cérebro em seu pequeno corpo. Existe apenas um jeito de salvá-la, que é operando-a. Infelizmente, nós não temos o dinheiro para a operação.

A AOL e a Zdenet (em Zimbabwe) concordaram em nos ajudar. **O único jeito deles nos ajudarem é você enviar este e-mail para outras pessoas.**

A AOL vai rastrear este e-mail e contar quantas pessoas o receberam. Cada pessoa que abrir este e-mail e o re-enviar a pelo menos 3 pessoas vai nos render 32 centavos (em dólares de Zimbabwe).

Por favor, ajude-nos.

George Arlington “

(grifos nossos) (Carta 08)

Consideramos que o exemplar acima só pode “surtir efeito” se estiver dentro do ambiente digital por que a mensagem exige que a carta seja repassada por e-mail para que a empresa rastreie a mensagem e faça a doação do dinheiro. Como podemos observar nos trechos grifados, é necessário que a carta se reproduza no meio digital. Caso a mensagem surja impressa, como nesta dissertação, não há forma de fazer o rastreamento e, assim, o objetivo da mensagem de arrecadar fundos para a criança com câncer não alcança êxito. Ou seja, essa carta-corrente depende exclusivamente do meio digital para replicação e construção de sentido, daí a denominação carta-corrente digital.

Uma vez escolhido o grupo de cartas-corrente digitais que seriam analisadas nesta dissertação, desprezamos o outro grupo de cartas que poderíamos chamar de “híbrida” pela característica de reprodução tanto no meio digital quanto pela forma impressa e o mantivemos para uma eventual comparação. Para exemplificar, apresentamos a carta-corrente abaixo.

“Assunto: Cuidado com os batons de marca

A Dra. Elizabeth Ayoub é médica biomolecular das mais sérias além de muito vaidosa. Acho que vindo dela dá p/ confiar.

Atenção Mulheres (com o batom que você usa).

Realmente importantíssimo MUITO IMPORTANTE, POR FAVOR, LEIA.

Por favor, prossiga lendo.

Isto é uma alerta para Batom com "Chumbo" Chumbo é uma substância química que causa câncer.

Recentemente uma marca chamada, RedEarth" diminuiu os preços de HK\$67 a HK\$9.9..... Continha chumbo.

As Marcas que contêm Chumbo são:

- Christian Dior

- LANCOME

- CLINIQUE
 - Y.S.L.
 - ESTEE LAUDER
 - SHISEIDO
 - RED EARTH (Lip Gloss)
 - CHANEL (Lip Conditioner)
 - Market America Motives lipstick

Quanto maior o conteúdo de chumbo, maior a chance de causar Câncer. Depois de fazer um teste em batons, foi constatado no batom da Y.S.L. o maior nível de chumbo. Atenção para esses batons que supostamente tem uma fixação maior. Se seu Batom fixa mais, deve ser por causa do alto nível de chumbo.

Esse é o teste que você pode fazer:

1. ponha algum batom em sua mão,
2. use um anel de Ouro para arranhar o batom.
3. se a cor do baton do batom mudar para preto, então voce sabe que o batom contém chumbo.

Por favor, envie esta informação para todas as suas amigas.”

(carta 17)

A mensagem acima pode ser repassada tanto por e-mail quanto pelo método tradicional, ou seja, através do papel. Para que ela seja propagada, a forma de replicação não indica ou limita o meio, pois este não é pré-requisito para nenhum objetivo específico da mensagem. Como pôde ser visto, não há nenhum mecanismo específico de replicação no texto da carta.

Entre as outras cartas descartadas para qualquer forma de análise em nosso trabalho estão as que apresentaram textos descontraídos ou com piadas, já que a não replicação não significaria algo grave e não apresentaria conseqüências. Também foram excluídas as cartas nos formatos **.ppt**, **.pdf**, **.exe**, **.jpg**³¹. Esta decisão foi tomada por que a maioria das cartas enviadas nesse formato sequer são abertas, por causa do medo de contaminação por vírus. Embora representem uma parcela significativa para observação, sua análise demandaria uma alteração dos objetivos propostos para esta Dissertação.

As cartas de cunho religioso, tidas como percussoras das cartas correntes que se espalham hoje no meio digital foram consideradas na pesquisa, mas apenas para um caráter ilustrativo, como forma de evidenciar a origem da carta-corrente digital. Não foi

³¹ ppt., pdf.,exe., jpg. são terminações de arquivos de determinados programas e é a forma pela qual sabemos como o arquivo está salvo. Por exemplo, essa dissertação está salva com o nome dissertacaolarissa.txt e pode ser aberta por qualquer programa de leitura e editoração de texto. A terminação **ppt** indica que o arquivo pode ser aberto pelo programa PowerPoint, **pdf** indica que pode ser aberto e visualizado pelo Acrobat Reader e **.exe**, que se trata de um arquivo executável.

nosso objetivo fazer uma análise minuciosa das cartas em questão, mas sim ilustrar uma semelhança estrutural existente. Conforme pode ser observado, a carta impressa apresenta o pedido de replicação, a apresentação do tema e das conseqüências. O *corpus* das cartas religiosas é composto por três exemplares em papel e dois exemplares digitais, coletados por e-mail:

ORAÇÃO DE SANTO ANTONIO

SANTO ANTÔNIO, SENHOR MEU, ZELOSO E GUARDADOR, SE A TI ME CONFIOU À PIEDADE DIVINA, SEMPRE ME SIGA, ME GARDE, ME ILUMINA, PARA SEMPRE. AMÉN.

Esta oração veio de Santo das Carmelitas, missionário da América do Sul, e desde então deu volta ao mundo.

Você deve fazer 24 cópias à seus amigos, parentes ou conhecidos.

Apos alguns dias tera uma surpresa. Por nenhuma razão esta corrente deverá ser que brada ou interrompida. Faça 24 copias. A original veio de um santo e percorreu duas vezes ao mundo. A sorte enviada a você surgirá em 9 dias. Envie 24 copias a pessoas que precisem de sorte. Não fique com a carta. As cartas deverão ser enviadas como voce recebeu, pelo correio. Dê a um pobre o dinheiro que voce recebeu e coloque a mesma quantia nas cartas. Tome nota do seguinte:

- Constantino Dias pediu à secretaria para fazer as copias e em pouco tempo ganhou 3 milhões de dólares.
- Carlos um empregado, recebeu 70 mil dólares e os perdeu e ainda perdeu o emprego por ter interrompido a corrente.
- Un oficial americano Robert, recebeu e não ligou, guardando-a no ano de 1.949, perdeu toda a familia.
- Dom Dimont, das Filipinas recebeu e não deu importancia, mandou jogar fora, 9 dias depois morreu;
- Juan Vanher deu a secretaria para fazer as copias, mas esqueceu-se de envialas 9 dias depois foi expulsa de onde servia. Lembrou-se da corrente e procurou envia-las. Foi readmitida imediatamente;
- = Um governador da Guatemala recebeu e carta e não providenciou as copias afirmando ser tolice. Dias depois foi fulminado por un colapso cardíaco.
- Um secretario de Brasilia recebeu e corrente e não deu crédito zombando da mesma. Dias depois foi demitido. Desesperado lembrou-se da carta da corrente e ao invés da fazer 24 copias, fez 1.141 copias e o resultado é conhecido de todos, chegou a ser governador do Rio Grande do Sul.

DE PROSEGUIMENTO A CORRENTE E GARDE 09 DIAS, MESMO QUE CHEGUE AS SUAS MÃOS MAIS DE UMA COPIA. VOCE DEVERA FACER APENAS 24 COPIAS.

(carta 2T)

Como pode ser, ainda que superficialmente observado, há uma semelhança entre as cartas-corrente digitais e as carta-corrente tradicionais que eram/são repassadas por papel. Ainda que resguardem peculiaridades (conforme veremos no capítulo **3. Análise dos aspectos formais e funcionais da carta-corrente digital**) é possível identificar algumas semelhanças em sua estrutura.

2.5 Conhecimento institucional

O quinto passo bhatiano sugere o estudo do contexto institucional do gênero, incluindo aí as suas regras e convenções (lingüísticas, sociais, culturais acadêmicas e profissionais), que governam o modo como este gênero é utilizado.

Segundo o lingüista indiano, as regras e convenções são implicitamente entendidas e inconscientemente seguidas pelos participantes na situação comunicativa na qual o gênero em questão é usado ou, até mesmo, explicitamente impostas em alguns cenários institucionais. Esta é a natureza cognitiva de que o autor fala e que apresenta como diferencial em relação à abordagem de Swales (1990). De acordo com Bhatia (1993), muitas das informações sobre esses aspectos do contexto institucional estão disponíveis nos livros especializados, nos manuais, nas recomendações profissionais, e nas discussões das estruturas sociais, interações, crenças e metas da comunidade publicadas ou disponíveis na literatura existente. Esse passo pode incluir também o estudo do contexto situacional, se este é visto como tendo influenciado a construção do gênero de alguma forma.

No caso das cartas-corrente, não existe um manual que oriente a sua produção, restando aos usuários a aplicação de um modelo semelhante ao de uma carta pessoal ou valer-se de recursos cognitivos de reconhecimento do gênero. Pela análise dos exemplares das cartas disponíveis no *site*, verificamos a composição da carta-corrente e detectamos as que se aplicam no que definimos como sendo este gênero.

Para conhecer melhor como esses membros recebem as mensagens em suas caixas de e-mail e como reconhecem uma carta-corrente, elaboramos três perguntas (3, 4 e 5) e adicionamos ao questionário já referido, que se encontra no item 2.7

O quinto passo também contempla o estudo do contexto situacional, se este é visto como tendo influenciado na construção do gênero de alguma forma. Uma vez que a carta analisada é a que se propaga pelo meio digital através da caixa de correio eletrônico, o conhecimento do meio digital e de como funciona o mecanismo do correio eletrônico é fundamental para o conhecimento institucional do gênero. Executamos este passo ao tratarmos do assunto no capítulo 1, referente à Fundamentação Teórica.

2. 6 Níveis de análise lingüística

O passo “níveis de análise lingüística” está dividido em três níveis, e cabe ao analista decidir qual nível é decisivo na constituição do gênero selecionado para sua análise. De acordo com a metodologia proposta por Bhatia, os níveis são:

1. Análise das marcas léxico-gramaticais
2. Análise da padronização do texto ou textualizações
3. Interpretação estrutural do gênero

No **nível 1**, o texto pode ser analisado através do estudo de traços específicos da linguagem que são predominantemente usados no texto. Esse é um nível de análise mais quantitativo, de traços que podem ser caracterizados como pertencentes a uma variedade de língua utilizada em um determinado gênero. É importante porque pode comprovar, através de dados estatísticos, evidências intuitivas do pesquisador. No entanto, Bhatia alerta que este nível de análise revela muito pouco sobre a textualização desses gêneros e sobre os seus propósitos comunicativos. Em nossa análise, o nível 1 foi realizado com testes preliminares das regularidades formais do gênero e seus dados não serão mostrados aqui, pois foram integrados ao capítulo de análise.

Na análise lingüística ou análise das marcas léxico-gramaticais, feita neste trabalho, consideramos elementos que contribuem para a compreensão do texto e que funcionam em conjunto com os elementos paratextuais, gerando o sentido global do gênero. O texto é analisado através do estudo de traços específicos da linguagem que são predominantemente usados. No caso das cartas-corrente digitais, percebe-se a presença recorrente de termos modalizadores como o “por favor” e o “por gentileza” antes do

pedido de replicação, com o objetivo de sensibilizar o leitor e de colocar a responsabilidade da propagação da mensagem em suas mãos. A presença desses termos ameniza, nesses casos, a ordem expressa pelos verbos no imperativo (também recorrentes nas cartas). A análise do nível 1 foi realizada através da seguinte tabela:

▶ Carta corrente nº: Grupo:	
▶ Termos modalizadores (por favor, por gentileza, antes do pedido de replicação: Sim () Não ()	
▶ Uso de terceira pessoa ao se referir ao leitor: Singular () Plural ()	
▶ Presença de adjetivos: Sim () Não ()	
▶ Saudação inicial: Sim () Não ()	
▶ Encerramento com assinatura: Sim () Não ()	
▶ Presença de termos técnicos relacionados ao assunto da mensagem (quando se tratar do tema saúde verificar uso de termos específicos; em mensagens sobre vírus, verificar termos relativos ao mundo digital que não são de conhecimento amplo): Sim () Não ()	
▶ Verbos indicadores de instrução de reenvio: Sim () Não ()	
▶ Verbos indicadores de solicitação de reenvio: Sim () Não ()	
▶ Uso de caixa alta: Sim () Não () Frequente () Raro ()	

Tabela 1. Ocorrência de marcas textuais

O **nível 2** está ligado ao primeiro, uma vez que trata da ocorrência de marcas textuais em um determinado gênero e da forma como este está padronizado. A diferença está na interpretação funcional, já que tais ocorrências podem exercer funções diversas em diferentes gêneros. Mas não é apenas isto, pois o nível de análise é o texto em si. Nesse nível, já não são apenas dados quantitativos de marcas linguísticas que constituem a análise, mas todo o conjunto de características da língua que podem exercer funções diferentes em diferentes gêneros. Para a análise do *corpus*, partimos de uma observação inicial da organização textual do gênero, de constatações particulares às mais abrangentes. Tentamos identificar os traços de recorrência nas cartas, como, por exemplo, a abertura, a apresentação do caso, a cota de reenvio e o pedido de replicação. Elaboramos, para facilitar a coleta de dados, a seguinte tabela:

▶ Carta corrente nº:			
▶ Grupo:			
▶ Apresentação dos interlocutores:			
Sim ()	Não ()		
▶ Motivação para leitura completa da mensagem:			
Singular ()	Plural ()		
▶ Instrução de encaminhamento:			
Sim ()	Não ()		
▶ Mecanismos de funcionamento:			
Sim ()	Não ()		
▶ Conseqüências da replicação:			
Imediatas ()	Indefinidas ()		
▶ Cota de reenvio:			
Sim ()	Não ()	Definida ()	Indefinida ()
▶ Informações especializadas:			
Sim ()	Não ()		
▶ Assinatura:			
Sim ()	Não ()		
▶ Solicitação de reenvio (localização na mensagem):			
Início ()	Meio ()	Fim ()	

Tabela 2: Ocorrência de elementos da organização textual

Voltando um pouco a nossa Fundamentação Teórica, lembramos que Coimbra (2002) baseou-se nas superestruturas de Van Dijk (1975), que consistem em seqüências hierárquicas de categorias funcionais identificadas por etiquetas, como introdução, desenvolvimento e conclusão. Em sua pesquisa, Coimbra dividiu a estrutura da carta-corrente em oito unidades temáticas, compostas por título, motivação, apresentação, mensagem incluída, solicitação de reenvio, testemunhas, lista de emissores e afirmação de veracidade. Verificamos que essas subdivisões são muito importantes para identificação da carta-corrente digital, mas observamos que elas lembram fortemente a estrutura das cartas-corrente tradicionais, enviadas na versão impressa, conforme podemos ver neste exemplo, de uma carta apresentada que pode ser veiculada tanto no meio tradicional (impresso) quanto no digital:

Subject: Milagres !!!
 A PESSOA QUE ME ENVIOU ISTO, AINDA NÃO ACREDITA QUE ACONTECEU MESMO, ELA ME DISSE QUE FEZ APENAS POR FAZER E QUE PEDIU ALGO QUE ACREDITAVA SER IMPOSSÍVEL.
 VEREMOS...
 Para você mesmo, diga o nome do único rapaz ou moça com quem você gostaria de estar (três vezes).
 Pense em algo que queira realizar na próxima semana e repita para você mesmo (seis vezes).
 Se você tem um desejo, repita-o para você mesmo (nove vezes).
 Pense em algo que queira que aconteça entre você e uma pessoa especial (aquela que você pensou no número 1.) e repita para você mesmo (doze vezes). Agora, esta é a parte mais difícil, escolha um dos desejos que você fez anteriormente e concentre-se nele, somente nele e em nada mais.
 Agora faça um último pedido relacionado ao desejo que você escolheu.
 Depois de ler isto, você tem 1 hora para mandá-lo a 15 pessoas e o que você pediu se tornará realidade em uma semana. Quanto maior o número de pessoas para as quais você mandar, mais forte se tornará seu desejo. Se você ignorar esta carta, o contrário ao seu desejo acontecerá ou ele jamais se realizará.

(exemplar coletado em COIMBRA, 2002)³²

³² O exemplar e a análise apresentada podem ser vistos no seguinte endereço virtual, acessado em 13 de maio de 2007.
 <<http://209.85.165.104/search?q=cache:HbtbtFuhw4YJ:gsbl.det.ua.pt/coloquio/doc/Redes%2520e%2520cibercidade%2520Dia%25203/Cartas%2520em%2520cadeia%2520por%2520e-mail-%2520um%2520novo%2520g%C3%A9nero%2520textual%2520-%2520Rosa%2520L.ppt+cartas+em+cadeia&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=8&gl=br>>

Com base no exemplo acima, Coimbra apresentou a seguinte análise:

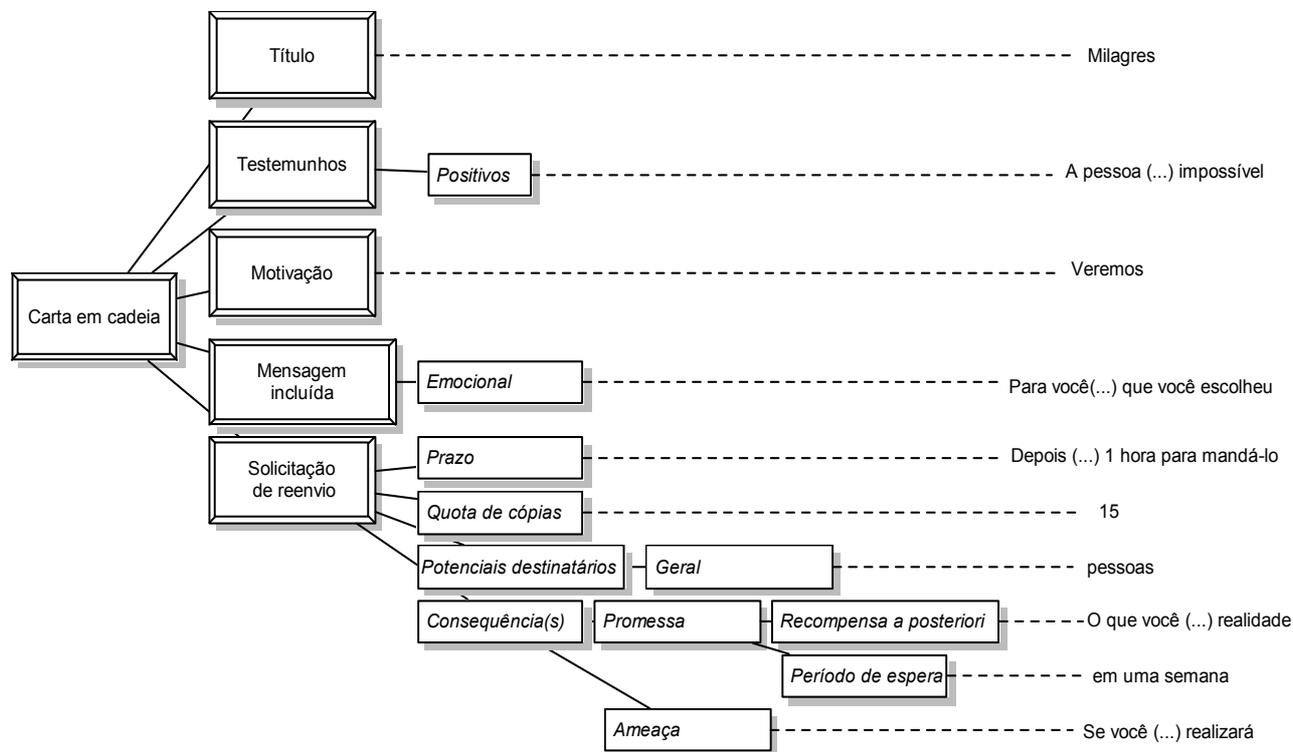


Fig.5: Análise de Coimbra (2002)³³ sobre o exemplar de seu corpus

Para nossa análise, nos inspiramos na separação estrutural apresentada por Coimbra, mas observamos que a simples separação estrutural não era suficiente para contemplar nosso objetivo de análise dos aspectos formais e funcionais das cartas-corrente digitais. O exemplar analisado por Coimbra não é exclusivo do meio digital, ou seja, pode ser impresso e encaminhado por meios tradicionais, como papel. Esse aspecto, por si, já sinaliza para um avanço de nossa proposta de pesquisa em relação ao trabalho de Coimbra.

Conforme podemos observar na tabela 2, achamos suficiente a análise dos seguintes aspectos funcionais: motivação para a leitura da mensagem, solicitação de reenvio, cota

33

<http://209.85.165.104/search?q=cache:HbtbtFuhw4YJ:gsbl.det.ua.pt/coloquio/doc/Redes%2520e%2520cibercidades%2520Dia%25203/Cartas%2520em%2520cadeia%2520por%2520e-mail-%2520um%2520novo%2520g%C3%A9nero%2520textual%2520-%2520Rosa%2520L.ppt+cartas+em+cadeia&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=8&gl=br> . Acesso em nov/2006

de reenvio, conseqüências caso a mensagem não seja repassada, instruções sobre como encaminhar a mensagem, explicação do funcionamento da mensagem e testemunho.

O **nível 3** diz respeito à interpretação estrutural do texto no gênero. O terceiro nível aborda uma questão mais cognitivista e refere-se ao modo como os membros de uma comunidade de fala optam por determinados usos da linguagem (lexical, sintática ou discursivamente) quando em contato com um determinado gênero. O nível 3 está relacionado às estratégias de distribuição das informações dentro do texto e sua estrutura se assemelha muito aos *moves* de Swales (1990). Embora alerte que o reconhecimento cognitivo da estrutura (*move*) possa ser usado (reconhecimento cognitivo) para uma ampla variedade de gêneros, nem sempre terá aplicabilidade para todos já que cada gênero reclama suas próprias adaptações.

Os níveis de investigação propostos por Bhatia englobam uma perspectiva global de análise. Para responder as questões propostas no capítulo de introdução sobre o objetivo do trabalho, abordaremos os dois primeiros níveis no capítulo 3.

2.7 Informações especializadas para análises de gêneros

O último passo da metodologia proposta por Bhatia diz respeito à checagem que deve ser feita em relação às descobertas realizadas pelo pesquisador através de um informante produtor/consumidor do gênero analisado. Segundo ele, essas informações devem ser checadas por outro especialista do gênero.

Conforme explicado anteriormente, não foi possível a entrevista com os autores das cartas-corrente digitais, já que o anonimato de quem as escreve é uma característica das mensagens. Optamos, por isso, por verificar no questionário abaixo apresentado alguns dados relativos ao (re) conhecimento do gênero.

O questionário foi elaborado para ser enviado por e-mail, a fim de tentar elucidar alguns questionamentos relativos às pessoas que repassam as cartas correntes. O questionário foi enviado para 160 pessoas, mas apenas 31 devolveram respondido. As perguntas formuladas nos possibilitam conhecer um pouco sobre o público que recebe e que encaminha as cartas-corrente digitais. Além disso, as perguntas visam atender parte dos requisitos dos passos 1, 3 e 5 da metodologia proposta por Bhatia.

Questionário

1. Você usa correio eletrônico há quanto tempo?
 menos de um ano
 entre um e dois anos
 entre três e cinco anos
 mais de cinco anos

2. Com que regularidade você checa sua caixa de correio eletrônico?
 raramente (sem periodicidade definida)
 uma vez a cada quinze dias
 uma ou duas vezes por semana
 todos os dias

3. Você costuma abrir e ler os e-mails encaminhados (FW, ENC)?
 sim não

- Se **não**, selecione os motivos abaixo:
 falta de tempo
 medo de vírus
 remetente desconhecido
 sei pelo título que a maioria das mensagens não interessa
 outros: _____

4. Com que frequência você envia e-mails?
 raramente (sem periodicidade definida)
 uma vez a cada quinze dias
 uma ou duas vezes por semana
 quase todos os dias

5. Você já recebeu e-mails que solicitam o reenvio? Por exemplo: “por favor, avise ao maior número de pessoas possível”, “Favor, encaminhar a todos os seus amigos”, “se você tem coração, repasse essa mensagem a todos que você conhece”.
 sim não

6. Em caso afirmativo, por favor, marque os temas das mensagens que solicitam o reenvio já recebidas por você:
 petição para assinatura de abaixo-assinado (pela paz mundial, contra a matança de bebês na China)
 protesto contra preço do combustível, corrupção no governo, desmatamento na Amazônia
 alerta para aparecimento de novos vírus (ursinho, jade, iloveyou, bicho de sete cabeças)
 alerta para serviços que podem mudar, como desativação do msn ou orkut que passaria a ser pago/ perfil deletado.
 alerta relacionado à saúde (antitranspirante que causa câncer, refrigerante de uva cancerígeno, batom com chumbo)
 solidariedade, solicitando encaminhamento da mensagem para que algum provedor doe dinheiro para alguma criança com problema de saúde
 distribuição de celulares, *notebooks*, *kits* de cerveja e dinheiro

7. Você já repassou alguma das mensagens com os temas acima?
 sim não

8. Em caso afirmativo, por que repassou?

9. Em caso negativo, por que não repassou?
10. Se você achasse que seria necessário repassar alguma mensagem, sob quais circunstâncias você o faria?
- questão de saúde, pois alguém pode precisar que a mensagem seja encaminhada.
 - para alertar meus contatos sob possível contaminação de vírus na Internet
 - para protestar contra aumentos abusivos dos preços ou protestar contra a corrupção e fazer com que outros conheçam a mensagem
 - para concorrer a prêmios como celulares ou notebooks.
 - outro motivo: _____
 - não repasso sob nenhuma hipótese
11. Como você considera as mensagens expostas acima, que apresentam um problema, que solicitam reenvio mas que não têm conteúdo com veracidade comprovada?
- mensagens específicas que tratam de assuntos de interesses variados
 - carta-corrente
 - spam ou lixo eletrônico
 - trote/pegadinha
 - Outro _____

As perguntas **1** e **2** do questionário acima nos permitem evidenciar um contato/conhecimento das ferramentas do correio eletrônico que são necessárias para uma boa compreensão do gênero, pois quanto mais se tem uso/conhecimento do meio digital, menos mensagens são repassadas por causa da exaustividade e frequência em que as cartas surgem nas caixas de correio.

A pergunta **3** pretende avaliar se as cartas-corrente que não aparecem como mensagem encaminhada são abertas e lidas ou se são simplesmente ignoradas ou deletadas. As questões **5** e **6** são referentes ao conhecimento das cartas-corrente digitais, em relação aos assuntos mais recorrentes das mensagens, e visam avaliar quais são mais facilmente identificáveis e que ficaram presentes na mente do leitor.

A questão **7** visa saber se a pessoa que respondeu o questionário é de fato um “replicador” de mensagens, se é ele quem colabora para que as cartas sejam passadas adiante. As razões do repasse ou não das mensagens são investigadas nas questões **8** e **9**. Na questão **10**, procuramos saber se a pessoa consegue identificar se alguma mensagem é falsa e de que forma ela faz isso.

O questionário foi enviado inicialmente para cinco pessoas. Como as primeiras respostas mostraram-se evasivas, acrescentamos uma questão (a de número **11**) e modificamos a forma da resposta: antes era discursiva e depois passou a ser de múltipla escolha. Essa questão nos permitiu identificar como as cartas correntes são chamadas no meio digital e facilitou o entendimento por parte dos sujeitos, tornando a questão mais clara.

Neste capítulo apresentamos os passos metodológicos propostos por Bhatia (1993) e a forma em que eles nos foram úteis para a pesquisa realizada. No capítulo subsequente, apresentaremos a aplicação dos passos propostos por Bhatia que visam atender os objetivos propostos no presente trabalho.

Capítulo 3

Análise dos aspectos estruturais da carta-corrente digital

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida.
(BAKHTIN, 1997, p.282)

Neste capítulo apresentamos a análise dos aspectos estruturais do gênero digital carta-corrente, realizada de acordo com a metodologia apresentada no capítulo 2, seguindo os passos teórico-metodológicos de Bhatia (1993) para análise de gêneros. No entanto, para a compreensão de onde aparecem tais passos apresentados pelo autor no presente capítulo, faremos um breve resumo do nosso agrupamento de informações para o alcance dos objetivos propostos. Ou seja, antes de iniciarmos a análise, explicaremos sua disposição no trabalho.

Conforme visto no capítulo anterior, alguns passos da metodologia sugeridos por Bhatia foram respondidos e apresentados ao longo deste trabalho sem necessariamente apresentar a mesma ordem apresentada pelo autor. O primeiro passo, que diz respeito à seleção de um representante típico do texto-gênero em um contexto situacional, foi cumprido e apresentado de forma dividida entre os capítulos 1 e 2. O terceiro passo, que trata da necessidade de se fazer um refinamento do contexto-situacional e definir o redator falante, a comunidade onde o discurso ocorre e a rede de textos circunvizinhos que servem de pano de fundo para o gênero particular, aparece tanto no capítulo 1 quanto no presente capítulo. Tanto o primeiro como o terceiro passo propostos por Bhatia aparecem novamente no item 3.1.

No mesmo item 3.1, abordamos a carta-corrente digital em seu contexto situacional/ institucional, que é o ambiente de replicação. Para uma noção mais abrangente do meio, além do conhecimento do ciberespaço, desenvolvemos também um

questionário (cf. capítulo 2). Através dos estudos nos capítulos 1 e 2 e da análise feita no item 3.1, alcançamos o primeiro objetivo específico proposto, de identificação e distinção da carta-corrente digital dos outros gêneros que circulam por e-mail³⁴.

O segundo passo sugerido por Bhatia recomenda que o pesquisador faça um levantamento da literatura existente que contemple as análises de gênero e da comunidade em questão. Este passo foi contemplado como um dos primeiros itens e aparece, na ordem de apresentação desta Dissertação, na Introdução e na Fundamentação Teórica, não sendo, portanto, necessária a repetição do referido passo neste capítulo.

O quarto passo da metodologia prevê a escolha do *corpus* e aponta para uma definição do gênero pautada pelos propósitos comunicativos e pelos contextos situacionais nos quais o gênero geralmente é usado. Para o exercício de análise, o autor não deixa de considerar ainda a relevância de algumas características textuais distintivas ou de alguma combinação delas. Tais aspectos foram contemplados no item 2.4 da metodologia e no item 3.2 deste capítulo. O passo nos ajudou a alcançar o segundo objetivo específico proposto para a Dissertação, que é a análise dos propósitos específicos das cartas-corrente digitais.

De acordo com a metodologia, o quinto passo diz respeito ao estudo do contexto institucional do gênero, incluindo suas regras e convenções que governam o modo como este gênero é utilizado. Este passo, além de ter sido contemplado na Fundamentação Teórica e na Metodologia (capítulo 2), foi também contemplado no questionário elaborado para sondagem com os membros usuários de Internet e do gênero carta-corrente digital. A análise dos dados gerados pela aplicação do questionário pode ser vista no item 3.1.

O sexto passo estará no nosso próximo capítulo, que trata dos aspectos formais e funcionais das cartas-corrente.

³⁴ Quando afirmamos que o determinado passo nos ajudou a alcançar o objetivo, consideramos que ele tornou a visualização por parte do pesquisador mais evidente, e com recursos mais efetivamente direcionados. No entanto, no momento algum desprezamos (e não é este o objetivo de nosso trabalho) os outros passos propostos por Bhatia (1993) em sua abordagem teórico-metodológica. Acreditamos, por fim, que a análise de gênero é realizada de modo global e nenhum passo deve ser utilizado de forma isolada, sem considerar os pormenores sociais que envolvem o gênero.

3.1 A Carta-corrente digital e o contexto situacional/institucional

Para uma pessoa que consegue vencer algumas dificuldades tecnológicas referentes ao meio digital e que é apta para utilizar a caixa de correio eletrônico, é possível trocar, com outras pessoas, mensagens pessoais, textos acadêmicos e até receitas culinárias. Por e-mail é possível, ainda, receber propaganda de loja de departamentos e saber as principais manchetes de um jornal. Podemos, ainda, enviar textos sobre praticamente todos os assuntos, compostos das mais diferenciadas formas e cumprindo os mais diferentes propósitos.

O objeto analisado nesta Dissertação é a carta-corrente que se propaga no meio digital através do correio eletrônico, por isso aqui denominado de carta-corrente digital. Em geral, a carta-corrente, seja impressa ou digital, é um texto anônimo³⁵ e, por esta razão, torna-se quase impossível definir o seu redator/autor. O caráter “anônimo” da mensagem, o pedido de replicação e o constante aparecimento das cartas no meio digital (muitos com estrutura textual recorrente) acabaram por criar uma imagem negativa do gênero.

No caso das cartas-corrente digitais, elas passaram a ser vistas por muitas pessoas como lixo eletrônico. Quanto a isso, identificamos pelo menos um ponto que nos faz entrar em desacordo com essa classificação: o vínculo (ou a tentativa de recriação dele) evidencia o aspecto que vai diferenciar o gênero carta-corrente digital dos *spams*, as mensagens não solicitadas que circulam pela Internet. Os *spams*³⁶ são mensagens publicitárias sem emissor conhecido que partem de uma conta de correio

³⁵ Não é o objetivo do presente trabalho debater os domínios discursivos do anonimato. Consideraremos, portanto, uma carta-corrente anônima como aquela que não possui um autor explícito, alguém que assume a autoria da escrita da carta.

³⁶ O termo spam, de acordo com o *site* Dicas L (<http://www.dicas-l.com.br/dicas-l/20040503.php>, acesso em 22 de outubro de 2006), mantido por Allan Britto, vem do inglês e deriva do nome da primeira carne enlatada criada e comercializada nos Estados Unidos pela empresa Hormel Foods a partir de 1937. “*Spam*” origina da junção das palavras *spiced* (apimentada, temperada) e *ham* (presunto). O grupo humorístico Monty Python agregou o nome “spam” a um episódio em que um grupo de *vikings* famintos entrava num bar, e começava a gritar “*spam, spam, spam, spam*” de maneira intermitente e irritante, simplesmente tornando um fardo qualquer comunicação das outras pessoas presentes com a gritaria repetitiva. Como a comida era muito popular, o grupo satirizava também o *spam* como a única especialidade de comida no restaurante. De acordo com o *site*, a idéia do *spam* foi ligada diretamente às mensagens publicitárias enviadas insistentemente entre grupos de discussões, impossibilitando a comunicação direta entre as pessoas. A partir de então, o termo pode ser definido como o envio de mensagem eletrônica não solicitada e não autorizada.

eletrônico falsa. As cartas-corrente, que podem ser até consideradas lixo eletrônico por alguns usuários da Internet, têm a característica de sempre serem enviadas por uma conta de e-mail válida e remetidas a endereços de pessoas conhecidas. Esse é o primeiro passo para diferenciar as cartas-corrente digitais dos “*spams*” e de propagandas não solicitadas: o emissor da mensagem é uma pessoa com conta de e-mail ativa.

3.1.2 Carta-corrente digital e contexto de replicação

Para tentar compreender o contexto situacional onde as cartas-corrente digitais se reproduzem, aplicamos o questionário conforme descrito nos Procedimentos Metodológicos. Embora o questionário tenha sido enviado para aproximadamente 160 pessoas, pouquíssimas foram as respostas enviadas de volta, totalizando 31 participantes. Não está nos méritos deste trabalho avaliar o porquê do baixo retorno no envio das respostas, mas podemos considerar que uma das prováveis razões seria a falta de tempo para responder questionários por e-mail (espaço geralmente usado para respostas ou troca de mensagens rápidas). Como a resposta do questionário exige que a pessoa pense um pouco antes de preencher os dados, é bem provável que não tenham sido enviados por esse motivo. Há, também, a possibilidade da falta de interesse (em responder) e, também, o não recebimento do e-mail.

Para cada mensagem enviada (individualmente), armazenamos a data de envio para avaliarmos o tempo gasto entre o envio do questionário e o reenvio do mesmo respondido. Sem exceção, todas as mensagens foram respondidas no intervalo de quatro dias, sendo que a maioria, 97% das mensagens foram enviadas até um dia depois do recebimento. Depois do envio das mesmas, não há registros de recebimento de respostas que excedam o prazo mencionado acima³⁷.

Foram elaboradas questões voltadas para o conhecimento do ambiente em que as mensagens se reproduzem. Segundo os dados coletados, 77,4% das pessoas que responderam o questionário possuem acesso ao e-mail há mais de cinco anos e, em segundo lugar, os dados apontam o uso do e-mail entre três e cinco anos de 13% das

³⁷ O comportamento de “não-resposta” e “não-envio” das mensagens pode ser comparada ao repasse das cartas-corrente digitais ao fazermos uma analogia entre o envio do questionário e o repasse das mesmas. É bem provável que a falta de tempo e o desinteresse colaborem para o não-envio da mesma mensagem repetidas vezes por todos os contatos de correio eletrônico.

respostas recebidas. Em terceiro lugar, com 9,6%, estão as pessoas que usam o correio eletrônico há pouco mais de um e dois anos. Esses dados apontam uma grande popularização do uso do correio eletrônico há pelo menos dois anos.

Sobre a regularidade com que checam as mensagens e com que enviam mensagens, as repostas confirmam que o e-mail está presente no dia-a-dia da maioria dos usuários e que o hábito de checá-lo diariamente é uma constante para 87% dos entrevistados. Dos que responderam o questionário, 58% disseram que costumam enviar e-mails quase todos os dias e 32,3% afirmaram fazê-lo uma ou duas vezes por semana.

Levando em consideração o tempo de abertura da conta de e-mail e a frequência em acessar a Internet, não é difícil perceber que diariamente os entrevistados recebem os mais variados tipos de mensagens, que vão das mensagens pessoais aos *spams*. Todos os dias são trocadas milhões de mensagens digitais, número praticamente impossível de estimar. Como identificar, então, que os textos que chamamos de carta-corrente digital pertencem a um grupo de textos semelhantes?

Para avaliar como os usuários identificam os textos que consideramos como carta-corrente digital, foram feitas duas perguntas para sondar se os participantes já tinham tido contato com os esse gênero. Na pergunta de número **05** (conforme questionário apresentado no item 2.7 Informações especializadas para análise de gêneros), perguntamos se o participante já recebeu e-mails que solicitam o reenvio e citamos como exemplo alguns trechos como “por favor, avise ao maior número de pessoas possível” e “favor, encaminhar a todos os seus amigos”. Ao proceder à triangulação dos dados, verificamos que apenas uma pessoa marcou não ter recebido nenhuma mensagem que identificasse os trechos acima, ou seja, a maioria dos sujeitos desta pesquisa afirmou já ter tido contato com esse tipo de mensagens. Mas como eles as chamam/nomeiam? Para responder essa pergunta, solicitamos na questão seguinte que o participante marcasse os temas das mensagens de reenvio que já tinham sido recebidas nas caixas de correio. Todos os assuntos citados no questionário foram marcados, com maior incidência para os seguintes temas: protesto (contra preços do combustível, corrupção no governo, desmatamento na Amazônia), alerta para o surgimento de novos vírus e pedido de solidariedade (pessoas doentes).

A última pergunta do questionário diz respeito a como os participantes vêem as mensagens que eles identificaram anteriormente, que solicitavam o reenvio, mas que não tinham veracidade comprovada. Entre as respostas, 64% consideram os textos como “*spams* ou lixo eletrônico”, 12% consideram “mensagens específicas que tratam de assuntos de interesses variados”, 12% consideraram como “trote ou pegadinha”. “Carta-corrente”, opção de resposta que consideramos mais apropriada para o tipo de mensagem apresentada, corresponde a 10% das respostas, ficando a frente apenas da opção “outros”, que recebeu como sugestão “mensagens de veracidade duvidosa que não merecem ser repassadas para alardear boatos”.

Essa informação é importante, pois, de acordo com a denominação das próprias cartas-corrente digitais, elas referem-se a si de formas variadas, como e-mail, aviso e/ou mensagem:

POR FAVOR PASSE ESSA **MENSAGEM** PARA TODOS OS SEUS AMIGOS E AS PESSOAS DE QUEM VOCÊ TEM O E-MAIL

(carta 109)

Divulgue esse **e-mail** para 15 pessoas com cópia para: ca.veklischer@nestle.com.br, que entraremos em contato com você e enviaremos um lindo kit com todas as novidades da linha Nestlé 2003.

(carta 81)

Assim que acabar de ler esse **aviso**, envie para máximo de pessoas que for possível, nada nos garante que ele não possa estar já prejudicando mais gente.

(carta104)

Encontramos ainda um exemplar que se refere como “carta-corrente para, em seguida, substituir o termo por “e-mail”. Ainda que se assuma como carta-corrente, ressalta entre parênteses que o entendimento para o termo é o de uma corrente de solidariedade - e que o termo é mais sério do que se poderia pensar caso não houvesse a ressalva.

Eu também pensei que **era besteira** mas 2 semanas depois de receber esse e-mail, a pessoa que mandou-o para mim foi contactada pelo Microsoft e dentro de alguns dias ele recebeu o um cheque de \$24.800,00

(carta 11)

Esta não é somente "**carta corrente**" (corrente de solidariedade) mas uma escolha de salvar esta garotinha que está morrendo de uma séria e fatal forma de câncer. Por favor, enviem este **e-mail** a todos aqueles que conhecem! (carta 45)

Em algumas poucas cartas-correntes digitais (8%) identificamos a mesma estratégia citada acima, com o intuito de fazer com que o leitor leve a mensagem veiculada a sério e que não as veja como “pegadinha” ou mentira (como grande parte dos leitores costuma fazer). Além dessa leitura, é possível perceber que a evocação lexical do termo *e-mail* após a expressão “*esta não é somente carta corrente*” nos instiga a sugerir que os produtores/consumidores desse gênero percebem a sua natureza digital. A percepção da natureza digital por parte do autor (e do leitor) se torna ainda mais evidente quando se entende que as mensagens exigem o ambiente digital como condição não só de replicação como também de construção do sentido e essa exigência é cumprida pelos produtores/consumidores desse gênero. O repasse da mensagem é, antes de uma demonstração de compreensão da mensagem da carta-corrente digital, uma demonstração de letramento adequado à situação de comunicação em análise. Isso se justifica porque sem o conhecimento de aspectos caracterizadores do meio digital e sem a capacidade de compreender o que significa o termo *e-mail*, dificilmente a mensagem conseguiria ser aberta, lida e enviada para outros destinatários. Para reenvio da mensagem para diversas pessoas, é preciso que o leitor entenda como funciona o mecanismo de preenchimento dos espaços gerados pelo *software* da caixa de correio eletrônico.

Através das respostas do questionário aplicado, conseguimos interpretar as mensagens como presentes nos dia-a-dia dos usuários de e-mail. Eles conseguem reconhecê-las em suas caixas de entrada, mas não há consenso sobre o que exatamente representam ou por qual nome devem chamá-las. O reconhecimento das mensagens vem não só do tema que elas abordam, mas também por evidenciarem traços lingüísticos recorrentes, como o reconhecimento de verbos imperativos, como *leia* e *repasse*, por exemplo. As pistas lingüísticas referem-se também ao título das mensagens, em sua grande maioria antecedidas das siglas **ENC** ou **FW**, que significam que as mesmas foram encaminhadas de outro remetente e que hipoteticamente não sofreram alteração. Ao ver essas siglas na caixa de entrada, muitas pessoas (que têm um conhecimento maior do que circula por e-mail) podem ignorar o texto por associar a sigla a mensagens que são, em sua maioria, coletivas, e de assuntos duvidosos.

No questionário abordamos o reconhecimento das mensagens com a pergunta “você costuma abrir e ler os e-mails encaminhados (ENC, FW)?”. Obtivemos os seguintes resultados: 61% disseram abrir e ler os e-mails encaminhados. Os outros 39% que marcaram a opção “não”, argumentaram que não abriam os e-mails encaminhados, principalmente quando identificados por “ENC” ou “FW”, por motivos como falta de tempo, medo de vírus, por não conhecerem o remetente ou por considerarem que, pelo título do e-mail, já sabem que a mensagem não interessa. Houve, ainda, o caso de uma resposta em que o entrevistado acrescentou que lia os e-mails encaminhados apenas de pessoas que conhecia ou dos assuntos que já tinha discutido anteriormente.

O conhecimento do redator das mensagens encaminhadas é, então, um fator relevante, pois corresponde a 25% das respostas relativas a não abertura dos e-mails. No caso de uma carta-corrente, que a mensagem é simplesmente repassada, a autoria real da mensagem se perde com os constantes encaminhamentos e contribui para o reconhecimento da mesma como uma mensagem padronizada, chamada de lixo eletrônico ou de *spam*, cujo interesse não é relevante para a grande maioria dos leitores.

A seguir, um exemplar de carta-corrente digital em uma caixa de e-mail, aberto para leitura. Para ilustrar, colamos uma caixa de correio típica, com uma carta-corrente digital enviada.

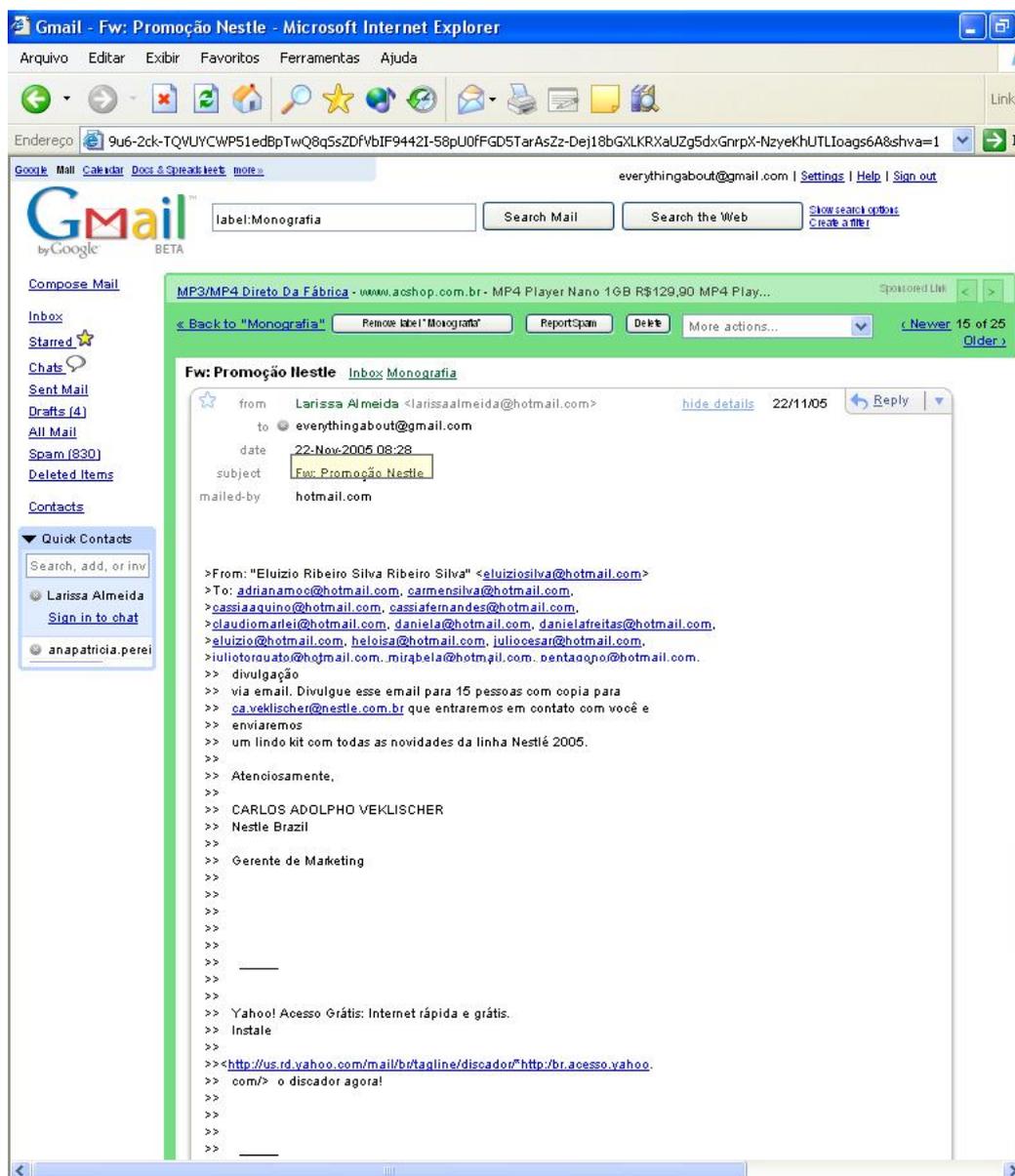


Fig.6 modelo de carta-corrente digital recebida em correio eletrônico.

Como se pode perceber, vários elementos fazem parte do contexto de replicação da mensagem e estes elementos não se referem diretamente ao conteúdo da mensagem (nome do remetente, data da mensagem enviada) Abaixo colamos a ampliação do topo do e-mail aberto. A primeira informação que aparece é o nome da pessoa que **enviou** o e-mail. Em seguida, aparece a data em que o e-mail foi enviado (22 de novembro de 2005) e, abaixo, o assunto (subject) da mensagem: FW: Promoção Nestlé.

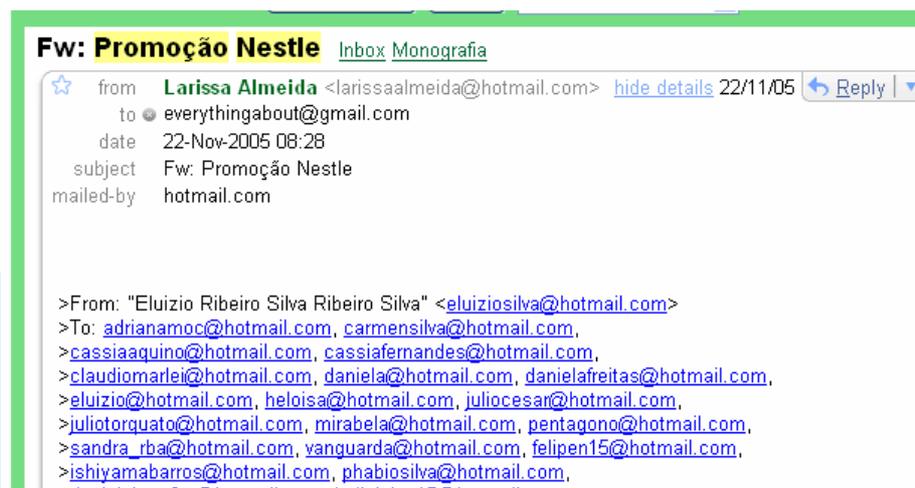


Fig.7: Mensagem da carta-corrente aberta, evidenciando o grande número de destinatários que receberam a mesma carta anteriormente

O título da mensagem (FW: Promoção Nestlé) já dá pistas de que a mensagem que veio de outros destinatários e que foi encaminhada sem sofrer modificações em seu conteúdo. A sigla, embora nem todos os internautas tenha conhecimento do que significa, presume significar uma mensagem encaminhada. Antes da mensagem em si começar, aparecem os nomes de outros destinatários da mesma mensagem. Ao abrir o e-mail, o leitor irá perceber que essa não é uma mensagem personalizada, direcionada para ele e, por seu conhecimento de mundo, percebe que se trata de uma mensagem de estilo “corrente”, que vai sendo encaminhada por cada receptor – e de cada receptor para outros receptores, sucessivamente.

Uma vez que o leitor ultrapasse todas essas barreiras (a de reconhecimento que se trata de uma mensagem encaminhada, reconhecida pela leitura das siglas ENC e FW e a barreira da percepção de que outras pessoas já enviaram essa mesma mensagem), ainda resta a dúvida sobre a autenticidade e o autor original da mesma.

A carta-corrente, em sua essência, guarda a característica do anonimato. Ainda que venha “assinada”³⁸ com o nome de alguma pessoa, como saber se foi realmente escrita por aquela pessoa que diz ser? Ainda que de algumas se “conheça” o redator, de

³⁸ A assinatura a que nos referimos é o nome da pessoa escrito no final da mensagem. Como as cartas-corrente digitais analisadas são, em sua maioria, enviadas no corpo do espaço para a mensagem, e não anexadas, não foi encontrada nenhuma assinatura digitalizada que indicasse a idoneidade da mensagem.

muitas outras (maioria) não se sabe quem escreveu e as mensagens circulam de e-mail para e-mail formando uma cadeia gigantesca. Tentamos solucionar o problema do “redator” atribuindo autoria a quem repassa a mensagem.

Quando um enunciador encaminha um texto qualquer (independentemente da crença do emissor na veracidade da mesma), o enunciatário pode entender que quem enviou a mensagem a está legitimando ou, no mínimo, acreditando no que está escrito nela. A partir do momento que esse receptor entende que a mensagem deve ser encaminhada para outras pessoas, ele passa a se tornar um emissor também, que a reenviará aos outros receptores e se transformará, para eles, no responsável pela mensagem.

As cartas-corrente digitais são repassadas por e-mail e costumam ser enviadas para diversos destinatários, de modo que todas as pessoas recebam a mesma mensagem ao mesmo tempo, da mesma forma. Para analisar a comunidade em que o discurso ocorre, Bhatia (1993) sugere que se defina a ocupação profissional e/ou histórica, sociocultural e filosófica dos membros da comunidade. Como dito anteriormente, trata-se de um grupo heterogêneo, tão diverso quanto a quantidade de e-mails que é enviada e recebida todos os dias, o que torna praticamente impossível delimitar de quem se trata.

Assim como as cartas pessoais, as cartas-corrente digitais são direcionadas a um destinatário e possuem uma estrutura facilmente perceptível com abertura, desenvolvimento e encerramento. Na maioria das mensagens, o uso da linguagem apelativa e o texto produzido e direcionado para o leitor fazem com que seja criado um vínculo de dependência. Junto a isso, o fator emocional também está envolvido: por sentimento de pena (quando a mensagem envolve problemas de saúde com criança), e ainda que tenham dúvida sobre a veracidade da informação, muitas pessoas acabam repassando a mensagem.

De acordo com os dados gerados a partir da aplicação do questionário, 42% dos participantes já enviou pelo menos uma mensagem que trazia claramente o pedido de replicação. Entre as justificativas encontramos a resposta “por conhecer o remetente”, o que confirma nossa hipótese de que as mensagens são lidas por serem enviadas por um remetente conhecido e são repassadas por conhecidos de outras pessoas, que

acreditaram na mensagem incluída. Ainda que não acreditassem na mensagem, o conhecimento do remetente fez com que as mensagens fossem abertas e lidas.

Por outro lado, há, também, o caso da não abertura/leitura da mensagem justamente por se reconhecer o remetente, por saber que ele costuma enviar mensagens coletivas com o intuito de propagar alguma mensagem que solicita o reenvio. Nesses casos, o reconhecimento dos e-mails acontece logo pelo “título”, pelo texto que aparece na entrada da caixa de correio eletrônico. Sobre este aspecto, dos que responderam ao questionário, 46% disseram não enviar as mensagens e, entre as justificativas mais recorrentes está a do assunto:

“na maioria das vezes se tiver no assunto "repasso" eu nem abro” (Questionário 02),
 “porque vejo no assunto que não interessa” (Q17),
 “não repasso ENC ou FW” (Q19).

Conforme pudemos observar, o conhecimento sobre as cartas-corrente digitais por parte dos usuários de e-mail não é muito profundo. As mensagens que se configuram como carta-corrente digitais são reconhecidas pelos leitores, mas ainda há uma confusão com outras formas de mensagem que circulam pela *web*, como *spams*. A maioria das pessoas que respondeu a mensagem consegue identificar o texto das cartas-corrente, mas opta por não repassá-la por considerar mais uma espécie de “lixo virtual”.

Essa constatação é importante para alcançarmos o nosso primeiro objetivo específico, de identificação e distinção das cartas-corrente dos outros gêneros que circulam por e-mail. No próximo item veremos quais as características funcionais são mais recorrentes nos exemplares do *corpus* analisado.

3.2 Os propósitos comunicativos das cartas-corrente digitais

As características funcionais das cartas-corrente digitais estão intimamente ligadas às suas características formais. Conforme evidenciado no capítulo de Procedimentos Metodológicos, dividimos os exemplares que compõem a amostra do *corpus* em grupos e, a partir disso, analisamos os aspectos formais e funcionais,

destacando que tais aspectos, na verdade, são como os dois lados de uma mesma moeda e que é impossível pensar em uma simples dualidade.

Para que fosse possível identificar as cartas-corrente digitais que se aplicavam ao nosso estudo, selecionamos, enumeramos e classificamos os dados de acordo com a sua forma de reprodução: híbrida (que pode se reproduzir tanto no meio digital como na forma tradicional impressa) ou digital (que só se reproduz no meio digital). Em seguida, classificamo-las de acordo com os seus propósitos específicos agrupados entre as que visavam o bem específico ou genérico dos leitores.

Para solucionar o que poderia se transformar em um problema posterior, decidimos fazer uma pré-análise das cartas e observar os elementos mais recorrentes, tendo como orientação o esquema metodológico utilizado por Coimbra (ver cap. 2. Procedimentos Metodológicos). Na pré-análise das cartas que agora se integram ao *corpus* de nossa pesquisa, encontramos como elementos funcionais mais recorrentes nas cartas os seguintes aspectos: motivação para a leitura da mensagem, solicitação de reenvio, cota de reenvio, conseqüências caso a mensagem não seja repassada, instruções sobre como encaminhar a mensagem, explicação do funcionamento da mensagem e testemunho³⁹.

O que encontramos, em uma análise preliminar, foi a recorrência forte da motivação, da alegação de veracidade, da mensagem incluída e da solicitação de replicação. Estes pontos aparecem no que consideramos o corpo da carta-corrente, que poderia ser dividida em abertura, desenvolvimento e fechamento. Embora pareça uma forma estrutural de classificação (ou excessivamente tradicional), consideramos interessante apenas para observação de elementos recorrentes. Convém ressaltar que entendemos que um texto possui sentido completo se considerado o todo e que as partes são interdependentes.

A abertura diz respeito à existência de componentes textuais que têm a função de introduzir a mensagem. Funciona como um cartão de visitas e é através dela que o leitor vai ser convidado a ler o resto da mensagem. No entanto, se essa introdução fosse

³⁹ Um exemplar prototípico do gênero pode ser visto no item 2.4 A escolha do *corpus*.

retirada, ainda assim era possível o entendimento da mensagem, uma vez que a parte mais importante para a compreensão da mensagem está no seu desenvolvimento.

O desenvolvimento diz respeito ao corpo do texto onde são apresentados os propósitos e a razão da existência da carta. Trata-se da parte principal, que esclarece (ou que tenta esclarecer) a importância dos motivos pelos quais o leitor está com aquela mensagem em sua caixa de correio eletrônico. Sem o desenvolvimento, a carta perderia parte do sentido e a razão de replicação apareceria vazia de significado.

O fechamento se caracteriza pela presença de termos conclusivos ou de incentivo à replicação da carta. Em geral, no fechamento há uma preocupação em lembrar o leitor da importância do texto que ele tem em mãos e, também, há a presença, em algumas cartas, de assinatura de personalidades “especialistas” no assunto abordado na mensagem (médicos, professores de universidade etc.).

Além do conhecimento institucional de onde as cartas-corrente se multiplicam, a forma como elas se apresentam faz com que os leitores reconheçam a sua estrutura interna. Mesmo que o leitor passe da barreira inicial da caixa de entrada, onde faz a primeira triagem sobre os assuntos que interessam ou não, em geral ele consegue reconhecer que se trata de uma mensagem em cadeia analisando algumas estruturas recorrentes.

3.2.1 Identificação das cartas-corrente de acordo com os propósitos específicos

Antes da análise completa do *corpus* coletado, fizemos uma verificação inicial com o intuito de identificar os traços lingüísticos e funcionais recorrentes. Uma amostra de 15 cartas (que corresponde a 41% do total de cartas) foi analisada e apontou características formais e funcionais do gênero que depois se comprovou serem constantes nas demais cartas-corrente digitais.

Nosso objetivo com essa classificação foi agrupar as cartas em grupos e analisar os traços mais evidentes e recorrentes de sua composição. Identificamos, assim, que o propósito geral do gênero é propagar a mensagem e fazer com que a carta-corrente seja replicada. Sem esta prerrogativa, o texto não se adequa à carta-corrente. Uma vez

observado o propósito geral, encontramos os seguintes propósitos específicos ligados à replicação das cartas correntes:

1. Reprodução da mensagem visando benefício material específico próprio;
2. Reprodução da mensagem visando o benefício específico material (ou de outro ordem) de terceiros;
3. Reprodução da mensagem visando o benefício geral ou coletivo.

A partir da análise inicial (que veio a comprovar-se no decorrer das análises) dos propósitos comunicativos, separamos as cartas-corrente digitais de acordo com cada grupo de propósito específico:

Subgrupo 1: Cartas-corrente que solicitam reprodução visando benefício específico próprio. Essas motivam o leitor a repassar a carta e apresentam uma boa recompensa material tentadora para um custo quase nulo (apenas o de tempo). Como exemplo, podemos citar as cartas que prometem distribuição de cestas de chocolates, de celulares e de laptops para quem repassar a mensagem para o maior número de pessoas possível. Por exemplo:

“Tudo o que vc tem de fazer é mandar esta mensagem para 25 pessoas. Depois de duas semanas do envio das mesmas, **vc receberá** gratuitamente Kit Ambev...contendo (Camisa da Skol, relógio de parede e uma caixa de Long Neck). Mas se vc enviar esta mensagem para 25 amigos, vc **receberá** gratuitamente o Kit Ambev.“

(Carta 10) *

“Para cada pessoa para quem **você enviar**, que enviar este e-mail adiante a Microsoft **paga a você** \$243,00; e para cada terceira pessoa que receber este e-mail **você recebe** \$241,00 da Microsoft. Daqui a 2 semanas a Microsoft vai te contactar neste teu endereço e **te enviar** um cheque.

(Carta 11)*

(* grifos nossos)

Subgrupo 2: Cartas-corrente que solicitam reprodução visando benefício direto ou específico de outrem. Essas cartas motivam o leitor a repassar a mensagem adiante com a promessa de que alguma pessoa necessitada irá receber ajuda de certa quantia em dinheiro, doada por algum provedor ou empresa. Como o leitor comum não vai ter

gastos com o repasse, e sim as empresas que farão a doação, é comum o sentimento de solidariedade e, portanto, o repasse da mensagem. Como exemplo, podemos citar trechos das seguintes cartas:

“Infelizmente, nós não temos bastante dinheiro para cobrir isto. AOL e ZDNET nos ajudarão. ! Pedimos a você que **repasse** esse email a todas as pessoas que puder e AOL limpará este e-mail e contará as pessoas recebidas. Cada pessoa que abrir este correio e passar adiante três pessoas pelo menos, **nós receberemos 32 centavos.**”

(Carta 9)

Pedimos de todo o coração que **ajudem**. Vc deve estar se perguntando: Como? **Reenviando** este e-mail a todos de sua lista de endereços, porque para cada e-mail que é reenviado, **Cleto receberá** uma quantidade de dinheiro, a qual se destinará a ajudá-lo em sua recuperação e em suas terapias.

(Carta 27)

Subgrupo 3: Cartas-corrente que solicitam reprodução visando benefício coletivo. Elas motivam os leitores a encaminhar a mensagem para que outras pessoas alcancem benefício geral e que haja, também, benefício próprio. Em nossa análise preliminar, aproximadamente 80% das cartas desse grupo são de supostos vírus. Como exemplo podemos citar as seguintes mensagens:

Nossa lista de contatos foi infectada por um vírus, e com o resultado, a **sua também foi** pois seu e-mail estava na minha lista de contatos. O vírus se chama "jdbgmgr.exe". Ele não é detectado pelo Norton e nem pelo MacAfee (antivírus). **FAÇAM ISSO POR FAVOR PQ FOI ASSIM Q ACHEI NO MEU PC TB: Sigam as instruções a seguir para eliminar o vírus do seu computador e encaminhem esse e mail para todos os seus contatos. SE ALGUÉM DE SUA LISTA NÃO DELETAR, ELE VOLTA PRO SEU COMPUTADOR COMO MANDAR PARA SUA LISTA DE AMIGOS: ENTRE NO ORKUT E VÁ EM MENSAGENS**

(Carta 73)

Ele foi descoberto ontem pela tarde pela McAfee e não existe anti-vírus para ele. O vírus destrói o Setor Zero do Disco Rígido, onde as informações vitais de seu funcionamento são guardadas.

ENVIE ESTA MENSAGEM A TODOS QUE VOCÊ CONHECE COPIE ESTE E-MAIL E ENVIE A TODOS OS SEUS AMIGOS E LÉMBRE-SE QUE SE FIZER ISTO ESTARÁ BENEFICIANDO A TODOS.

(Carta 115)

Uma vez analisados os subgrupos e observando as cartas-corrente, encontramos elementos que nos ajudam a definir os sub-propósitos (ou propósitos específicos) do gênero. Acreditamos que o propósito geral é o mesmo para todas: replicação. O pedido de replicação é feito com frases diretas e através do uso de termos persuasivos. Encontramos, também, as **conseqüências da replicação** (ou não) da mensagem. Em alguns exemplares, as conseqüências surgem de forma explícita, logo depois do pedido de replicação. Em outras, as conseqüências são implícitas e dependem da interpretação do leitor. E são essas conseqüências que vão orientar a percepção dos propósitos específicos das mensagens. Vale lembrar que, dentro dos propósitos específicos de cada carta está também a “satisfação” pessoal que elas permitem: ao repassar a carta o leitor tem a oportunidade de ajudar/alertar alguém e, com isso, pode sentir (ainda que momentânea) satisfação pessoal.

O propósito específico de cada uma delas vai ser diferente quando analisados o tipo de assunto predominante (saúde, prêmio, vírus) e a quem se destinam os benefícios (geral ou específico). Apresentamos, então, as seguintes abordagens: “saúde”, “prêmio material” e “alerta contra vírus”. Essa abordagem não é feita por outros autores, e partiu da nossa observação do *corpus*.

a) Saúde

As cartas que têm como tema “saúde” solicitam, em seu corpo de texto, que a mensagem seja encaminhada para o maior número de pessoas possível para que outra pessoa que sofre de alguma enfermidade receba uma quantidade em dinheiro a ser repassada depois de a empresa rastrear a informação. De forma geral, apresenta uma pequena abertura com uma saudação e possui, em seu corpo de texto, uma espécie de “origem”, que nos permite identificar de onde as cartas procedem. Em geral, apresentam a morte da pessoa como conseqüência imediata, pois sem recursos não há como salvar a pessoa. Os autores demonstram (ainda que indiretamente) na redação do texto que a composição e circulação da carta pedindo ajuda foi uma das últimas tentativas pensadas.

“Há não muito tempo atrás, os médicos detectaram um **câncer de cérebro** em seu pequeno corpo. Existe apenas um jeito de **salvá-la**, que é **operando-a**. Infelizmente, nós não temos o dinheiro para a operação. A AOL e a Zdenet (em Zimbabwe) concordaram em nos ajudar. O **único jeito deles nos ajudarem é você enviar este e-mail para outras pessoas**. A AOL vai rastrear este e-mail e contar quantas pessoas o

receberam. Cada pessoa que abrir este e-mail e o re-enviar a pelo menos 3 pessoas vai nos render 32 centavos (em dólares de Zimbábwe).”

(Carta 09)

“Subject: FW: Muito importante!!!

Muito importante....

Este bebê sofreu queimaduras gravíssimas no corpo todo, necessita ser operado, para a qual os pais **não tem dinheiro**.

O pedido é para repassarem para o maior número de pessoas, pois por cada mensagem enviada recebem 0,03 euros”

(carta 114)

As mensagens desta temática (saúde) justificam o reenvio das cartas com a garantia de que o e-mail ou o título dele será rastreado e que alguma empresa vai contabilizar a quantidade de mensagens repassadas. Com o repasse, todo mundo parece ganhar: a empresa, que tem divulgação na rede; a pessoa doente, que ganha o dinheiro dado pela empresa e o leitor, que ajuda uma pessoa necessitada sem precisar gastar nada. Embora pareça uma idéia de *marketing* muito boa, ela causa suspeitas para quem lê, pois não há como rastrear tais informações pela Internet e, caso fosse possível, isso poderia se configurar como violação de correspondência.

Ao fazer o cruzamento do tema saúde aos propósitos específicos dessa carta, verificou-se que as cartas que circulam apenas no meio digital correspondem ao benefício específico de outra pessoa.

b) Prêmio material

Assim como nas cartas relacionadas à saúde, que fazem parte apenas do grupo que visa benefício específico de outrem, as cartas relacionadas ao assunto prêmio material é voltado exclusivamente para o benefício específico próprio.

Eles são especialmente desenvolvidos para clientes e consumidores da Skol satisfeitos com a cerveja que apreciam a tecnologia de última geração. Distribuindo gratuitamente nossos Kits, nós conseguimos um grande número futuros clientes e uma boa propaganda "boca-boca". Tudo o que vc tem de fazer é mandar esta mensagem para 25 pessoas. **Depois de duas semanas do envio das mesmas, vc receberá gratuitamente Kit Ambev...**contendo (Camisa da Skol, relógio de parede e uma caixa de Long Neck). Mas se vc enviar esta mensagem para 25 amigos, vc receberá gratuitamente o Kit Ambev.

(Carta 10)

O reenvio dessas cartas é motivado pela recompensa material: quanto mais mensagens forem enviadas, maiores as chances de quem as enviou de ganhar o prêmio. O mecanismo de “controle” é similar às das cartas com a temática “saúde”: a empresa que promove os prêmios vai rastrear as mensagens enviadas e vai enviar o prêmio caso seja cumprida a cota.

Uma boa parte dos usuários de e-mail desconhece os recursos da Internet, principalmente os novos usuários. O desconhecimento somado à pressa na leitura das mensagens e ao desejo de ganhar uma promoção que é “muito simples”, o leitor acaba repassando a mensagem para os amigos. É bem provável que alguns deles, ao verem que um outro amigo está participando (afinal, receberam a mensagem) e que ele pode ganhar, decidam participar também. É a motivação para o recebimento do prêmio que impulsiona o reenvio das mensagens.

c) Alerta contra vírus

As cartas que trazem alertas sobre vírus correspondem à maioria das cartas-corrente digitais coletadas que se propagam exclusivamente por e-mail. Elas são direcionadas para benefício geral/coletivo, pois uma vez que algum vírus está “solto” na rede, ele pode afetar os computadores de pessoas desavisadas e causar sérios prejuízos a todos. Embora não tenha veracidade comprovada de forma imediata, essas cartas são repassadas motivadas pelo medo de sofrer com ataque dos vírus.

“UM NOVO VIRUS (DANA) FOI DESCOBERTO : PROVAVELMENTE O HACKER JADE, RESPONSÁVEL PELOS MAIORES ESTRAGOS NO MOMENTO, ESTA DISSEMINANDO UM E-MAIL INTITULADO APRENDA A AMAR. A MCAFFEE ANUNCIOU QUE É MUITO PODEROSO, MAIS DO QUE O VIRUS MELISSA E I LOVE YOU, E "NAO TEM VACINA !!!". ESTE NOVO VIRUS COMERÁ TODA A INFORMACAO NO DISCO RIGIDO E DESTRUIRÁ O NETSCAPE NAVIGATOR E O MICROSOFT INTERNET EXPLORER. NAO ABRA NADA COM O TITULO DE APRENDA AMAR E, SE POSSIVEL, PASSE ESTA MENSAGEM A TODOS OS SEUS CONTACTOS DE E-MAIL. MUITA GENTE AINDA NAO CONHECE ESTE VIRUS PORTANTO CONVEM PROPAGAR ESTA MENSAGEM O MAIS RAPIDO POSSIVEL ANTES QUE ELE POSSA CONTAMINAR NOSSO E O SEU SISTEMA.”

(carta 34)

Um dado bastante visível e recorrente nos textos que tratam de vírus é o uso de termos de conhecimento específico do mundo tecnológico e a tentativa de explicação

através de termos de entendimento mais fácil para o leitor: “Não tem vacina”, para explicar ao leigo que não é removível pelo anti-vírus; “comerá toda a informação no disco rígido”, em vez de deletará/apagará as informações no HD. As conseqüências que envolvem o repasse da mensagem são, em sua maioria, implícitas. Fica subentendido para o leitor que, se ele não alertar a todos, ele pode ter o computador afetado.

Nas mensagens de alerta sobre vírus é possível identificar uma adaptação do gênero carta-corrente ao meio digital, evidenciada primordialmente pelo assunto, já que o vírus eletrônico só se propaga em meio eletrônico e não em meio físico como papel. Assim sendo, o texto da carta-corrente aparece permeada de termos específicos que reforçam o imaginário do mundo eletrônico e que, na maioria das vezes, são desconhecidos para o público em geral.

Algumas considerações precisam ser feitas sobre a subdivisão do *corpus* de acordo com os grupos citados acima. Após uma triagem nos dados, observamos uma diferença temática, no mínimo, curiosa. Nas cartas-corrente que se propagam exclusivamente por e-mail detectamos que a temática “alerta para vírus” corresponde ao total das ocorrências que visam benefício geral/coletivo, que todas as cartas pertencentes ao tema “saúde” fazem parte do grupo que visa “benefício específico de outrem” e que todas as cartas do *corpus* que têm como tema “prêmio material”, participam do grupo benefício específico próprio.

Embora os propósitos específicos de qualquer gênero dependam do seu ambiente social de uso e de produção, e que estes podem ser os mais variados possíveis, percebemos que é possível uma especificação dos propósitos específicos comuns das cartas-corrente analisadas. Consideramos, portanto, dentro do ambiente virtual de replicação e produção das cartas-correntes digitais e de sua função social a partir do e-mail, que os propósitos comunicativos específicos apresentados entre os grupos cumprem o nosso segundo objetivo específico, que é a identificação dos propósitos específicos das cartas corrente digitais. Uma vez que o propósito geral comum a todas é a replicação e perpetuação da mensagem, os propósitos de cada grupo (beneficiar outrem, beneficiar a si mesmo, benefício geral) responde às nossas expectativas de análise.

Capítulo 4

Análise dos aspectos funcionais e formais da carta-corrente digital

O trabalho de conhecimento tem início com a identificação de seu objeto-nós conhecemos alguma coisa que é preciso identificar, delimitar. A questão do objeto é, assim, o ponto de partida. O conhecimento produz, assim, modelos de apreensão, que por sua vez vão instruir conhecimentos futuros. (FRANÇA, 2001, p. 42)

Conforme explicitado no capítulo anterior, a análise das cartas-corrente foi dividida em dois capítulos. A opção pela divisão da análise surgiu da necessidade de apresentarmos capítulos mais sucintos ao leitor. O capítulo anterior tratou dos aspectos estruturais e dos propósitos gerais e específicos das cartas. Neste capítulo, analisaremos os aspectos funcionais e formais das cartas-corrente digitais, de acordo com o sexto passo metodológico proposto por Bhatia (1993), que compreende os níveis de análise lingüística e está dividido em três momentos: 1) análise das marcas léxico-gramaticais; 2) análise da padronização do texto e 3) interpretação estrutural do gênero.

Para contemplar os níveis, foram elaboradas duas tabelas, dispostas na Metodologia deste trabalho. O nível 2, análise de padronização do texto nos ajuda a alcançar o nosso terceiro objetivo específico, que é a identificação das regularidades de apresentação que as torna identificável pelos usuários de e-mail. O nível 3 diz respeito à interpretação estrutural do texto no gênero e está relacionado ao modo como os membros de uma comunidade optam por determinados usos da linguagem e a organização funcional dos mesmos. Com este nível, pretendemos, então, alcançar o nosso quarto objetivo, que é a análise dos aspectos funcionais das cartas-corrente digitais.

Para finalizar o capítulo, procuramos estabelecer relações entre os dados à luz dos propósitos comunicativos específicos do gênero carta-corrente digital.

4.1 Estrutura da carta-corrente digital e suas características funcionais

As cartas-corrente digitais possuem a estrutura formal comum a muitos textos, com abertura, corpo da mensagem e fechamento. Embora a classificação da estrutura não seja primordial para nosso trabalho, consideramos importante demonstrar que, assim como outros textos, as cartas-corrente digitais possuem uma ordem de encadeamento. Que são reveladas também por seus aspectos funcionais.

Heimas & Biasi-Rodrigues (2005), ao falarem sobre as influências teóricas nos estudos de Swales na pesquisa sobre gêneros, ressaltam que, para o autor, uma função pode ter mais de um enunciado e um enunciado pode ter mais de uma função, dependendo dos propósitos do falante.

Em geral, as cartas apresentam uma estrutura similar, com a presença de uma saudação inicial ou de um vocativo, da apresentação de quem escreveu a mensagem ou do beneficiário imediato do repasse da carta, da motivação para leitura (em geral uma palavra em imperativo como “leia”, “atenção”), importância da mensagem e a solicitação do reenvio da mensagem.

A abertura vai exercer função, captar a atenção do leitor para o conteúdo principal da mensagem, que está no corpo da mensagem. Para isso, o autor usa como estratégia saudações e termos que causem proximidade, que criem um vínculo com quem está lendo. Da mesma forma que vemos que a abertura é um elemento importante, também percebemos que ela pode ser facilmente suprimida se analisarmos o meio em que a mensagem circula (o digital). É provável que, ao escrever as mensagens, o autor tenha em mente que a correspondência via Internet precisa ser rápida e objetiva, por isso muitas vezes encontramos cartas-corrente digitais que vão direto ao assunto, sem uma apresentação de quem a escreveu/repassou ou dos motivos de sua existência.

O corpo do texto apresenta características recorrentes do gênero como: exposição do tema, motivação, uso de linguagem apelativa para instruir o reenvio da mensagem, todas voltadas para o propósito geral de perpetuar a mensagem da carta-corrente. Em geral, localizam-se no meio da mensagem, mas podem aparecer logo no início, sem a presença da abertura ou de saudação inicial. Conforme veremos no desenvolvimento da análise, foi comum nas cartas o aparecimento, no desenvolvimento, da mensagem incluída e, também, a afirmação de veracidade e solicitação de reenvio. É no corpo da mensagem que descobrimos a mensagem incluída, se ela se trata de mensagem direcionada para saúde, alerta para antivírus ou lucro. No exemplo acima (carta 08), o corpo da mensagem deixa claro que se trata de uma mensagem com o tema saúde.

O fechamento das cartas, ou a “conclusão”, tem como elementos recorrentes a assinatura de um responsável e o pedido de replicação final. Embora contribua para o entendimento do texto, tornando-o completo (com abertura, desenvolvimento e encerramento), nem todas as cartas-corrente apresentam essa função. Uma das razões para o ocultamento do encerramento se dá, principalmente, pelo caráter imediato da mensagem. A tendência das mensagens é apresentar o texto de maneira direta, que a leitura seja rápida e que não seja necessário que o leitor mova a barra lateral (o que significa que a mensagem é grande). Quanto mais direta, maiores as chances de repasse de mensagem. Dessa forma, o encerramento com assinatura ou despedidas tende a não aparecer, sendo substituído na grande maioria das vezes pelo pedido de replicação da mensagem.

Tanto a apresentação como o desenvolvimento da mensagem e a conclusão são importantes para o entendimento completo da mensagem. Consideramos, para efeito de análise, o texto de forma completa. A nossa análise se deu, portanto, com a análise de elementos funcionais recorrentes nas cartas:

- a) Apresentação dos interlocutores
- b) Motivação para leitura completa da mensagem
- c) Exposição do tema
- d) Instrução de encaminhamento
- e) Mecanismos de funcionamento

- f) Conseqüências da replicação
- g) Cota de reenvio
- h) Informações especializadas
- i) Assinatura
- j) Solicitação de reenvio

Embora classificadas desta forma, a estrutura funcional pode aparecer em pontos diferenciados da carta-corrente. A solicitação de reenvio, por exemplo, pode surgir tanto na abertura como no desenvolvimento do texto e o seu aspecto funcional não será modificado.

a) Apresentação dos interlocutores

A estrutura da carta que identificamos como responsável pela apresentação dos interlocutores vai além do que poderia chamar de simples “abertura” da mensagem. Ela funciona como uma apresentação inicial do “real” interessado na replicação da carta digital, seja ele quem a escreveu seja o beneficiário imediato com a replicação da mensagem. A apresentação dos interlocutores amplia o conhecimento da mensagem e dá um cunho verdadeiro ao que foi escrito, mostrando ao leitor que se trata de uma solicitação “legítima” pois as pessoas interessadas estão sendo apresentadas.

Podemos dividir a apresentação dos interlocutores em dois: o “personagem-autor” da carta, isto é, aquele que se apresenta como responsável pelas informações da mensagem e que tem ligação direta com o acontecimento e o “personagem-solicitante”, que precisa que a mensagem seja repassada por algum motivo específico, a ser identificado no corpo da carta. O “personagem-autor” faz referência a si mesmo e/ou ao principal interessado na replicação da mensagem. Em algumas cartas, eles se manifestam como pais ou mães, procuram manter uma unidade pronominal, utilizando a mesma pessoa até o final da mensagem. A adoção da figura representativa de pai/mãe faz com que o tratamento no decorrer da mensagem seja mais pessoal e direto, o que não observamos com tanta clareza quando o autor se identifica como corporação. É

possível que apareça, também, mais de um responsável pela mensagem da carta, como veremos abaixo:

“Eu sou um pai de 29 anos. Eu e minha esposa tivemos uma vida maravilhosa juntos. Deus abençoou-nos com uma criança também. **O nome de minha filha** é Rachel e ela tem 10 anos de idade.”

(carta 8)

Nosso principal concorrente, Nokia, está distribuindo telefones celulares gratuitamente na Internet. **Nós da Ericsson** queremos deter esta oferta. Então **nós estaremos** distribuindo nossos novíssimos telefones WAP gratuitamente.

(carta 43)

Tanto no primeiro quanto no segundo exemplo, os verbos concordam e reforçam o(s) personagem(ns)-autor(es) de forma direta. Não resta dúvida imediata de quem escreveu a mensagem, pois os verbos denunciam a uniformidade. Observe a diferença entre personagem-autor, vista no exemplo apresentado acima e o personagem-solicitante, do exemplo abaixo.

“Cleto (foto) é um menino de Bogotá-Colombia, com cinco anos de idade e desde os dois anos sofre de uma doença rara chamada "elefantiasis cumerdi", que devido a grande desnutrição, tem provocado uma severa malformação de seus ossos.”

(Carta 27)

“Trata-se de um menino pernambucano que tem problema de acúmulo de água na cabeça e nos joelhos. Ele se isolou em casa pois é impossível se locomover, os joelhos não possuem mais firmeza e não respondem a seus comandos. Sua cabeça causa desequilíbrio além das chacotas dos garotos zombeteiros da região. “

(carta 91)

Nestes exemplos vemos a atuação do personagem-solicitante, que expõe a razão pela qual decidiu ajudar e, também, apresenta a importância da mensagem. Enquanto que nos exemplares que apresentam os personagens-autores a identificação é imediata (“eu sou um pai”, “nós da Ericsson”), nos exemplares do personagem solicitante é provável que nunca se saiba qualquer referência sobre ele. Nesses casos, o personagem-solicitante apresenta o problema e/ou os possíveis beneficiados caso a mensagem seja repassada.

Em todas as cartas do grupo “saúde” houve uma tentativa de aproximação do leitor com o problema descrito. Como o objetivo é arrecadar fundos que beneficiem outras pessoas e, para isso, deve contar com a solidariedade do leitor, as cartas apresentam nomes e situações próximas do real. A contextualização das cartas e a apresentação dos interlocutores ou dos personagens-fim (aqueles que receberão a ajuda) é uma característica funcional recorrente nas cartas-corrente digitais com a temática saúde e aparece de uma forma tão presente que se torna traço distintivo dos outros temas.

<p>meu nome e Krista Marie e acabo de ter uma filha , que se chama Natalie.</p> <p>Carta 71</p>	<p>Eu sou um pai de 29 anos. Eu e minha esposa tivemos uma vida maravilhosa juntos. Deus abençoou-nos com uma criança também. O nome de minha filha é Rachel e ela tem 10 anos de idade</p> <p>Carta 8</p>	<p>Pessoal, meu nome é Cristina dos Santos, sou moradora da cidade de birigui a alguns anos, e preciso da ajuda de todos vocês, pois não sei mais o que fazer.</p> <p>Eu sempre sonhei em ter um monte de filhos, adoro crianças, mas embora eu e meu marido tentássemos sempre, nunca conseguimos engravidar. Ao custo de muito esforço, pois somos uma família pobre, juntamos um pouco de dinheiro e eu fiz um tratamento com o Dr. Sérgio Martoreli, e finalmente consegui realizar meu sonho e ter um bebê.</p> <p>A cerca de um ano atrás nasceu a minha Ana Cláudia, meu anjinho, que trouxe uma nova alegria pra minha vida, e me proporcionou algo indescritível, que todas as mulheres deveriam experimentar.</p> <p>Carta 117</p>
--	---	---

Conforme podemos observar nas três cartas colocadas acima, há uma progressão de informações pessoais acerca do interlocutor que apresenta o problema. No caso acima, torna-se bastante visível a tentativa de oferecer mais detalhes sobre a vida pessoal (ou até mesmo contar um pouco a história) para criar um clima de confiança com o leitor. Ainda que os personagens dessa apresentação apareçam como familiares das “vítimas”, há outras ocorrências com personagens externos, que escreveram a mensagem com o objetivo de ajudar, e que, assim como o leitor comum, não possui vínculos diretos com a vítima.

O que merece destaque na produção das cartas-corrente digitais do tema Saúde, é que, embora não saibamos precisar qual mensagem foi a precursora no meio ou qual surgiu primeiro, é importante observar que há recorrência de termos (tanto técnicos quanto gerais) e de estrutura, o que as torna efetivamente parecidas. Com a circulação no meio digital é cíclica, ou seja, as mensagens estão sempre sumindo e reaparecendo no trânsito digital, torna-se ainda mais difícil a progressão.

b) Motivação para a leitura completa da mensagem

A “motivação” pode aparecer de variadas formas nas cartas-corrente. Seu papel é fazer com que a mensagem seja lida até o final. Ainda que não esteja presente em todas, a motivação é uma das poucas estruturas que deve aparecer obrigatoriamente **antes** do desenvolvimento da mensagem, pois não faria sentido colocar a motivação para leitura no final da mensagem. Consideramos como forma de motivação os termos imperativos performativos como “leia”, termos como “atenção”, “cuidado”, “urgente” e argumentos. A criatividade na motivação é importante, pois é ela que vai despertar a atenção do leitor e prepará-lo para a mensagem que segue.

A seguir, exemplos de motivação:

<p>“URGENTE! Essa informacao veio do CPD da universidade, hoje pela manha.”</p>	(Carta 67)
<p>“Leiam as instruções abaixo:“</p>	(carta 81)
<p>“Olá amigos eu não sei se é verdade, mas se for é uma loucura total.A noticia abaixo eu recebi hoje, se for verdade é uma loucura. Portanto não custa tentar. “</p>	(Carta 11)

No primeiro exemplo, a motivação apareceu como forma de coação. Ao ler as palavras “urgente” e “atenção”, a curiosidade do leitor é despertada para saber o que afinal é tão urgente. A presença do fator motivacional é, ao mesmo tempo, implícito ao gênero e também, um entendimento de que nem todos lêem a mensagem até o fim. No segundo exemplo, a motivação aparece em forma de ordem e, no terceiro exemplo, a

motivação aparece de forma mais elaborada e criativa, tentando despertar a curiosidade do leitor para o “fantástico” e inusitado.

Convém ressaltar que há diferenças entre a motivação para a leitura da mensagem e a motivação para o repasse da mensagem. Dentro da motivação para leitura da mensagem destacamos a presença de vocativos. Reconhecemos a presença de vocativos como uma das pistas deixadas pelo gênero matriz, o da carta pessoal. Nas cartas-corrente, o vocativo também sugere um direcionamento da mensagem e ajuda a criar uma relação de “intimidade” com o leitor.

“Caros utilizadores:” (Carta 46)

“Pessoal,” (Carta 50)

A presença de vocativos, assim como os verbos no imperativo, evidenciam o “objetivo” da mensagem. Embora apareça predominantemente no início das mensagens (razão pela qual a colocamos na abertura), a importância da mensagem também pode aparecer no desenvolvimento ou no final do corpo de texto, sem prejuízo do entendimento da carta. A apresentação da importância da mensagem é identificada através de pistas que abordam diretamente o conteúdo (carta 2):

“Esta é uma recomendação de um antivírus simples de um Director Técnico da HP publicada recentemente.”(Carta 2)

Embora semelhantes, a diferença entre a **apresentação sobre quem escreveu a mensagem** e a **motivação** está no enfoque. Na realização da primeira característica, o objetivo é fazer com que a pessoa continue a leitura a partir da identificação do “personagem”, na segunda, o foco é motivar a leitura através da exposição do objetivo, ainda que este seja feito com o uso de “personagens”.

c) exposição do tema

A exposição do tema vai revelar o problema ou a questão principal da carta corrente digital. A exposição do tema refere-se ao assunto principal da carta e pode ser relacionada a vírus, saúde ou prêmio material, conforme vimos no item que tratou da *Identificação das cartas-corrente de acordo com os propósitos específicos*.

Os dados revelam que na exposição do tema é comum a construção que apresenta o problema, as complicações que ele carrega e o que se pode fazer para solucioná-lo, sempre os relacionando ao assunto principal:

“Subject: Informação sobre vírus

Por favor leia isso que segue e envie a todo mundo que você conhece. **Se vc receber um e-mail chamado "NOVAS FOTOS DE FAMÍLIA" não abra. É um vírus que apaga o disco "C". Vem em forma de e-mail de uma pessoa conhecida . Repito : Será de um nome familiar: Amigo , parente.... Mande esse e-mail a todos que você conhece e , se receber um e-mail que se intitule "NOVAS FOTOS DE FAMÍLIA" , cancele-o imediatamente.**

Se você o abre, ele funciona da seguinte forma :

1- Se auto-envia a todos os nomes de sua agenda com o título "Um postal virtual para você"

2 - Pendura o computador para que você o reinicie Quando você pressiona "Ctrl + alt + del" ou o botão "Reset", destrói para sempre o Winchester. Por favor re-envie este e-mail para o maior numero de pessoas que você conhece”

(carta 110)

A parte grifada refere-se ao que chamamos de “exposição do tema” da mensagem e refere-se ao problema a ser solucionado. O exemplo acima é direcionado a alerta para novos vírus e foi claramente percebido porque o texto é explícito, o que é comum em todas as cartas analisadas: a exposição do tema ocorre de forma explícita. Entre os aspectos que atestam o estatuto genérico da carta-corrente digital, o tema é um dos mais claros, que possui estreita ligação com o estilo de escrita como, também, com o meio em que as mesmas transitam.

Abaixo, outro exemplo de exposição do tema:

Assunto: TELEFONE CELULAR GRATUITO (não é brincadeira)

Nosso principal concorrente, Nokia, está distribuindo telefones celulares gratuitamente na Internet. Nós da Ericsson queremos deter esta oferta. Então nós estaremos distribuindo nossos novíssimos telefones WAP gratuitamente.

Eles são especialmente desenvolvidos para clientes satisfeitos com a Internet que apreciam a tecnologia de última geração. Distribuindo gratuitamente nossos telefones, nós conseguimos um grande número de futuros clientes e uma boa propaganda "boca-a-boca".

(carta 43)

Nas primeiras palavras da carta-corrente acima, o assunto é mostrado. Não é preciso que o leitor faça nenhum “exercício de interpretação” para entender que se trata de uma oferta de empresa de telefonia que deseja superar o concorrente através de um

marketing, digamos, agressivo. No exemplo abaixo, podemos ver outro exemplo, da “apresentação” de um tema diferente:

Ola
 meu nome e Krista Marie e acabo de ter uma filha , que se chama Natalie.
 Aos olhos do mundo, e recentemente os dotores descobriram que minha pequena Natalie tem um cancer no cerebro . Desafortunadamente meu marido e eu nao temos o dinheiro para pagar a operacao, mas meu esposo e eu conseguimos uma ajuda da AOL , e eles nos ajudarao com 5 centavos por cada pessoa que receber este e-mail .
 Por favor, reenvie este e-mail pra cada pessoa que você conhece, e ajudem a minha pequena Natalie

(carta 71)

A carta acima está colada na íntegra e percebe-se claramente que o assunto dominou todo o espaço da carta. Não podemos dizer que o espaço (ou os itens) dedicados ao assunto são específicos dele, e que nenhum outro aspecto funcional (como cota de reenvio) vai ocupar o mesmo lugar. O que sabemos, sim, é que o “assunto” diz respeito a grande parte da mensagem.

d) Instrução de encaminhamento

A instrução de encaminhamento é um mecanismo que, embora não apareça em todas as cartas-corrente digitais de nosso *corpus*, tem como finalidade assegurar que a mensagem será encaminhada sem grandes dificuldades por parte do leitor. A instrução parte, muitas vezes, do pressuposto de que o leitor não domina o meio digital e que precisa de ajuda para enviar a mensagem corretamente. Além de dar pistas sobre como proceder com a mensagem recebida, a instrução contida na mensagem ajuda na construção do entendimento da mesma, pois indica que se as instruções forem seguidas corretamente, a carta terá a eficácia prometida.

A instrução sobre como encaminhar a mensagem pode aparecer como uma sutil solicitação para que a mensagens tenha uma determinada frase como título (e que assim possa ser útil ao ser rastreada):

“Não corte a corrente e não esqueça o título da mensagem, é importante porque é o meio de controle deles.”

(carta 81)

“mas lembre-se de mandar uma para <mailto:jcajc@ambev.com.br> modo pelo qual podemos ver se você mandou essa mensagem adiante”

(carta 10)

Também pode aparecer (a instrução) como “roteiro” a ser seguido para que a pessoa consiga vencer as barreiras do conhecimento do software e-mail:

ENTRE NO ORKUT E VÁ EM MENSAGENS (AO LADO DE AMIGOS, NA BARRA DE CAMINHOS). CLIQUE NO LINK ESCREVER E-MAIL (TEM UM LAPIS EM CIMA DE UMA FOLHA); SELECIONE TODOS OS AMIGOS NO CAMPO PARA: E REDIJA OU COLE O CONTEUDO DESTE E-MAIL

(carta 73)

A instrução de reenvio, portanto, tem o caráter claramente didático e, por ocupar um espaço apenas de “garantia” de entendimento do processo de repasse, muitas vezes é desprezado. A amostra que compôs o *corpus* mostra que os exemplares que apresentaram a instrução de reenvio eram menos objetivo do que as outras e tentavam “explicar” a importância da mensagem de maneira mais exaustiva.

Ainda que parta do pressuposto de que o leitor não domina o meio digital, ainda assim há uma forte recorrência aos termos específicos utilizados no meio. Ainda que o autor da mensagem tente explicar ao leigo como fazer para encaminhar a mensagem, ele ainda usa alguns termos específicos do meio digital que ele considera de domínio público, como o título da mensagem e até mesmo um endereço de e-mail, como o jcajc@ambev.com.br, que vimos nos exemplos acima.

Os sujeitos que assim descrevem os recursos da carta demonstram um nível de letramento digital muito bom, o que implica no conhecimento do gênero e no seu mecanismo de funcionamento. E este não é privilégio apenas de quem escreve, já que o leitor comum precisa vencer algumas “barreiras” de conhecimento do gênero para poder acessar a caixa de correio eletrônico do seu computador, abrir a mensagem e até encaminhá-la.

O gênero carta-corrente digital, por estar se estabelecendo nas práticas discursivas novas (e voltadas para o meio digital), reclama de seus usuários esse tipo de

questão. O uso de verbos imperativos como **entre, clique, selecione, redija, cole** podem ser úteis para sinalizar como a escrita em ambiente digital se processa e esse uso caracteriza o ambiente e os gêneros nele praticados.

e) Mecanismos de funcionamento

O mecanismo de funcionamento tem como função explicar o mecanismo da mensagem que está sendo lida, a razão dela existir e a forma como ela pode ser útil. Essa é a parte que tenta convencer o leitor através de argumentos e tenta parecer convincente. É neste ponto que as informações de termos técnicos surgem com maior frequência. Consideramos como mecanismos de funcionamento os trechos que explicam como a mensagem pode ser útil, a forma como ela pode atuar. No caso de mensagens que envolvem rastreamento para envio de dinheiro, o tópico tenta explicar como o dinheiro vai ser enviado, se o recebimento/envio do dinheiro será por rastreamento do título da mensagem, do e-mail ou através do recebimento da mensagem por alguma pessoa específica:

“O IGWSAM Internet Good Will Boys Service Association of Massachussets) local e estrangeiro doara US\$ 0.10 **por mail mandado** com o titulo (subject) SOLIDARIEDADE COM ADILSINHO”

(carta 91)

O exemplo acima mostra que a mensagem funciona se houver cooperação do leitor. Se ele cumprir as instruções, a mensagem será útil para um determinado grupo de pessoas. O mesmo pode ser visto no exemplo abaixo, referente ao reenvio das mensagens e ao recebimento de prêmios materiais:

“Tudo o que é preciso fazer é **enviar uma cópia deste e-mail para 8 (oito) conhecidos**. Dentro de 2 (duas) semanas você receberá um Ericsson T18. **Se a mensagem for enviada para 20 (vinte) ou mais pessoas, você poderá receber um Ericsson R320.**”

(carta 113)

Assim como no exemplo acima, em alguns exemplares a explicação do mecanismo da mensagem se confunde com a cota de reenvio, pois estipulam para quantas pessoas deve-se mandar a mensagem. Nos exemplares analisados, quando a

cota de reenvio é pré-determinada (enviar para oito pessoas/enviar para 20 pessoas) o item “mecanismo de replicação” está presente.

É possível, também, encontrar nas cartas-corrente digitais que trazem o mecanismo de replicação, a explicação da importância da mensagem. Isso acontece por que o autor coloca a importância da mensagem ligada ao seu funcionamento, como se pode ver no item seguinte.

f) Conseqüências da replicação

As conseqüências da replicação da mensagem evidenciam o que pode acontecer caso a mensagem seja (ou não) repassada. As conseqüências podem ser positivas ou negativas, sendo que na maioria das vezes apenas as conseqüências negativas são ressaltadas na mensagem. As conseqüências da replicação, quando negativas, asseguram que a mensagem vai ser encaminhada através da coerção, seja ela sentimental ou material.

As conseqüências analisadas nas cartas colhidas para análise vão aparecer de forma direta, ainda que seja possível observar outras conseqüências de forma indireta. Pode-se dizer que as conseqüências da mensagem são o seu ponto chave, pois explicam a razão da sua existência. Na forma direta, o entendimento das conseqüências da replicação são mais evidentes e não se exige muito do leitor a compreensão do que pode acontecer caso a mensagem seja encaminhada ou não. Na seqüência, um exemplo dessa natureza ilustra a forma direta do anúncio das conseqüências do envio ou não da mensagem.

Ela nunca chegará ao baile de formatura, nunca se formará no segundo grau, nunca se casará ou constituirá uma família. **Ao enviar este e-mail ao maior numero de pessoas possíveis, estará dando a ela e a sua família uma réstia de esperança, porque a Associação Americana Contra o câncer doará para o seu tratamento, 3 centavos para cada nome desta corrente.**

(carta 45)

No exemplo acima podemos observar as conseqüências positivas caso a mensagem seja replicada: a Associação doará dinheiro para o tratamento da criança e haverá esperança para a família. Embora apareça de forma direta, as suas conseqüências

nem sempre são diretas, pois conclui-se que, caso o leitor não reenvie a mensagem, a associação contra o câncer não fará a doação e a menina morrerá. A inferência do leitor é automática e não precisa ser explícita. O jogo de palavras que aos poucos molda a mensagem prepara o leitor para essa conclusão.

De forma um pouco mais sutil aparecem as conseqüências de forma indireta:

Portanto, ao receber um aviso que diz que uma mensagem sua para "AAAA" Não pôde ser entregue, saberá de forma rápida que tem um vírus instalado no seu computador. Se todos nós usassemos este sistema tão simples, e até banal, os atuais virus não poderiam se propagar tão facilmente e o número de computadores infectados diminuiria drasticamente.

(carta 2)

As conseqüências apresentadas de forma indireta são bem mais sutis e apelam para argumentos mais contundentes, objetivando a compreensão do leitor para a importância do repasse.

As conseqüências do repasse ou não das mensagens dizem muito sobre o seu real sentido, pois evitar uma conseqüência trágica está a dois céleres cliques de mouse operado pelo leitor. Se a mensagem chegou à caixa de correio eletrônico do leitor, é porque alguém se sentiu obrigado, de alguma forma, a repassar a mensagem. Não importa se essa “obrigação” se deu ao observar as conseqüências ou não da mensagem, mas entende-se que elas podem, sim, surtir efeitos.

Exemplos do *corpus* mostram que as conseqüências da replicação funcionam com uma forma eficiente de coerção, que ocorre de forma velada e implícita (algumas vezes, de forma explícita), formando um conjunto “perfeito” com o pedido explícito de replicação. A parte que evidenciamos nos exemplos trata-se apenas da parte visível da apresentação das conseqüências. A forma mais fácil de identificar essa estrutura é através da condicional “se”.

g) Cota de reenvio

Na maioria das cartas apresentadas, o pedido para replicação da mensagem aparece com uma solicitação de **cota de reenvio**. Em alguns casos a cota funciona como instrução de encaminhamento da mensagem, pois a cota determina para quantas pessoas

deve ser enviada. Segundo nossa análise, a cota de reenvio não está inocentemente na mensagem, mas há um propósito a cumprir, qual seja o de conferir um caráter mais sério à mensagem, pois alerta que a mesma deve ser enviada a uma quantidade X de pessoas, e que não se precisa perder tempo enviando a mensagem a todas as pessoas da lista de receptores.

“Tudo o que vc tem de fazer é mandar esta mensagem para **25 pessoas**. Depois de duas semanas do envio das mesmas, vc receberá gratuitamente Kit Ambev...contendo (Camisa da Skol, relógio de parede e uma caixa de Long Neck). Mas se vc enviar esta mensagem **para 25 amigos**, vc receberá gratuitamente o Kit Ambev.”

(carta 10)

No exemplo acima, a cota de envio era determinada: bastava alcançar a cota para que a mensagem tivesse valor. Outro exemplo que colocamos aqui para ilustrar, é o uso da cota mínima. Caso o leitor envie para a quantidade X de pessoas, a mensagem surtirá efeito, mas se exceder essa quantidade, não haverá nenhum problema, pois é melhor ainda, como pode se observar no trecho abaixo:

“Se você enviar esse e-mail a amigos a Microsoft pode e vai por um período de 2 semanas rastrear esse e-mail. **Para cada pessoa para quem você mandar este e-mail a Microsoft vai pagar U\$245,00. Para cada pessoa para quem você enviar, que enviar este e-mail adiante a Microsoft paga a você \$243,00; e para cada terceira pessoa que receber este e-mail você recebe \$241,00 da Microsoft.** Daqui a 2 semanas a Microsoft vai te contactar neste teu endereço e te enviar um cheque.”

(carta 11)

A cota de reenvio nos mostra, também, que as cartas-corrente digitais herdaram diretamente a função das cartas corrente tradicionais, que estabeleciam cotas de reenvio para replicação da mensagem e, também, na forma de meta a ser alcançada.

NÃO PRECISA ENVIAR DINHEIRO. POR FAVOR, FAÇA 92 CÓPIAS DESTA CARTA PARA ENVIAR ÀS PESSOAS QUE NECESSITEM DE SORTE.

(carta 3T)

No exemplo acima, podemos ver claramente a semelhança entre as duas formas de carta-corrente, e que, embora a digital encontre outros caminhos e outras formas de compreensão por parte do leitor, ainda resguarda traços que as ligam. Embora não seja objetivo deste trabalho fazer comparação entre as cartas tradicionais e as digitais, é inegável observar que este ponto é um elo de semelhança entre as duas.

As facilidades do meio digital imprimiram uma característica que deve ser observada com atenção quando se fala em cota de reenvio. As versões impressas das cartas-corrente contavam com o esforço físico para reescrita das mensagens em próprio punho. Com o surgimento de máquinas copiadoras, o esforço físico deu lugar aos gastos com fotocópias para cumprimento da meta quase sempre pré-estabelecida. No meio digital a meta aparece em alguns exemplares de carta-corrente digital, mas é bem marcante a presença de cartas nas quais a cota não está estabelecida. Por e-mail, a facilidade de reprodução das cartas aumenta consideravelmente, pois o custo é praticamente nulo para reenviar a mesma mensagem a dezenas ou centenas de receptores. Acreditamos que esta pode ser uma evidência da influência e possibilidades do meio digital.

h) Informações especializadas

As informações especializadas têm o objetivo de agregar valor à mensagem da carta-corrente através do uso de testemunhos ou do nome de empresas importantes. Essas informações dão o caráter verdadeiro às mensagens, pois trazem o suporte de grandes empresas ou de pesquisadores. O mecanismo de uso é simples: os autores expõem os objetivos principais da carta e usam as informações de especialistas ou testemunhos para dar credibilidade ao que está sendo lido.

As informações especializadas podem ser tanto do assunto, com termos técnicos e que exigem o mínimo de domínio tecnológico para compreensão, como também podem ser informações recebidas por quem entende do assunto ou que podem ajudar. Ainda que as informações especializadas nem sempre sejam compreendidas pelo leitor, é importante destacar que as informações sobre o meio digital estão sempre presentes, ajudando a criar uma aura de tecnologia de ponta, inalcançável para a maioria das mentes comuns.

No exemplo abaixo, o respaldo para a veracidade da carta está na organização IGWBSAM, que doará a quantia para tratamento do menino. A carta se vale do nome da organização (que não existe, na realidade), para agregar valor à mensagem.

Ele precisa urgente de um dreno que só é fabricado nos EUA. O aparelho, modelo MEH-12-96/B, da **Massachussets Drain Inc.**, que custa U\$S 208,000.00 e Adilzinho

não aguenta mais esperar. Sua família é pobre e não tem recursos. Já levantamos fundos para a viagem. O mais caro ainda falta. **O Massachussets Hospital fará a cirurgia gratuitamente. O IGWSAM Internet Good Will Boys Service Association of Massachussets) local e estrangeiro doara US\$ 0.10 por mail mandado com o título (subject) SOLIDARIEDADE COM ADILSINHO.** Portanto é muito importante prestar atenção a esse detalhe.

(carta 91)

Já no exemplar abaixo, a carta se valeu do conhecimento de grande parte dos usuários da revista Veja e por essa ser considerada uma revista que veicula informações tidas como absolutamente verdadeiras, o e-mail acaba por passar informações “verdadeiras” também, já que pode ser comprovado se os leitores forem pesquisar na fonte fidedigna:

FOI CONFIRMADO PELA REVISTA VEJA DE 10/06!! Pelo fato de haverem muitos perfis não ativos e pelo grande número de fakes existentes, o orkut está limpando o seu cadastro. **JÁ FOI CONFIRMADO E O GOOGLE ESTÀ AGINDO!!!**

(carta 115)

Nos exemplos abaixo, os autores das cartas-corrente usam o nome de grandes empresas do ramo informático para dar credibilidade à informação:

Atenção !! Mais um Novo vírus na área!!!! Essa informação veio da **Microsoft**, e da **Norton**.

(carta 94)

A **IBM** e a **AOL** anunciaram isto ontem de manhã. E que ele é muito mais poderoso que o Melissa e que não há atualmente nenhum antivírus contra ele. Destrói toda a informação de seu disco rígido e também destrói o **Netscape** e o **Microsoft Internet Explorer**.

(carta 97)

As informações especializadas podem aparecer, também, como personagens da carta-corrente, escrita em primeira pessoa e com assinatura acompanhada do cargo em que o especialista ocupa. Na carta-corrente digital abaixo, que aborda uma promoção da companhia de cervejarias Ambev, quem assina a carta-corrente é o suposto gerente de *marketing*.

Mas lembre-se de mandar uma para <mailto:jcajc@ambev.com.br> modo pelo qual podemos ver se você mandou esta mensagem adiante.

André Jr.
Gerente Executiva de Promoções de Marketing da Ambev

(carta 10)

Ainda que haja uma certa dúvida sobre a veracidade da carta, a leitura do cargo pode agregar valor, ainda que, no exemplo acima, venha assinado como gerente executiva, e não como gerente executivo.

i) Solicitação de reenvio

A característica principal da carta-corrente é o seu pedido de replicação explícito. É o pedido que formaliza a mensagem da carta e assegura que, se a pessoa não entendeu que deve ajudar, ela deve pelo menos atender ao pedido que esteja sendo feito. A solicitação de reenvio da carta-corrente, assim como a “importância da mensagem”, pode aparecer em qualquer lugar no texto da carta, pois não é uma estrutura fixa. No início da mensagem, funciona como um dos fatores de identificação imediata do gênero em análise e pode desencadear dois efeitos: 1) ou fazer com que a mensagem seja lida até o fim (ou não) e re-enviada ou 2) fazer com que a pessoa, ao identificar que se trata de uma corrente, apague a mensagem imediatamente.

A solicitação de reenvio pode surgir com a presença de termos modalizadores (por favor, por gentileza) ou não. A seguir, exemplos de solicitação no início da mensagem:

Pessoal,
mandem esta mensagem para, no mínimo, 10 pessoas.

(carta 50)

“**AJUDE** UMA CRIANÇA COM CÂNCER !!!** A SUA AJUDA APENAS NA **RETRANSMISSÃO** DO E-MAIL E ISTO SE REVERTE EM 3 CENTAVOS POR EMISSÃO A UMA GAROTINHA COM CÂNCER.”

(Carta 45)

“Por favor, **transmita-a** para qualquer pessoa que voce conhece e acessa a internet.”

(Carta 67)

Quando a solicitação aparece no meio da mensagem, ela cumpre o papel de reforço argumentativo. Parece reafirmar que a “solução” para o problema apresentado na mensagem é o seu encaminhamento.

“Tudo o que vc tem de fazer é **mandar esta mensagem** para 25 pessoas.”

(carta 10)

“**PASSE ESTA MENSAGEM** A TODOS OS SEUS CONTACTOS DE E-MAIL.”

(carta 34)

A solicitação pode aparecer, ainda, no final da mensagem. Tal atitude do enunciador não é sem intenção, já que a última informação é a que fica gravada com maior intensidade na memória do leitor. O final da mensagem é, portanto, o lugar de aparecimento mais freqüente do pedido de reenvio da mensagem:

Assim que acabar de ler esse aviso, envie esta mensagem para máximo de pessoas que for possível, nada nos garante que ele não possa estar já prejudicando mais gente.

(carta 104)

“**Envie** esta mensagem a todos os seus amigos. Eles ficarão agradecidos.”

(carta 106)

A solicitação para envio da mensagem surge, na maioria das vezes, de um verbo conjugado na terceira pessoa do singular ou plural (envie, enviem, encaminhe/encaminhem) configurando uma ordem. No entanto, é possível que apareçam solicitações de forma **implícita** no texto, através de verbos na primeira pessoa do plural, que passam a idéia de mobilização e de unidade:

“**PRECISAMOS FAZER TUDO QUE FOR POSSÍVEL PARA DETER ESSE VÍRUS.**”

(carta 94)

Embora solicitações em terceira pessoa não sejam comuns, elas reforçam o caráter motivacional e ajudam a criar a atmosfera da replicação, fazendo com que o leitor entenda que ele não está sozinho na tarefa de perpetuar a mensagem.

j) Assinatura

Nos exemplos mostrados acima, o autor-solicitante apresentou os dois interessados com o repasse da mensagem. Embora costume aparecer no início das mensagens, há casos em que o solicitante só se permite evidenciar no final da mensagem:

“Assim que acabar de ler esse aviso, envie esta mensagem para máximo de pessoas que for possível, nada nos garante que ele não possa estar já prejudicando mais gente.
Marc Unbewust prof do I.M.R. Cleveland”

(carta 104) ⁴⁰ grifos nossos.

“Desculpas pelas molestias. **Atentamente: Hotmail Staff Edwar John - President** “

(carta 51)

A assinatura dos supostos autores da mensagem agrega valor à mensagem, fazendo com que esta transpareça seriedade, pois se presume que foi escrita e enviada por alguma instituição idônea, no caso dos exemplos acima. Quando não aparece a instituição ou o cargo da pessoa junto ao e-mail, ela continua com o caráter mais sério que se comparada a uma carta anônima, por exemplo.

Esse fator é especialmente curioso porque, historicamente, as cartas-corrente tinham como principal característica o anonimato. Desde suas primeiras versões em papel até a presença e replicação no meio digital, a grande maioria das cartas correntes continua apresentando o caráter aparentemente anônimo. Através da simples observação das cartas não é possível descobrir quem as escreveu originalmente nem quando o fez. É possível que nunca se descubra o autor “original” de algumas cartas, ainda que elas apresentem a assinatura como forma de legitimar o suposto autor.

É provável que essa preocupação com a assinatura tenha aparecido por um possível desgaste de credibilidade do próprio gênero e, também, pelo eventual aumento de temas propostos. No ambiente virtual, as cartas-correntes digitais já não tratam apenas de solidariedade, mas agregam alerta para infecção de vírus e propagandas de produtos como celulares e laptops, o que, de alguma forma, exige um “atestado” de idoneidade, e

⁴⁰ A parte que interessa ao tópico está grifada. A frase anterior está colocada com o intuito de ilustração.

credibilidade representado (ainda que de forma frágil, já que a “assinatura” no meio digital não possui o mesmo peso/valor de uma assinatura em papel) pela declaração de autoria de uma determinada pessoa e de seu cargo.

Este capítulo apresentou parte da análise das cartas-corrente digitais, levantando aspectos relativos ao seu contexto de replicação, identificação de acordo com os propósitos específicos e seus aspectos funcionais. No próximo capítulo, abordaremos os aspectos formais e estabeleceremos uma relação entre os dois pontos de análise.

4.2 Características formais

As cartas-corrente digitais possuem um propósito comunicativo geral, que é comum a todas elas. Mas, como foi possível observar até agora, possuem também propósitos específicos diferenciados, que podem ser percebidos não só pelos aspectos funcionais característicos, mas pelos recursos lingüísticos que os distinguem. Os aspectos lingüísticos que aparecem nas cartas nos dão pistas de seu uso com maior ou menor intensidade, que conseguimos identificar de acordo com os propósitos. Dentre os traços observados, estão:

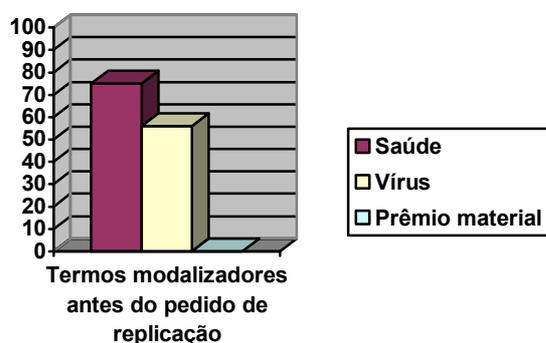
- a) Presença de termo modalizador (por favor) antes do pedido de replicação.
- b) Uso da terceira pessoa ao se referir ao leitor
- c) Presença de adjetivos no texto
- d) Encerramento com assinatura
- e) Presença de termos técnicos relacionados ao assunto da mensagem (quando se tratar do tema saúde verificar uso de termos específicos; em mensagens sobre vírus, verificar termos relativos ao mundo digital que não são de conhecimento amplo)
- f) Verbos indicadores de **instrução** de reenvio
- g) Verbos indicadores de solicitação de reenvio
- h) Uso de caixa alta

a) Presença de termos modalizadores antes do pedido de replicação

O pedido de replicação encontrado nas cartas-corrente digitais analisadas apareceu na forma verbal imperativa. A presença do termo modalizador (por favor) ameniza um pouco o discurso autoritário, que exige o repasse da carta para que se perpetue a mensagem. Em alguns casos, a carta-corrente digital apresenta uma história dramática e cheia de apelo emocional. Nas cartas com a temática saúde, a presença do modalizador aparece em 75% das mensagens, pelo menos uma vez, junto ao pedido de replicação. Nas cartas com a temática vírus, a presença do modalizador não é tão impactante, mas ainda sim expressiva, aparecendo em 56% das cartas observadas.

Para ilustrar a presença dos termos modalizadores, apresentamos a ilustração abaixo:

Tabela 3



São exemplos do uso do modalizador antes do pedido de replicação:

“**Por favor**, ajude-nos. George Arlington “ (carta 8)

“Favor passar essa mensagem adiante.” (carta 91)

“**Por favor**, passe essa mensagem para todas as pessoas de sua lista de e-mail. Se você receber o arquivo já sabe o que fazer: NÃO BAIXE E NÃO ABRA.” (carta 100)

Outro fator importante detectado no uso do modalizador é que este aparece quando a mensagem tem um envolvimento de caráter pessoal com o leitor, como se partisse realmente de um amigo ou de alguém com certo grau de intimidade. Na carta

com a temática “Prêmio material”, a autoria, pelo menos no imaginário do leitor, não é de um amigo, mas de alguém de uma determinada empresa que quer divulgar os seus produtos e, em troca, o leitor/remetente ganhará um prêmio. Não é mais uma relação de dependência, mas sim de “trato/negócio”.

É interessante observar que não foi encontrada, nas cartas que têm como tema o **prêmio material**, a presença do “por favor” antes da solicitação de replicação. Nesse grupo de cartas em específico, a motivação para o repasse das mensagens é de quem as recebe, pois caso repasse, pode ganhar os prêmios descritos na carta-corrente.

b) Uso da terceira pessoa ao se referir ao leitor

No *corpus* analisado, observamos o uso da terceira pessoa ao se referir ao leitor. Essa prática, segundo a amostra, ocorre preferencialmente com o uso da terceira pessoa do singular. Isso se deve em função de um tratamento pessoal, e não tão abrangente como seria se o tratamento fosse na terceira pessoa do plural, o que ressaltaria a impessoalidade e o caráter “massivo” da mensagem. Na maioria das cartas-corrente digitais analisadas, o uso dos verbos direcionados ao leitor encontra-se perto do pedido de replicação, pois o restante da mensagem é voltada para a explicação dos motivos da existência da mensagem (ajuda, prêmio material, alerta contra vírus).

Ou seja, a parte em que o “autor” dirige-se ao leitor está “visível” nos verbos que orientam a replicação. Há variação enquanto número, podendo aparecer tanto na forma de terceira pessoa do singular quanto na terceira plural. A diferença evidencia que, ao escrever o texto, o autor pode ter pensado que a carta poderia ser lida para diversas pessoas, deixando implícita a concretização da replicação da mensagem. No caso da terceira pessoa do singular, vê-se a mensagem como direcionada exclusivamente ao leitor, como se a mensagem fosse ideal, aplicada e produzida somente para ele, reforçando uma exclusividade própria das propagandas que tratam cada leitor como futuro cliente.

Convém destacar que as cartas nem sempre mantêm a unidade verbal na mensagem. Se começam com plural, não necessariamente terminarão com plural, como podemos observar no excerto abaixo:

“Para vocês, que são mães/pais.

Oi,

(...)

A AOL e a Zdenet (em Zimbabwe) concordaram em nos ajudar. O único jeito deles nos ajudarem é **você enviar este e-mail para outras pessoas.**

A AOL vai rastrear este e-mail e contar quantas pessoas o receberam. Cada pessoa que abrir este e-mail e o re-enviar a pelo menos 3 pessoas vai nos render 32 centavos (em dólares de Zimbabwe).

Por favor, **ajude-nos.**

George Arlington “

(carta 8)

Nas cartas com a temática saúde, o uso dos verbos quando direcionados ao leitor é, em sua maioria, conjugado na terceira pessoa do singular (50%), seguido de 38,5% de períodos mistos (singular e plural) e 12,5% exclusivos do plural. Os dados nos indicam uma atenção maior no tratamento com o leitor na tentativa de criar uma aproximação e de passar uma idéia de “exclusividade”, como se a mensagem fosse direcionada especialmente para ele (leitor) naquele momento.

Nas cartas correntes com a temática “Prêmio material”, não encontramos ocorrência com unidade dos verbos em terceira pessoa plural. Do total analisado, 80% corresponde a ocorrências do uso da terceira pessoa singular a referir-se ao leitor, e os outros 20% a ocorrências mistas com início em plural e final em singular. Esses dados nos mostram que, assim como as mensagens publicitárias da grande mídia fazem, essas cartas têm o objetivo de “vender” o nome da empresa e a forma mais eficaz de fazer um *marketing* de relacionamentos é tratar o cliente como exclusivo, como receptor especial da oferta.

As cartas-correntes com a temática “alerta para vírus” parece seguir a tendência das outras temáticas, com a maioria das ocorrências (81%) das mensagens com os verbos em 3ª pessoa singular, 11% com ocorrências mistas, 4% com o verbo em 3ª pessoa plural e 4% com ocorrência em segunda pessoa do singular. Como o fato só foi encontrado na temática “alerta para vírus” e como a linguagem se configura com português corrente em Portugal, não usamos o último dado como variante. No entanto, observamos os seguintes pontos: 1. está escrita em português que, embora haja algumas variações quanto ao estilo, é perfeitamente compreensível para o falante da língua no Brasil; 2. é mais uma prova da falta de limites “geográficos” ou “territoriais” na

Internet, na qual uma mensagem aparentemente produzida por um português aborda as mesmas temáticas que preocupam o mundo virtual no Brasil.

Embora o uso da 3ª pessoa singular se configure como maioria nas ocorrências encontradas, também há registros do uso da primeira pessoa plural nas mensagens, quando o autor se coloca como co-responsável, dividindo a carga com o leitor, e não colocando toda a responsabilidade sobre o leitor. Essa ocorrência surgiu, no *corpus* analisado, nas mensagens com a temática “alerta para vírus”.

“Trata-se de um novo vírus ("manicomium") que começou a circular nesta semana. **PRECISAMOS FAZER TUDO QUE FOR POSSIVEL PARA DETER ESSE VIRUS**”

(carta 67)

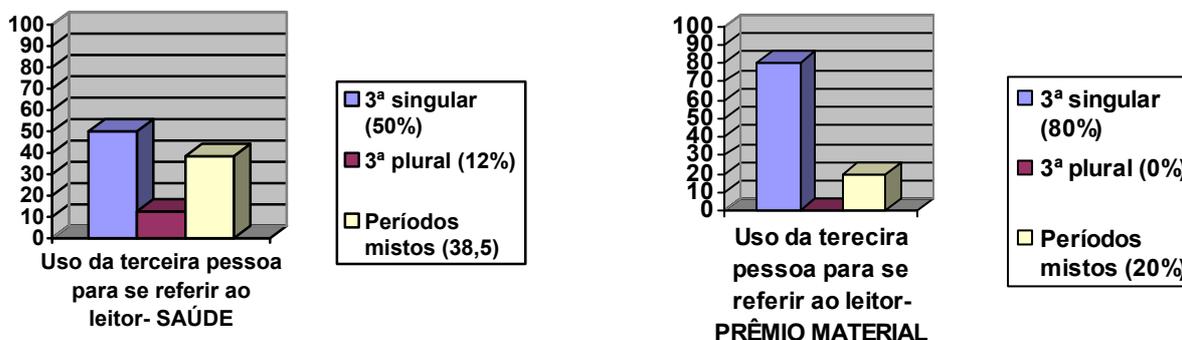
“Se você abrir esse arquivo aparecera a mensagem em seu monitor "Agora é tarde a sua vida não é mais bela" em seguida PERDERÁ TUDO QUE TIVER EM SEU PC e a pessoa que o enviou terá acesso ao seu nome, e-mail e password. Trata-se de um novo vírus que começou a circular sábado pela tarde. **PRECISAMOS FAZER TUDO QUE FOR POSSÍVEL PARA DETER O VÍRUS.**”

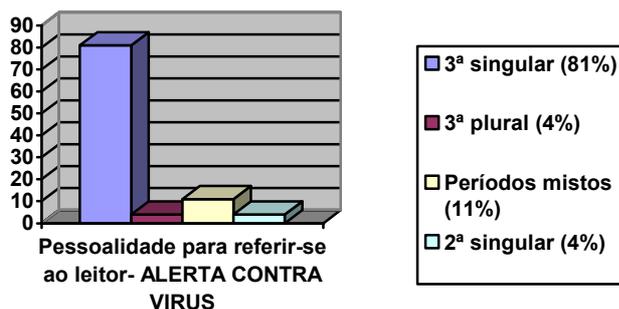
(carta 94)

Os verbos em primeira pessoa do plural possuem o sentido motivacional. Não será apenas o leitor o único a tomar providências, o autor coloca a importância no fato e reforça a necessidade do envolvimento conjunto para solução do problema.

Abaixo, as ilustrações trazem quadros comparativos das abordagens do uso da terceira pessoa:

Tabela 4 : Quadro comparativo do uso de 3ª pessoa





c) Presença de adjetivos no texto

O propósito geral das cartas-corrente é a replicação da mensagem. Por quanto tempo mais ela durar, verificar-se-á que o propósito será alcançado. Uma das formas encontradas e que é bastante recorrente nas cartas-corrente é o uso de adjetivos para qualificar os “problemas” que a mensagem aborda. O adjetivo, classe da gramática que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidade, estado ou modo de ser, está presente praticamente em quase todos os dados que constituem o nosso *corpus*.

Os adjetivos ocupam, nas cartas-corrente digitais, a função argumentativa de influenciar o leitor através da dualidade de informações. Tem-se como fato que, quanto mais direta e simples for a mensagem, maior a chance de compreensão da mesma. Um texto sem adjetivos dá maior liberdade ao leitor para tomar suas conclusões. Já um texto com muitos adjetivos acaba guiando o leitor para um texto óbvio, onde a capacidade de argumentação diminui, já que o próprio autor qualificou os principais pontos.

Ao ler as cartas-corrente, é evidente o jogo de adjetivos, colocados na frase de tal forma que criam uma espécie de dualidade maniqueísta, como se houvesse uma luta do “mal” contra o “bem”. O mal é caracterizado como o problema, seja ele um “perigoso vírus”, uma “rara doença”, uma “severa malformação”(sic). Do outro lado, na luta, existe uma “vida bonita”, uma “pequena criança”. Ainda que se trave a luta, a decisão cabe ao juiz escolher quem deve ganhar. Nesse caso, o leitor.

Nas cartas com a temática “saúde”, os adjetivos enfocam o contraste entre a fragilidade de quem sofre alguma doença contra a crueldade da luta contra o tempo ou falta de recursos, como veremos abaixo:

“Eu sou um pai de 29 anos. Eu e minha esposa tivemos uma **vida maravilhosa** juntos. Deus abençoou-nos com uma criança também. O nome de minha filha é Rachel e ela tem 10 anos de idade. Há não muito tempo atrás, os médicos detectaram um câncer de cérebro em seu **pequeno corpo**. Existe apenas um jeito de salvá-la, que é operando-a. Infelizmente, nós não temos o dinheiro para a operação.”

(carta 08)

“Cleto (foto) é um menino de Bogotá-Colombia, com cinco anos de idade e desde os dois anos sofre de uma **doença rara** chamada "elefantiasis cumerdi", que devido a **grande desnutrição**, tem provocado uma **severa malformação** de seus ossos.”

(carta 27)

A presença dos adjetivos nas cartas que visam benefício material reforçam o caráter publicitário das mesmas. As mensagens que se auto-referem como mecanismo de promoção correspondem a 80% do *corpus* e a linguagem é voltada para convencimento do leitor de que se trata, realmente, de um anúncio sério (e que o prêmio será entregue). Nesse agrupamento de cartas não há a dualidade óbvia evidenciada nas cartas de tema “saúde”, mas sim uma supervalorização do produto que está promovendo.

“Eles são especialmente desenvolvidos para clientes e consumidores da Skol **satisfeitos** com a cerveja que apreciam a tecnologia de **última geração**. Distribuindo gratuitamente nossos Kits, nós conseguimos um grande número futuros clientes e uma boa propaganda "boca-boca".

(carta 10)

A análise realça que, além dos adjetivos, os advérbios, nessas cartas, também reforçam o caráter publicitário das cartas, conforme ilustra o exemplo abaixo.

“POR FAVOR, enviem este e-mail para todos aqueles que conhecem. Este é o pedido de uma garotinha que **brevemente** deixará este mundo, pois ela tem sido vítima de uma terrível doença, o CÂNCER. Obrigado pelo seu esforço. Esta não é somente "carta corrente" (corrente de solidariedade) mas uma escolha de salvar esta garotinha que está morrendo de uma séria e fatal forma de câncer. Por favor, enviem este e-mail a todos aqueles que conhecem! Esta garotinha **só** tem mais 6 meses de vida e como seu último desejo, ela quer enviar uma "carta corrente" para dizer a todos que vivam **plenamente** as suas vidas, já que ela **nunca** terá oportunidade para o fazer. “

(carta 45)

No caso acima, o “**brevemente**” antecipa a situação de morte iminente contribuindo para uma tomada de atitude mais rápida (não há tempo a perder, é preciso

que se envie a mensagem já, pois a menina pode morrer a qualquer momento). O “só” aparece como reforço para o pouco tempo que resta à criança e o “plenamente” refere-se a uma interpretação por parte do autor àqueles que conseguirem entender a mensagem e repassar a carta-corrente digital. O “nunca” aparece como reforço da mensagem, adiantando (ainda que subjetivamente) o destino da criança doente.

d) Encerramento com assinatura

A assinatura, neste trabalho, ocupa a função de atribuição de responsabilidades pelo conteúdo transmitido pelas cartas-corrente digitais. Ao apresentar a mensagem assinada, o texto responsabiliza quem a assinou pela veracidade das informações. As assinaturas foram recorrentes em algumas cartas, mas não em todas, o que reforça o caráter anônimo de um “desconhecido” postar informações sobre um determinado assunto para que as pessoas o ajudem. Embora isso tenha acontecido, detectamos que as cartas que tem como tema o “prêmio material” são as que apresentam maior incidência de assinatura: 60%. A explicação mais aproximada, diante do conhecimento que temos das cartas, é que, como as que visam bem material têm um cunho promocional, o ideal é que pareçam verdadeiras e de empresas realmente envolvidas com o assunto. A melhor forma de evidenciar isso é o uso da assinatura de responsáveis que “trabalham” nas empresas. Outro fato importante observado é que, das cartas onde apareceram a assinatura, todas colocaram o cargo do responsável, sempre ligado ao marketing.

“Mas lembre-se de mandar uma para <mailto:jcajc@ambev.com.br> modo pelo qual podemos ver se você mandou esta mensagem adiante.

André Jr.

Gerente Executiva de Promoções de Marketing da Ambev “

(carta 10)

“Atenciosamente

CARLOS ADOLPHO VEKLISCHER

Nestle Brazil

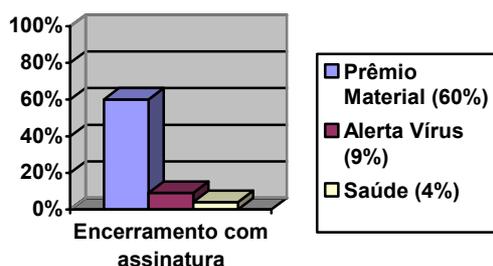
Gerente de Marketing”

(carta 81)

Das cartas com a temática “alerta para vírus”, a assinatura só apareceu em duas cartas, o que corresponde a 9% das ocorrências. Nas cartas analisadas com a temática “saúde”, só encontramos a ocorrência em uma delas, na carta 8.

O fato das ocorrências se concentrarem nas cartas do tema “benefício material” reforça os objetivos específicos e estratégias diferenciadas, adotadas inconscientemente por cada grupo temático. Nas cartas de alerta para vírus, e nas cartas de saúde esse fator não tem tanta importância como outros, como por exemplo, a descrição de um problema de saúde ou os perigos de um novo vírus.

Tabela 5



e) Termos técnicos/específicos

A presença de termos técnicos nas cartas-corrente digitais não são suficientes para indicar um gênero novo. Sua importância está na possibilidade de, pelo menos, sinalizar uma mudança considerável na temática das cartas. Consideramos como termos técnicos as palavras e/ou expressões específicas da própria mensagem, capazes de atribuir valor e conhecimento e cuja presença na carta é essencial, pois além de atribuir sentido, passa um caráter de legitimidade e seriedade por, nem sempre, os termos estarem presente na maioria dos leitores da carta. Os termos específicos cumprem o papel de distanciar o leitor do problema, fazendo com que, na maioria das vezes, ele pense estar diante de algo sério, principalmente no caso de doenças ou vírus. Sobre o assunto, a página onde coletamos as cartas-correntes digitais tem um texto interessante sobre os termos específicos ao abordar uma mensagem⁴¹:

“Há os casos de piadas envolvendo um termo científico como o **monóxido de dihidrogênio**, substância também conhecida como **ácido hidroxílico** e que o vulgo insiste em chamar de água. Essa terrível substância, de efeitos devastadores sobre o meio ambiente, estaria em vias de produzir uma hecatombe mundial e extinguir a vida sobre a face da terra.

(...)

⁴¹ O exemplo apresentado é apenas ilustrativo, pois a mensagem não faz parte do nosso foco de análise.

O fato de a mensagem conter um termo complicado, uma palavra desconhecida ou mesmo inventada garante a ela o passaporte para as caixas de mensagens de meio mundo. A **prolifermilonema**, uma suposta substância alucinógena, deixa resíduos nas narinas de suas vítimas e, segundo o doutor Fulano de Tal, pode provocar a morte. Nenhum dois existe: nem a substância nem o doutor. O **Fenofinol Ameído** e o **Voliteral**, substâncias inexistentes, causariam doenças nos consumidores de um refrigerante.” (site quatrocantos, acesso em 10 de maio de 2007)⁴²

Os termos específicos não são privilégios das cartas-correntes digitais. Em sua versão tradicional, em papel, as cartas-correntes traziam como tema a religiosidade e o apelo a forças sobrenaturais para realização dos desejos. Em contrapartida, os termos utilizados eram voltados a problemas e situações difíceis. As palavras motivacionais eram voltadas para a ênfase da coragem e a referência à religião é constante. Na carta T3⁴³ os termos religiosos estão visíveis claramente, pois o texto inicial é uma oração, intitulada “Oração ao divino Espírito Santo”. O trecho em seguida, que solicita que o leitor “leia com atenção” e usa alguns termos próprios do discurso religioso:

“ACREDITE EM DEUS, COM ORAÇÃO E FÉ TUDO IRÁ BEM, POIS ESSA CARTA FOI-TE ENTREGUE TÃO SOMENTE PARA TRAZER-TE ABUNDÂNCIA. DEU A VOLTA AO MUNDO TODO E HOJE CHEGA PARA VOCÊS TER SORTE DE TER-LA EM SUAS MÃOS. (...) ESTA CARTA FOI ENVIADA DA VENEZUELA POR UM MISSIONÁRIO QUE ENCIU A AMIGOS E APÓS NOVE DIAS RECEBEU UMA BOA SURPRESA. (...) DEUS É A FORÇA, DEUS É O PODER. COM A GRAÇA DIVINA EU HEI DE VENCER”.

(T3)

Os termos técnicos apresentados não são, necessariamente, de domínio específico de um grupo de pessoas, mas ajudam a entender melhor a esfera em que circula, no caso, o discurso religioso. A temática da carta torna-se evidente quando observamos a presença dos ditos “termos técnicos” ou específicos.

Nas cartas-corrente digitais analisadas, os termos técnicos indicam não só o tema da mensagem, mas também parecem fazer uma distinção entre os conhecedores dos termos específicos e os demais. Se, por um lado o leitor pode não entender bem o que cada termo significa, por outro lado a estratégia pode valorizar a mensagem, dando ares de credibilidade ao que está sendo veiculado. A presença de termos técnicos, seja reforçando a temática da mensagem ou ajudando a criar um ambiente específico, está

⁴² <http://www.quatrocantos.com/LENDAS/INDEX.HTM>

⁴³ Carta Tradicional, em papel, de número 3 em nossos arquivos. A carta encontra-se em nossos anexos.

presente em todas as cartas-correntes analisadas, variando apenas em intensidade, na qual foi proporcionalmente maior nas cartas-corrente digitais com o tema “vírus”.

Nas cartas com o tema **saúde**, os termos técnicos se dividem em termos específicos das doenças apresentadas e em termos tecnológicos, que evidenciam o mecanismo de funcionamento da mensagem. No exemplo abaixo, o termo evidencia o tema “saúde” e aborda uma doença rara, de difícil conhecimento para quem, supostamente, não é da área.

Cleto (foto) é um menino de Bogotá-Colômbia, com cinco anos de idade e desde os dois anos sofre de uma doença rara chamada "**elefantiasis cumerdi**", que devido a grande desnutrição, tem provocado uma **severa malformação** de seus ossos. Pedimos de todo o coração que ajudem.

(carta 27)

O leitor-comum dificilmente saberá que não existe uma doença chamada *elefantiasis cumerdi* e que esta provoca má-formação nos ossos, mas certamente se sentira penalizado a não ajudar, pois se trata de uma doença rara e há possibilidade, sim, de que alguém sofra desta doença.

No exemplo abaixo, o termo técnico que dá sentido ao caráter tecnológico da mensagem aparece na colocação de duas empresas de internet de um país “pitoresco”. Ainda que estas empresas ajudem, o auxílio do leitor que encaminhar a mensagem aparecerá em dólares do Zimbábue, como se a maioria dos leitores efetivamente soubesse que no Zimbábue a moeda corrente é o dólar local. A questão colocada aqui é que o termo técnico apresenta ares de seriedade no texto.

A AOL e a Zdenet (**em Zimbábue**) concordaram em nos ajudar. O único jeito deles nos ajudarem é você enviar este e-mail para outras pessoas. A AOL vai rastrear este e-mail e contar quantas pessoas o receberam. Cada pessoa que abrir este e-mail e o re-enviar a pelo menos 3 pessoas vai nos render 32 centavos (**em dólares de Zimbábue**).

(carta 8)

Nas cartas-corrente digitais com o tema Prêmio Material, os termos específicos identificadores da mensagem estão nos verbos utilizados e em algumas formas de tratamento do leitor como “cliente”:

Caro consumidor, Nós da Ambev estamos **distribuindo** nossos Kit Ambev gratuitamente. Eles são especialmente desenvolvidos para **clientes e consumidores**

da Skol satisfeitos com a cerveja que apreciam a tecnologia de última geração. **Distribuindo gratuitamente** nossos Kits, nós conseguimos um grande **número futuros clientes e uma boa propaganda** "boca-boca".

(Carta 10)

O termo “distribuindo” reforça o caráter promocional da mensagem, que explica em seguida a dinâmica da premiação. Embora aparentemente indique que se trata de um termo usual em diversas esferas comunicativas, a palavra “gratuitamente” possui força diferenciada e serve, sim, para reforçar os aspectos promocionais da mensagem.

Na mensagem abaixo, podemos notar a presença de termos específicos para explicar o funcionamento da mensagem e o apelo aos recursos tecnológicos. Como a mensagem é voltada para convencer o leitor de que as empresas da Internet são realmente as que oferecem vantagens e são líderes no setor (dominando tecnologia), a carta-corrente é permeada dos termos:

Microsoft e AOL são agora os maiores **empresas de Internet** e para ter certeza de que a internet Explorer é realmente o **programa** mais usado a Microsoft e a AOL iniciaram um **E-Mail Beta Test**. Se você enviar esse e-mail a amigos a Microsoft pode e vai por um período de 2 semanas **rastream** esse e-mail. Para cada pessoa para quem você mandar este e-mail a Microsoft vai pagar U\$245,00.

(carta 11)

A temática “vírus” é a que usa com maior intensidade os termos específicos da informática e da telemática. O que podemos notar é que quanto mais específico e longe da compreensão de vírus pelos leitores, maior impacto a mensagem parece ter. O uso de termos que não estão no domínio da maioria dos leitores é recorrente:

ATENCAO AO NOVO **VIRUS** CUIDADO CHUMBO GROSSO UM NOVO VIRUS (DANA) FOI DESCOBERTO : PROVAVELMENTE **O HACKER** JADE, RESPONSAVEL PELOS MAIORES ESTRAGOS NO MOMENTO, ESTA **DISSEMINANDO UM E-MAIL** INTITULADO APRENDA A AMAR. A **MCAFEE** ANUNCIOU QUE E MUITO ODEROSO, MAIS DO QUE O **VIRUS MELISSA E I LOVE YOU**, E "**NAO TEM VACINA !!!**".

(carta 34)

Além de usar o termo “vírus”, que faz com que o leitor identifique imediatamente o assunto da mensagem, outros termos específicos como “*hacker*” e “*McAfee*” (software antivírus) criam a idéia de uma impressão diferente para o leitor. A impressão, para quem não tem tanta intimidade com o meio digital, é que a mensagem trata de algo realmente muito sério e perigoso. Os outros termos destacados na

mensagem como “disseminando um e-mail” e “não tem vacina”, ainda que não sejam específicos da mensagem e podem ser colocadas em qualquer mensagem, ganham uma atenção especial quando colocadas dentro da mensagem intimidadora.

f) Verbos indicadores de instrução de reenvio

Para garantir que o leitor entendeu como a mensagem deve ser repassada (e para ter uma espécie de garantia de que não haverá enganos em relação ao repasse), algumas cartas-corrente digitais apresentam características didáticas. A didaticidade é evidente na hora de instruir como deve ser o reenvio. Embora o fator não seja muito comum entre as cartas-correntes digitais⁴⁴, ainda sim é importante apontar a recorrência. De 36 exemplares analisados, seis apresentaram instrução sobre **como proceder para reenviar a mensagem** (16,6% das cartas). Entre os verbos mais comuns que indicam como a mensagem deve ser reenviada está o verbo “mandar” (no infinitivo), na grande maioria das vezes indicando que uma cópia da mensagem deve ser enviada para um determinado e-mail:

“Mas lembre-se de **mandar** uma para <mailto:jcajc@ambev.com.br> modo pelo qual podemos ver se você mandou esta mensagem adiante.

(carta 10)

“Mas lembre-se de mandar um cópia do seu forward para anna.icsson.com <mailto:anna.swelund@ericsson.com>”

(carta 43)

Como podemos ver nas mensagens, o verbo mandar não está direcionado ao envio da mensagem a outros possíveis leitores, mas ao leitor atual e como ele deve proceder ao reenviar a mensagem, para que esta ganhe força e efeito. A orientação é que se envie uma cópia ao e-mail especificado. A solicitação para que o leitor não se esqueça de enviar a mensagem a um determinado e-mail ou que não se esqueça do título da mensagem aparece em 4 das 6 ocorrências e são, de forma igual, das temáticas “Prêmio material” e da temática “saúde”.

⁴⁴ Curiosamente, as instruções sobre como proceder na replicação aparecem em todas as cartas-corrente tradicionais coletadas.

De uma forma bem mais didática (ainda que os verbos estejam indicando ordem por estarem no infinitivo), a carta-corrente 73, apresenta uma série de passos a serem seguidos a fim de obter êxito no envio da mensagem:

“CLIQUE NO LINK ESCREVER E-MAIL (TEM UM LAPIS EM CIMA DE UMA FOLHA); SELECIONE TODOS OS AMIGOS NO CAMPO PARA: E REDIJA OU COLE O CONTEUDO DESTA E-MAIL”

(carta 73)

Percebe-se a preocupação do autor da mensagem em fazer com que o leitor entenda o procedimento de reenvio e que não haja dúvidas na hora de repassar a mensagem. Os verbos apresentados dizem respeito às instruções, o que algumas vezes acaba coincidindo com os verbos indicadores de solicitação de reenvio por seu caráter imperativo. Abordaremos o assunto no item a seguir.

g) Verbos indicadores de solicitação de reenvio

Os verbos indicadores de reenvio são os termos mais recorrentes nas cartas-correntes digitais. São eles que vão indicar, de forma explícita, o objetivo principal da carta-corrente digital, que é ter a mensagem perpetuada. Precedidos ou não por termos como “por favor” ou “por gentileza”, os verbos que solicitam reenvio estão presente nas cartas e seu lugar não é fixo, podendo aparecer no início da mensagem, no meio, ou no final, embora na maioria dos casos o pedido apareça depois da explicação do problema, geralmente no final da carta.

No total foram encontrados os verbos *enviar*, *passar*, *mandar*, *circular*, com suas variações de pessoa (*envie/enviem*, *mande/mandem*, *passe/passem*, *circulem*), de tempo (*reenviando*) e de repetição (*reenviem*, *repassem*).

Nas cartas com a temática **saúde**, encontramos as seguintes ocorrências:

Enviar /enviem:3 (2 para enviem)

Reenvie/reenviando: 2 (um para cada)

Passar/passem:2 (um para cada)

Repasse/repassem: 2 (um para cada)

Mande/mandem: 2(um para cada)

Nos exemplos acima, é visível um equilíbrio entre as variantes dos verbos, indicando uma relativa padronização de uso. Nas cartas voltadas para Benefício Material, foram encontradas nove ocorrências, com até 3 solicitações de reenvio na mesma carta-corrente. Os termos foram:

Mandar/mande: 4 (3 para mandar)	Enviar (com condicional): 3
Enviar (sem condicional): 2	Divulgue: 1

Convém ressaltar que a ocorrência do “enviar” com a condicional “se” é exclusiva das cartas com a temática **Prêmio Material**. Além disso, a presença das cartas com a solicitação no infinitivo é maciçamente maior do que nas cartas com a temática **saúde**, por exemplo. No exemplo da temática saúde, os verbos em infinitivo não representaram ênfase como encontramos em **Prêmio Material**, razão pela qual optamos por agrupar o infinitivo à ordem. O uso do infinitivo demonstrou ser o padrão mais usado nas cartas, razão pela qual merece destaque e que indica que há uma relativa padronização no uso do tempo verbal.

Nas cartas com a temática **Vírus** foram encontradas 34 ocorrências de solicitação de reenvio da mensagem, configurando o seguinte quadro:

Transmita: 3	Circulem : 1
Copie: 3	Mande/mandem: 4 (2 para cada)
Envie: 11	Repasse: 3
Passe/passem: 5 (4 para passe)	Reenvie: 4

Com o que podemos aferir dos resultados, é que as ordens são –em sua grande maioria - enviadas com verbos flexionados na terceira pessoa do singular (91% das ocorrências).

Com os dados apresentados, podemos concluir que embora se tratem de verbos que solicitam a replicação, é visível a diferença temática no uso dos verbos, principalmente se comparados os temas **Vírus** e **Prêmio material**.

A seguir, apresentamos uma tabela comparativa para apreciação:

Tabela 4

	Alerta Vírus	Premio Material	Saúde
Enviar	-	5	1
Envie	11	-	-
Enviem	-	-	2
Reenvie	4	-	1
Reenviando	-	-	1
Repasse	3	-	1
Repassem	-	-	1
Mandar	-	1	-
Mande	2	-	1
Mandem	2	-	1
Circulem	1	-	-
Copie	3	-	-
Transmita	3	-	-
Divulgue	-	1	-

Verbos Indicadores de **solicitação** de reenvio

h) Uso de caixa alta

O uso de recursos nos caracteres como a caixa alta é uma alternativa bastante usada entre os usuários mais experientes da Internet. De acordo com os padrões estabelecidos implicitamente pela comunidade de uso (ainda que não exista claramente um manual de conduta), o uso da caixa alta nas frases representa entonação diferenciada. Se estivesse em um bate-papo, a pessoa que digitou o texto em caixa alta será entendida como “gritando” com seus leitores. Nas cartas-corrente digitais analisadas, percebemos que a ação de gritar não é o fator principal de entendimento, mas sim o fato de o uso da caixa alta representar uma ÊNFASE a uma determinada frase/palavra na mensagem (assim como pretendíamos fazer com a palavra “ênfase” nesta frase).

Conforme visto no capítulo 1, as escolhas do falante evidenciam de maneira especial o gênero analisado. No caso do uso de recursos para representar formas

diferenciadas de percepção da mensagem, em especial a caixa alta, não há como negar a influência do meio digital na redação das mensagens.

Embora não esteja presente em todas as mensagens, o que podemos aferir, inicialmente, é que o recurso varia de acordo com a temática apresentada. Nas cartas-corrente com a temática **saúde** foram encontradas poucas ocorrências do uso de caixa alta. Quando apareceram, restringiam-se a enfatizar o pedido de replicação, destacar o nome da doença e ressaltar o modalizador “por favor”, como podemos observar no exemplo a seguir:

"Vamos Salvar esta criança"
terrível doença, o **CÂNCER**.

(Carta 45)

No exemplo apresentado, podemos ver claramente a ênfase dada com o uso da caixa alta. Caso fosse uma conversa nos padrões face a face, a entonação para as frases destacadas em caixa alta seria, provavelmente, diferenciada das demais. Como forma de transportar esse recurso para a linguagem escrita, a alternativa encontrada foi a digitação dos caracteres de forma diferenciada.

Nos exemplares da temática **Prêmio material**, as ocorrências foram menores ainda, apenas uma carta apresentou o recurso da caixa alta e mesmo assim foi na assinatura de um dos responsáveis. O que podemos interpretar, analisando a carta como um todo, é que a utilização de caixa alta x caixa baixa deixaria a mensagem muito informal e se distanciaria do enfoque publicitário e sério que tenta apresentar, conforme exemplo abaixo:

Divulgue esse e-mail para 15 pessoas com cópia para: ca.veklischer@nestle.com.br, que entraremos em contato com você e enviaremos um lindo kit com todas as novidades da linha Nestlé 2003.

Atenciosamente
CARLOS ADOLPHO VEKLISCHER
Nestle Brazil
Gerente de Marketing

(carta 81)

Nos exemplares da temática **vírus**, foram encontradas em caixa alta o uso de frases-chave de alerta, chamando a atenção do leitor ora para o nome do vírus ora para a maneira como proceder para evitar a contaminação por vírus. Em termos proporcionais,

foi a temática que mais apresentou ocorrências: a caixa alta está presente em 92% dos exemplares da temática. O número é bastante expressivo e indica que há uma assimilação das regras de escrita na Internet por parte dos autores das cartas.

Voce pode receber uma mensagem de divulgacao do filme BICHO DE 7 CABECAS, que, por sinal, e excelente filme. Vem junto como brinde um protetor de telas com uma foto do cartaz do filme, aparentemente inofensivo e muito belo, intitulado "Bicho7". Mas, se voce vier a receber este arquivo, NAO ABRA-O SOB NENHUMA CIRCUNSTANCIA, e sim delete-o imediatamente. Se voce instalar o protetor de telas aparecera uma mensagem em seu monitor "CADA CABECA SETE MUNDOS" e em seguida seu HD sera repartido em sete pedacos e voce PERDERA TUDO QUE TIVER EM SEU PC e a pessoa que o enviou tera acesso ao seu nome, e-mail e password. Trata-se de um novo virus ("manicomium") que comecou a circular nesta semana. PRECISAMOS FAZER TUDO QUE FOR POSSIVEL PARA DETER ESSE VIRUS O UOL, IG e a AOL ja confirmaram sua periculosidade e os softwares anti-virus atuais ainda nao estao aptos a destrui-lo. Segundo relato de um professor da faculdade de medicina da USP, o virus teria sido criado por um ex-paciente de um hospital psiquiatrico que julga que o filme esta baseado em sua historia.
COPIE ESTE E-MAIL PARA TODOS OS SEUS AMIGOS

(carta 67)

É bem provável que a recorrência do uso da caixa alta seja justificada justamente pelo tema, intimamente ligada à Internet, como os vírus. Uma vez que a temática faz referência ao estilo dinâmico de escrita e às regras de percepção das mensagens (como ressaltar frase/palavras em caixa alta), explica-se a maior ocorrência do recurso nesta temática.

Uma vez analisados os aspectos funcionais, prosseguimos para a relação entre os dados coletados e analisados no capítulo 3 (aspectos funcionais) e este capítulo (aspectos formais).

4.3 Estabelecendo relações entre os dados

Conforme vimos no capítulo 3, o resultado da nossa análise sobre os temas específicos de que tratam as mensagens das cartas-corrente digitais indicou a divisão em três temáticas: “Vírus”, “ Prêmio Material” e “saúde”. De acordo com nossa análise detectamos, ainda que, além do propósito geral que as unia (de repasse da mensagem ao maior número de pessoas possível, formando uma cadeia progressiva), as cartas-

corrente digitais possuem propósitos específicos, que foram identificados como visando **benefício específico próprio, benefício específico de outrem e benefício geral.**

Uma vez que observamos esses propósitos específicos, notamos que cada um deles diz respeito a uma das temáticas apresentadas. Ou seja, a temática “vírus” visa o benefício geral, pois visa vantagens para quem enviou a mensagem e para quem a recebeu, alertando para a existência de vírus que podem ser detidos com o conhecimento de todos. A temática “saúde” está direcionada ao benefício específico de outrem, pois as cartas coletadas apresentaram, em 100% de ocorrências, pedido de ajuda com o intuito de beneficiar terceiros que sofrem de alguma doença. As cartas-corrente digitais da temática “prêmio material” apresentaram propósito específico voltado para benefício próprio, pois, caso as mensagens fossem repassadas para um determinado número de pessoas, quem enviou receberia um prêmio. O fator motivacional de cada tema se confunde, portanto, com seus propósitos específicos.

As cartas apresentam uma estrutura que, embora não seja fixa, pode ser definida como apresentação inicial, apresentação do problema, solução para o problema, condição para solucioná-lo e transferência de responsabilidade. Esses pontos evidenciaram a análise dos aspectos funcionais das cartas-corrente, que além de aparecerem de forma regular nos *corpus* apresentados, nos fazem perceber que eles são essenciais para a formação de uma relativa padronização das cartas. Os aspectos funcionais analisados foram a apresentação dos interlocutores, a motivação para leitura completa da mensagem, as instruções de encaminhamento, os mecanismos de funcionamento da carta, as conseqüências da replicação (que podem ser positivas ou negativas), as cotas de reenvio, as informações especializadas, a solicitação de reenvio e, por fim, a assinatura do possível autor das mensagens.

A análise dos aspectos funcionais, além de nos permitir uma classificação, demonstrou que as regularidades, apesar de aparecerem no corpus, não são as mesmas para todas as cartas-correntes. A análise dos aspectos formais seguiu a mesma orientação de classificação por regularidades encontradas e destacamos a presença de termo modalizador (por favor) antes do pedido de replicação, o uso da terceira pessoa ao se referir ao leitor, a presença de adjetivos no texto, o uso de saudação inicial, o encerramento com assinatura, a presença de termos técnicos relacionados ao assunto da mensagem, os verbos indicadores de instrução de reenvio, os verbos indicadores de solicitação de reenvio e o uso de caixa alta.

Podemos notar, ao fazer relação entre os dados, que na apresentação dos interlocutores é comum o uso de vocativos e de uma saudação inicial, ainda que o recurso não seja frequente em todas as cartas-correntes analisadas. Na motivação para leitura completa das mensagens, percebemos que utilizam verbos no imperativo (“leia”, “ajude”) e termos como “atenção”, “urgente”. Ainda que nem todas as cartas apresentem esses termos, a grande maioria utilizou o recurso da caixa alta, para reforçar a atenção. A caixa alta apareceu em outros aspectos funcionais também, como recurso para reforçar algumas siglas dos termos específicos utilizados nas cartas, dos termos que indicam ordens de reenvio e nas orientações para encaminhar a mensagem.

Nas ordens ou solicitações de reenvio aparecem em verbos imperativos, sendo a grande maioria das ocorrências em terceira pessoa do singular. Os verbos imperativos aparecem, também, nas instruções de encaminhamento da mensagem, para ajudar o leitor que não tem tanto domínio do mundo virtual a encaminhar a mensagem. Em algumas cartas-corrente digitais, os autores acrescentaram termos modalizadores antes do pedido de solicitação. O recurso amenizou as ordens dadas, tornando o pedido mais polido e mais pessoal para o leitor.

Os termos específicos/técnicos aparecem em maior frequência nas informações especializadas das cartas-corrente, agregando valor à mensagem e criando uma aura de importância por se distanciar do conhecimento comum dos leitores. Os termos específicos aparecem, também, e na exposição do tema, quando explicam o real objetivo da carta e expõem ao leitor uma gama de justificativas para sensibilizá-lo no repasse.

Observamos, desta forma, que assim como nos outros gêneros, nas cartas-corrente digitais os aspectos formais e funcionais estão intimamente ligados, ainda que tenham sido apresentados no decorrer do capítulo de forma separada para melhor entendimento de cada aspecto. Embora os grupos separados por propósitos específicos aparentem diferenças entre si, é possível perceber que em seus aspectos funcionais aparecem com forte ligação aos aspectos formais e que há uma regularidade entre eles. Em todos os grupos das cartas digitais analisadas foram encontrados esses pontos, mesmo que houvesse uma mobilidade entre eles (no sentido de ordem) e com maior ênfase a um ponto ou outro.

Não há como fugir desta composição porque ela é característica das cartas-corrente. O que as tornam diferentes entre si é o uso dos recursos lingüísticos (formais) e funcionais que estão intimamente ligados ao tema apresentado e ao conhecimento institucional do ambiente de replicação.

Considerações Finais

É importantíssimo que a classificação dos espetáculos tenha ido tão longe que o espectador se aproxima de cada um deles com um modelo estabelecido de expectativas, antes de se encontrar perante o próprio espetáculo.
(ADORNO, 1954, p. 388)

Circulando em papel, as cartas-corrente ocupavam um espaço importante no imaginário popular algumas décadas atrás. A aura mística, que evocava acontecimentos especiais para quem replicasse a carta, motivava a distribuição de cópias por debaixo das portas, mas não se pode negar que as conseqüências da não-replicação eram mais assustadoras do que a própria recompensa. Não se sabe – e talvez nunca se saiba – o real motivo da replicação das cartas-corrente em papel, se por crença ou por medo. O certo é que a prática de reprodução atravessou gerações e, no meio digital, encontrou amplo campo de reprodução.

O meio digital “acolheu”, em seu início, diversos gêneros oriundos de suportes já existentes. Assim foi com os textos de jornais e artigos, que eram transplantados para o novo meio com a mesma redação. Com o passar do tempo, os textos iniciais começaram a se misturar aos novos textos e novas formas de escrever, numa clara adequação das informações ao meio, com o objetivo de usar as possibilidades que o domínio sócio-discursivo digital oferecia.

O correio eletrônico, ou simplesmente e-mail, sobretudo na condição de suporte, colaborou para o aumento do fluxo de gêneros na *web*. Pelas caixas de e-mail começaram a passar, todos os dias, mensagens pessoais, receitas, memorandos, fotos e tudo mais quanto o *software* suportasse. A lista do que circulava (e que continua circulando) por e-mail parece não ter fim, tamanha variedade e velocidade de trânsito. Foi deste meio que nos interessamos por um tipo específico de cartas-corrente, cujo ambiente discursivo parece sinalizar para uma possível mudança de gênero. Observamos, então, que as cartas-corrente digitais começaram a apresentar

características específicas do meio virtual, agregando termos específicos que só constituíam efeito se replicados dentro do próprio ambiente digital e se, caso impressas, perderiam o propósito de replicação e ajuda a que se propunham.

Tal constatação nos instigou a observar as cartas-corrente digitais e a estabelecer uma separação entre aquelas que dependiam exclusivamente do meio digital para constituição de sentido das outras cartas-corrente, *spams* e outros gêneros que circulam por e-mail.

Com base nessas considerações, no presente capítulo apresentamos as considerações finais do nosso estudo sobre os aspectos formais e funcionais das cartas-corrente digitais. Inicialmente, optamos por fazer um pequeno resumo sobre o nosso objeto para, em seguida (nos **Pontos relevantes da pesquisa**), retomar os objetivos pretendidos, as hipóteses levantadas e os resultados alcançados. No segundo momento, apresentamos as **implicações da pesquisa** e nossa interpretação para os dados encontrados. No terceiro momento, apresentamos algumas **sugestões de continuidade** para o tema.

Pontos relevantes da pesquisa

As cartas-correntes digitais se apresentaram a nós como um vasto campo inexplorado. Para pesquisá-las e analisá-las, foi preciso uma observação aguçada e uma metodologia que levasse em conta o gênero em suas peculiaridades. Conforme apresentado nos capítulos iniciais, partimos de uma visão clássica de gênero com base em Bakhtin (1997) para chegarmos aos postulados teóricos que abordam a formação sócio-retórica de gêneros (cf. SWALES, 1990; BHATIA, 1993; 2004). Na escolha da metodologia, optamos por usar o lingüista indiano Bhatia, que possui base teórica voltada para a abordagem sócio-retórica dos gêneros e que propôs procedimentos metodológicos para análise de gêneros. Baseada em seus sete passos metodológicos, orientamos nossa pesquisa visando alcançar o objetivo de análise dos aspectos formais e funcionais do gênero, assim como de especificação de seus propósitos comunicativos e regularidades.

Nosso objetivo geral, ao elaborar a pesquisa, foi analisar os aspectos formais e funcionais recorrentes das cartas-corrente digitais. A relevância do tema de nossa Dissertação em parte se deve à carência de estudos mais aprofundados sobre o assunto.

Ainda que haja mudanças contantes no que é produzido na Internet (e reconheça-se que o que é verdade hoje pode não sê-lo daqui a uma década, provavelmente), consideramos importante analisar os aspectos das cartas-correntes digitais por se tratar de um fenômeno novo e que está evoluindo constantemente.

Assim sendo, apresentamos quatro objetivos específicos, que são:

1. Identificação e distinção das cartas-corrente digitais dos outros textos que, ao circularem na Internet, possuem propósitos comunicativos semelhantes.
2. Análise dos propósitos comunicativos específicos das cartas-corrente digitais coletadas.
3. Identificação e análise das regularidades funcionais encontradas nas cartas-corrente digitais.
4. Identificação e análise de aspectos formais que são regulares nas cartas correntes digitais.

Ao analisar o *corpus*, observamos que existe uma forma de organização de informações dentro das cartas-correntes digitais e que seus textos possuem características observáveis que apontam para a formação de grupos. As diferenças, ainda que sutis, não se resumem apenas ao assunto abordado por cada uma delas, mas à sua forma de escrita e de apresentação das idéias. Ainda que de forma diferenciada, é bem marcada, nos três temas, a ênfase dada ao problema apresentado.

Quanto à distinção das cartas-corrente digitais dos outros textos que, ao circularem na Internet, possuem propósitos comunicativos semelhantes, concluímos que possuem peculiaridades não apenas na sua forma escrita, mas na própria essência de replicação, já que as cartas-corrente (ainda que tenham um caráter anônimo) são enviadas por pessoas conhecidas do leitor e por usuários com contas de e-mail válidos. No entanto, isso não foi suficiente para a identificação e observamos que as cartas diferem dos outros textos apresentados por apresentarem um pedido explícito de replicação e conseqüências caso a mensagem seja (ou não) enviada por e-mail. Deste modo, sobre a primeira hipótese com a qual trabalhamos, é possível concluir que as

cartas-corrente digitais possuem peculiaridades suficientes para serem distintas dos outros gêneros que circulam por e-mail.

Ao operarmos com a hipótese de que as cartas-corrente digitais apresentam um propósito geral que as une (replicação da mensagem), mas que se agrupam em propósitos comunicativos específicos, pudemos chegar a conclusão de que elas poderiam ser agrupadas em três grupos, de acordo com suas peculiaridades de propósito. Neste sentido, a análise que fizemos dos propósitos comunicativos específicos das cartas, autoriza-nos a afirmação de que existem três grupos temáticos de acordo com cada propósito.

Um desses grupos é a replicação das cartas visando o benefício específico de outrem, no qual as cartas estavam voltadas para o tema “saúde”; outro grupo tinha como propósito específico a reprodução das cartas para obtenção de benefício específico próprio, que tinham como tema o prêmio material e, o terceiro grupo, que tinha como propósito a replicação das cartas-corrente digitais visando benefício geral, com o tema “vírus”. Tal conclusão nos remete à constatação de que, embora unidas por um propósito geral – a replicação e perpetuação da mensagem – as cartas poderiam se reagrupar em propósitos específicos que alcançassem seu objetivo proposto na mensagem. Esse objetivo se tornaria mais explícito através da análise das regularidades funcionais e formais das cartas-corrente digitais.

Sobre a identificação das regularidades funcionais encontradas nas cartas-corrente digitais a nossa conclusão é a de que os aspectos mais recorrentes são o diferencial do gênero e que estes acabam por “desenhar” cada grupo de acordo com os propósitos específicos de cada tema. Neste aspecto, a hipótese de que as cartas possuem regularidades de apresentação que as tornam identificáveis pelos usuários de e-mail foi confirmada e pudemos observar que, nos exemplares com a temática “saúde” os aspectos funcionais mais recorrentes foram a apresentação dos interlocutores, a explicação sobre o mecanismo da mensagem (*AOL vai rastrear os e-mails enviados...*) e as conseqüências da replicação.

Nos exemplares das cartas com a temática “prêmio material”, a apresentação dos interlocutores foi decisiva para criar a aura de credibilidade da mensagem, assim como o mecanismo de funcionamento, já que é preciso explicar ao leitor a forma como ele

ganha o prêmio prometido na mensagem. A solicitação de reenvio é explícita, mas não repetitiva, já que o interesse no repasse da mensagem é compartilhado entre autor e leitor e, caso não repasse a mensagem a um determinado número de pessoas (e aqui entra a cota de reenvio), o leitor pode não ganhar o prêmio prometido na mensagem.

Nos exemplares classificados na temática “vírus”, a apresentação dos interlocutores quase não apareceu, já que a ênfase das mensagens está nas conseqüências da não replicação da mensagem. Assim, não se “perde” tempo apresentando os possíveis autores da carta nem sua história de vida. A análise mostrou que, nessas cartas-corrente digitais, o importante é preservar a objetividade, razão pela qual a assinatura também teve poucas ocorrências em nosso *corpus*. Dentre os aspectos que possuem mais impacto, e por isso aparecem em todos os exemplares da temática, estão as informações especializadas. Isso acontece, principalmente, pelo fato de o tema estar ligado diretamente ao mundo virtual, pois os vírus alertados pelas cartas são vírus do mundo informático, não vírus biológicos. Devido a essa especificidade, percebemos que as instruções de encaminhamento foram mais claras e em quantidade bem maior no grupo das cartas da temática vírus. O fator curioso é que nenhum exemplar desse grupo definiu a cota de reenvio, deixando para o leitor a responsabilidade de passar a mensagem a todos os contatos possíveis.

Finalmente, no que diz respeito ao estudo dos aspectos formais, que são regulares nas cartas correntes digitais, a análise nos permite sugerir que as escolhas lexicais vão se adequar ao propósito específico de cada carta. Este é o motivo pelo qual encontramos, nas cartas com o tema saúde, um cuidado maior na escrita, no uso de adjetivos e termos modalizadores, tudo com o objetivo de estreitar laços virtuais com o leitor. Em outras palavras, o autor das cartas com tema saúde está pedindo um favor, por isso o seu discurso é cheio de cuidados e direcionado para sensibilização do leitor, visando o reenvio para benefício de outrem. Enquanto na temática Vírus o aparecimento da caixa alta foi flagrante, nas cartas-corrente digitais de tema Saúde, o recurso quase não apareceu e, onde surgiu, enfatizou o nome de empresas que fariam doação (AOL) e o pedido de replicação.

Nas cartas do tema Benefício Material, observamos uma formalidade maior do que nas outras cartas, com o objetivo justamente de aparentar, em uma parte delas, uma carta promocional ou jogo de *marketing* empresarial. Nestas cartas, a saudação inicial

com vocativos foi expressiva, assim como o encerramento das mensagens por “autoridades” no assunto. A solicitação de reenvio, algumas vezes abusiva nas cartas que visam bem material, poucas vezes foram colocadas nas cartas, deixando a critério do leitor a participação na “promoção”. O que pudemos notar foi que o pedido de replicação aparece explícito poucas vezes, mas o fator maior de convencimento estão nos argumentos e nos prêmios ofertados no corpo da mensagem.

Tendo em vista o trabalho realizado, acreditamos que conseguimos alcançar nossos objetivos específicos propostos e concluir que as cartas-corrente digitais possuem regularidades nos seus aspectos formais e funcionais, mas que isso não é pré-requisito para uma padronização de temas ou de formas. Dentro das inúmeras possibilidades de redação, os exemplares analisados apresentaram diferenças de acordo com seus propósitos específicos e os aspectos formais e funcionais nos revelaram as estratégias utilizadas por cada grupo para melhor alcançar este objetivo.

Implicações da pesquisa

A nossa “descoberta” foi bastante instigante pois conseguimos identificar as regularidades da carta-corrente digital e alguns aspectos que são específicos do próprio gênero não apenas por se tratar de uma mensagem que circula por e-mail, mas por levar em consideração as peculiaridades desse meio que utiliza estratégias de escrita e de abordagem de assuntos que configuram como específicos.

Analisando as cartas-corrente digitais, notamos que a sua presença no domínio sócio-discursivo da Internet não parte de um simples “transplante” de meio ou de suporte. Em todos os aspectos analisados, sejam eles funcionais ou formais, as cartas-corrente digitais deram plenos sinais de que possuem vestígios do meio digital na sua escrita, o que reclama dos produtores/consumidores desse gênero um tipo de letramento adequado à situação de escrita na Internet.

Conforme visto nos primeiros capítulos, o meio digital requer um letramento, um conhecimento específico de como navegar na Internet. Só através desse conhecimento, é possível abrir páginas, visitar *links*, participar de *chats*, copiar trechos

de textos importantes para colá-los em outro lugar, abrir, ler, produzir e enviar e-mails. Em nosso caso, o conhecimento do gênero vai além da simples abertura de e-mails, vai do entendimento de ações como encaminhar mensagens a um receptor ou mais até a preservação do título da mensagem ou de anexar algum arquivo. Além desse conhecimento, o uso de alguns termos se tornam extremamente comuns e fazem parte quase que de forma natural no vocabulário contemporâneo. Dessa forma, *copiar e colar*⁴⁵, por exemplo, ganha outros significados que não é o de nenhuma aula de artes de escola, e sim reproduzir integralmente um determinado texto ou figura.

Embora as cartas-corrente sejam textos que, por sua própria natureza, são “copiados-e-colados”, ou seja, reproduzidos integralmente, notamos que aos poucos novos termos foram agrupados ao discurso. Não só nas solicitações de reenvio, nas quais o pedido explícito de replicação deixa claro, a importância que se dá ao ambiente virtual ao solicitar que se “envie o e-mail”, para a maior quantidade de pessoas possível, mas também na própria natureza digital das cartas, que só surtem efeito caso sejam replicadas por e-mail ou dentro do ambiente virtual. Dessa forma, as mensagens com tema *saúde e prêmio material* explicam a eficácia de seu mecanismo de funcionamento através da contagem de títulos e do rastreamento de determinado e-mail. Nas cartas que tratam de vírus, não é preciso reportar o funcionamento da mensagem, mas a própria temática revela a natureza digital do texto.

Em todas as mensagens, observamos que o ambiente de replicação contribuiu para novas percepções do gênero e que, embora possuam o propósito comunicativo geral comum a todas (replicação), há uma importância considerável aos propósitos comunicativos específicos que evocam a compreensão da mensagem pelo leitor e o domínio – ainda que relativo – do meio digital para replicação e alcance dos objetivos.

Embora os indícios sócio-retóricos encontrados apontem para o estabelecimento de um novo gênero, optamos por não nos aprofundar na definição das cartas-corrente digitais como tal por não se tratar do objetivo principal deste trabalho. É inegável, porém, que estamos diante de um fenômeno complexo e interessante, que embora ainda resguarde seu propósito específico geral e que tenha ainda muitas características herdadas e visíveis das cartas-corrente tradicionais, traz fortes pistas de ser um gênero novo. Com base nessas implicações, sugerimos a continuidade do trabalho no próximo tópico.

⁴⁵ Para uma discussão mais aprofundada sobre esse recurso, cf. Santos (2007).

Sugestões de continuidade

As possibilidades de estudo sobre o tema cartas-corrente digitais são tantos quanto a curiosidade do pesquisador permitir. Acreditamos que, ao iniciar um trabalho de análise dos aspectos formais e funcionais das cartas-corrente, começamos a explorar um mundo relativamente novo e descobrimos aspectos que podem ser observados com mais profundidade por outros pesquisadores.

Ainda que tenhamos observado os aspectos recorrentes das cartas e tentado estabelecer uma relação entre seus aspectos formais e funcionais, e assim cumprido os objetivos propostos no capítulo inicial, reconhecemos que o trabalho possui ainda algumas lacunas. Por questão de tempo ou por não se tratar do objetivo principal desta pesquisa, não aprofundamos a discussão sobre o estatuto genérico da carta-corrente digital, embora os indícios mostrados apontem para essa conclusão ou, pelo menos, para uma observação mais acurada do fenômeno. Decorre dessa constatação uma implicação teórica importante segundo a qual a carta-corrente digital pode ser mesmo mais um gênero virtual que está se estabelecendo, cujo estatuto genérico pode ser melhor investigado.

Outro ponto que sugerimos como continuidade é a observação dos propósitos específicos de cada carta-corrente digital na construção de um complexo genérico bem maior do que o apresentado nesta Dissertação. Se constatamos propósitos comunicativos específicos entre os exemplares das cartas-corrente digitais, talvez isso pudesse ser melhor investigado à luz da noção de constelação de gêneros. Araújo (2006, p.2666), em sua análise sobre a constelação dos gêneros chats, afirma que “eles não são homogêneos, uma vez que atendem a propósitos comunicativos distintos, e é exatamente isto que justifica o uso da categoria **constelação de gêneros**” [grifos do autor]. Sendo assim, a percepção dos propósitos específicos diferenciados das cartas-corrente digitais e a sua separação por temas nos inclina a pensar na existência de classes distintas de gêneros. Mas essa hipótese carece de uma investigação bem mais acurada para que se possa afirmar algo com mais consistência.

Finalmente, sugerimos que poderia também ser interessante a análise de cartas-corrente e mensagens que trazem os recursos da *web* como links, som e imagens animadas para enriquecimento do debate sobre os gêneros de natureza hipertextual (cf. ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005). Além de ser uma oportunidade para discutir sobre a hipertextualidade que extrapola as páginas da Web e perpassa outras práticas discursivas, imaginamos que essa temática seja também importante para compararmos o grau de absorção do meio pelo gênero.

Referências

ARAÚJO, J.C. (Org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ARAÚJO, J.C. & COSTA, R.N. Momentos interativos de um chat aberto: a composição do gênero. In. ARAÚJO, J.C. (Org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, pp. 21-34.

ARAÚJO, J.C. Os chats: uma constelação de gêneros na Internet. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, M.A.; MIRANDA, T.P.de. (Org.). **Teses & Dissertações: Grupo PROTEXTO**. Volume 2. Fortaleza: Edições UFC, 2006. ISBN 8572822186.

ARAÚJO, J.C. & BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.) **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a.

ARAÚJO, J.C. & BIASI-RODRIGUES, B. A natureza hipertextual do gênero chat aberto. In. ARAÚJO, J.C. & BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.) **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b. pp. 48-62.

ARAÚJO, J.C. Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual. In. CAVALCANTE, M.M.; BRITO, M.A. & MIRANDA, T.P. (ORGS.). **Teses & Dissertações: Grupo PROTEXTO**. Volume 1. Fortaleza: Edições– UFC, [2003] 2005. [CD-ROM]. ISBN – 85-904864-2-7

ARAÚJO, J.C. A conversa na Web: o estudo da transmutação em um gênero textual. IN MARCUSCHI, L.A. e XAVIER, A.C. **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, pp. 91-109.

ARAÚJO, J. P. **Caracterização do cibegênero: Home Page corporativa ou institucional**, 2003a. Disponível em:
<<http://www.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0302/08.htm#0>> Acesso em fev/2006.

ARAÚJO, J.P. **Cartas –correntes: Evolução e classificação**, 2003b. Disponível em:
<<http://www.comunicar.pro.br/artigos.html>> Acesso em mai/2006

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de janeiro, Ed.Ediouro. Coleção Universidade de Bolso, S/d.

ASKEHAVE, I & SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**, v.22, n.2, p. 195-212, 2001.
[Tradução: Maria Erotildes Moreira e Silva e Bernardete Biasi-Rodrigues]

ARSDALE, D. W. **Chain Letters Evolution**, 1998, 2002. Disponível em:
<<http://www.silcom.com/~barnowl/chain-letter/evolution.html>>. Acesso em jan/2006.

- BAKHTIN, M.M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.
- BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Pereira. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M.M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. M. Lahud e Y.F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo, SP: Cortez, 2005.
- BEZERRA, B.G. **A distribuição das informações em resenhas acadêmicas**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, Ce. Universidade Federal do Ceará, 2001.
- BHATIA, V. K. **Worlds of written discourse: a genre-based view**. London: Continuum, 2004.
- BHATIA, V.K. V. K. Genre Analysis today. **Revue Belgue de Philologie te d'Hitoire**. Bruxelles, 75:629-652. 1997. Tradução: Benedito Gomes Bezerra.
- BHATIA, V.K. **Analysing genre: language use in professional settings**. London and NY: Longman group UK limited, 1993.
- BONINI, A. **Gênero Textual como signo lingüístico: reflexos da tese da arbitrariedade**. 2001, Disponível em <<http://www.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0102/07.htm#0>> , Acesso em jan/2006
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E (ORGS.) **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CROWSTON, K. e WILLIAMS, M. **Reproduced and emergent genres of communication on the World-Wide-Web** In: *Proceedings of the Thirtieth Annual Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS '97)*. Maui, Hawaii, vol. VI, pp. 30-39. Disponível em <<http://crowston.syr.edu/papers/genres-journal.html>> Acesso em fev/2006
- COIMBRA, R.L. Cartas em cadeia por e-mail: um novo gênero textual? Segundo Colóquio Internacional Redes e Cibercidades, 4-6 de Novembro de 2002, Universidade de Aveiro
- COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E (ORGS.) **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CROWSTON, K. e WILLIAMS, M. **Reproduced and emergent genres of communication on the World-Wide-Web** In: *Proceedings of the Thirtieth Annual Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS '97)*. Maui, Hawaii, vol.

VI, pp. 30-39. Disponível em <<http://crowston.syr.edu/papers/genres-journal.html>> Acesso em fev/2006

FARACO, C.A. **Linguagem e diálogo**: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

GAEDE, C.R. **A comunidade discursiva virtual sociedade Senhor dos Anéis**: caracterização e condições de participação. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2003.

GALLI, F.C.S. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 120-134.

HEMAIS, B. & BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In. MEURER, J.L., BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. pp. 108-129.

JONSSON, E. **Electronic discourse: on speech and writing on the Internet**. Disponível em: <<http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>>, 1997. Acesso em fev/2007

KATHPALIA, S. S. Cross-cultural variation in professional genres: a comparative study of book blurbs. **World Englishes**, vol 16. n° 3, 1997. pp. 417-426.

KLEIMAN, A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento*: perspectivas lingüísticas. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 173-203.

KOMESU, F.C. **A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet**: a relação autor-herói-leitor, Campinas, SP. Dissertação, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.

LEVY, P. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: ed. 34, 1998

LEVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: ed. 34, 1999.

MAGNATINI, C. **O que se faz com a linguagem verbal?** (2000) Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0101/10.html>> Acesso em abr/2006

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 13-67.

MARCUSCHI, L.A. **Hipertexto: definições e visões**. Comunicação apresentada no I seminário sobre Hipertexto. Universidade Federal de Pernambuco (UFPe). Recife, 16 e 17 de outubro, 2000.

MARSHAL, D. **Ciberespaço e cibergêneros discursivos**: Benesses e desafios para professores e alunos de línguas estrangeiras. Disponível em:
<<http://www.ufsm.br/linguagemcidadania/0203/Debora.htm>> Acesso em set/2006

MERTON, R. & LAZARFIELD, P. Comunicação de Massa, gosto popular e a organização da ação popular, 1964 . In. LIMA, C. L. **Teoria da Cultura de Massa**. Editora Paz e Terra , 1969 pp.105- 127.

NIELSEN, J. **How users read on the Web**. Disponível em:
<<http://www.useit.com/alertbox/9710a.html>>, 1997. Acesso em jan/2007

ORLIKOWSKI, W. J. & YATES J. (1994). “Genre Repertoire: Norms and Forms for Work and Interaction”, **MIT Sloan School Working Paper #3671-94**, *Center for Coordination Science Technical Report #166*. Disponível em:
<<http://ccs.mit.edu/papers/CCSWP166.html>> Acesso em abr/2006

PAIVA, V.M.O. E-mail: um gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A & XAVIER, A.C. (Orgs.) **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 68-90.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Ed. Pontes, 2000.

ORLIKOWSKI, W. J. & YATES J. (1994). “Genre Repertoire: Norms and Forms for Work and Interaction”, **MIT Sloan School Working Paper #3671-94**, *Center for Coordination Science Technical Report #166*.

<http://ccs.mit.edu/papers/CCSWP166.html> (acesso em 15.04.2006)

PAIVA, V.M.O. E-mail: um gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A & XAVIER, A.C. **Hipertextos e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PAIVA, V. L. M. (Org.). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

PALÁCIOS, M. **O Medo do Vazio: Comunicação, Sociabilidade e Novas Tribos**; In. RUBIM, A A., Idade Mídia, ed. Edufba, Salvador, 1995.

PIRES, V.L. Sujeito e sentido em Bakhtin e Benveniste. IN: FLORES, V.N.; BARBISAN, L.B.; TEIXEIRA, M (orgs.) **Letras de Hoje**. Porto Alegre, V.39, n.4 dez/2004.

RHEINGOLD, H. **A Comunidade Virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

RODRIGUES, B. **Como a linguagem se comporta na Internet**. Disponível em:
<http://www.webwritersbrasil.com.br/base_txt.asp?numero=413> Acesso em: jan/2006.

RIBEIRO, M.R. & ARAÚJO, J.C. “Pronto, tia, eu já escrevi o site do ‘rotimeio’. Agora é só apertar o enter?” O endereço eletrônico na sala de aula.. In. ARAÚJO, J.C. (Org.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, pp. 165-178.

SÁ, C. M. **Ler e escrever com a banda desenhada**. Disponível em:
<http://www.ipv.pt/millennium/19_spec2.htm> Acesso em 10.01.2006.

SCHAFF, A. **A Sociedade Informática**. Ed; Brasiliense, 1985.

SOUSA, M.

SWALES, J.M. **English in academic and research settings**. Cambridge, University Press, 1990.

SWALES, J.M. **Re-thinking genre: another look at discourse community effects**. Apresentado no “Re-thinking Genre Colloquium”, Universidade de Carleton, Ottawa, abr. 1992. [Tradução: Benedito Gomes Bezerra]

VAN DIJK, T.A. **Narrative macro-structures: Logical and Cognitive Foundations**. Contributed to a Symposium organized by the Linguistics Dept. of the University of Essex, England, February 14-16, 1975.

VAN DIJK, T.A. **La ciência del texto: um enfoque interdisciplinario**. Ed. Paidós, Buenos Aires, 1992.

VANOYE, F. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. Trad. e Adaptação Clarisse Madureira Sabóia. 11. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1998.

WATROUS, D. (2001). **Chain Letters**. <http://athos.rutgers.edu/~watrous/chain-letters.html> (acesso em 12.01.2006)

XAVIER, A. C. S. **O letramento digital**, 1999. Disponível em:
<www.unicamp.br/~hytex> Acesso em nov/2005

XAVIER, A.C. Letramento digital e ensino. In. SANTOS, C.F. & MENDONÇA, M. (Orgs.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, pp. 133-148.

ZANOTTO, N. **E-mail e carta comercial**. Estudo contrastivo de gênero digital. Ed. Lucerna. Rio de Janeiro, RJ. 2005

Anexos

Apresentamos, neste anexo, **alguns exemplares** de cartas-corrente digitais colhidas no site www.quatrocantos.com e recebidas por e-mail. Apresentamos, também, cópia de **alguns** exemplares de cartas-corrente tradicionais recebidas por doações de terceiros e coletadas em igrejas católicas, onde ainda circulam.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)